



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

BRUNA PERALVA DE SOUZA VILAS BOAS

**O CULTIVO DA PAISAGEM REGIONALISTA DE BEM-ESTAR EM AMAURY DE  
MEDEIROS**

Recife

2024

BRUNA PERALVA DE SOUZA VILAS BOAS

**O CULTIVO DA PAISAGEM REGIONALISTA DE BEM-ESTAR EM AMAURY DE  
MEDEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre(a) em Desenvolvimento Urbano.

Área de concentração: Desenvolvimento Urbano.

Orientador (a): Ana Rita Sá Carneiro

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Boas, Bruna Peralva de Souza Vilas.

O cultivo da Paisagem Regionalista de Bem-Estar em Amaury de Medeiros / Bruna Peralva de Souza Vilas Boas. - Recife, 2024.  
146 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2024.

Orientação: Ana Rita Sá Carneiro.

Inclui referências.

1. Amaury de Medeiros; 2. Bem-estar; 3. Paisagem regionalista; 4. Recife; 5. Regionalismo. I. Carneiro, Ana Rita Sá. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano  
Universidade Federal de Pernambuco

**Bruna Peralva de Souza Vilas Boas**

**“O CULTIVO DA PAISAGEM REGIONALISTA DE BEM ESTAR EM  
AMAURY DE MEDEIROS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 27/02/2024.

**Banca Examinadora**

Participação via Videoconferência

---

Profa. Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

---

Profa. Maria de Jesus de Britto Leite (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

---

Profa. Telma de Barros Correia (Examinadora Externa)  
Universidade de São Paulo



---

Emitido em 27/02/2024

**APROVACAO DA BANCA Nº 39/2024 - DAU (12.13.03)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 03/03/2024 21:18 )*

ANA RITA SA CARNEIRO RIBEIRO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DAU (12.13.03)

Matricula: ###039#0

Visualize o documento original em <http://sipac.ufpe.br/documentos/> informando seu número: **39**, ano: **2024**, tipo:  
**APROVACAO DA BANCA**, data de emissão: **03/03/2024** e o código de verificação: **7eed279634**

À Mael, que trouxe a primavera quando chegou.

## **AGRADECIMENTOS**

Um trabalho como esse não é elaborado apenas por duas mãos. Por isso, a etapa dos agradecimentos é uma das mais significativas e um tanto injusta por não contemplar todos os nomes que de algum modo colaboraram para a finalização dessa dissertação. Diante disso, tenho muito a agradecer e começo grata ao Criador da natureza sublime que declara o bem de seu nome, quem sustenta as árvores, o sol, o mar e a mim. Cada um em seu lugar e ao seu próprio tempo e modo.

Agradeço as amendoeiras de Itapoã nos verões da minha infância, que me ensinaram paisagem antes mesmo de eu lhe conhecer o conceito, e ao pôr-do-sol em seu Farol, ainda no meio da escrita desse trabalho, que com a cor mais bonita da Bahia banhava o mar num laranja brilhante me fazendo experimentar das palavras que escrevi aqui: há um bem que só a natureza pode entregar.

Agradeço à minha orientadora Ana Rita Sá Carneiro, pesquisadora nata de curiosidade acadêmica singular. Sem sua distinta competência esse trabalho não seria possível, por isso agradeço o suporte da orientação, o incentivo, inspiração e riqueza das tantas aulas.

Agradeço também ao Laboratório da Paisagem e toda a bagagem que me ofereceu desde a graduação. Em especial, à Mirela Duarte, que gentilmente me apresentou os conceitos de paisagem, me abrindo uma nova perspectiva de sensibilidade acerca do mundo e ao sublime da natureza com tanto entusiasmo e encantamento que não foi difícil me apaixonar. À Mi, Wilson e Jônatas, pelo suporte, parceria, risadas ofertadas, por toda a paciência, incentivo e motivação. À Lúcia, Onilda, Joelmir, Maiara, Thaís, Benícia, Luisa, Ana Letícia e Mariana pelo suporte, sugestões, materiais compartilhados e reuniões inspiradoras.

Agradeço à professora e pesquisadora Telma Correia de Barros que, por meio da pesquisa

robusta em seu livro “Amaury de Medeiros e o Recife: arquitetura, cidade e higiene na década de 1920” (2020), tornou possível o meu “encontro” com Amaury de Medeiros e seu gosto de paisagem.

Agradeço o Dr. Luiz Barreto, à frente do Memorial de Medicina de Pernambuco, que em generosidade me recebeu, me ensinou e compartilhou livros de sua biblioteca pessoal para o enriquecimento deste trabalho.

Agradeço aos professores do MDU, pelas aulas e discussões proporcionadas que despertaram questionamentos, fomentando assim a profissional que sou hoje. Do mesmo modo, a Renata Albuquerque e Natália Vieira, sempre solícitas, me auxiliaram no que foi preciso desde o dia da matrícula.

Agradeço aos colegas de classe do MDU. À Caio, Amanda, Rafa, Alysson, Fran, Hugo e Célio pelas trocas ao longo do curso, mesmo em meio a uma pandemia, compartilhar a rotina com colegas tornou o processo mais leve. Em particular, tenho a agradecer à Gabi e Maricota, minhas companheiras nas noites de escrita, nos dias cansaço e nas chamadas de vídeo à livre demanda. Obrigada pela parceria, companhia, orientações e escutas ao longo desse processo, não seria o mesmo sem vocês, “ainda bem que a gente teve a gente”.

Dentre todos os nomes, agradeço à Mael. Com o coração repleto de admiração e ternura pelo meu melhor amigo, meu amor e parceiro da vida, eu sou grata pela inspiração dos dias todos, a paciência farta, a torcida constante e por segurar a minha mão em absolutamente qualquer circunstância. A vida com você é uma aventura e não consigo imaginar nada melhor que isso.

Sou grata a painho e mainha, por toda a entrega, preocupação, suporte e oração ao longo de tantos anos de estudo e formação. À Lalá minha irmã, minha amiga e meu presente por me ofertar sempre a melhor risada do mundo. Amo vocês!

Agradeço à Laís, Mari, Yazinha e Aninha, amigas que a faculdade me presenteou para a vida e que desde a época da graduação cooperam para que eu seja inspirada a pensar sobre urbanismo e arquitetura a partir de referências de excelência, pessoas que se importam com cidades melhores e mais justas.

Agradeço a Débora, minha amiga-irmã. Pelos dias bons e ruins na vida compartilhada, pelas montanhas escaladas e a vista que elas nos proporcionam “da nossa varanda”. Eu te amo, obrigada por tanto sempre.

E também à Tati, Pedro, Laroca, Rayo, Poli, May, Dani, Victor, Raíra, Del, Ari, Phablo, Deb A., Jô, Emília, Hemily, Dudinha, Leo, Chico, Bea, Augusto, Nayzinha, Pam, Andrew, Raquel, Leo, Fagna e Maurício por serem fontes de motivação, inspiração, força e orações durante a execução do presente trabalho. E à Tiago, Peu e Carolzinha, pela paciência das tantas e tantas refeições regadas à conversas sobre saúde pública, Amaury de Medeiros, contato com a natureza e bem-estar.

Por fim, agradeço à FACEPE, pelo aporte financeiro que viabilizou a conclusão desta dissertação.

"Deus todo poderoso primeiro plantou um jardim, e de fato ele é o mais puro dos prazeres humanos. Ele é o maior consolo para o espírito do homem".

BACON, 1992.

Do Recife mudado, “Recife morto”,  
como o avô descrito por Manuel Bandeira.  
Do “watu morto”, o Rio Doce que como um avô,  
já não estava mais entre eles , dizia Ailton Krenak.

**Toda paisagem** (quando se vai)  
**carrega consigo uma parte de nós.**

## RESUMO

O médico Amaury de Medeiros teve sua passagem como diretor pelo Departamento de Assistência e Saúde de Pernambuco, durante a gestão do governador Sérgio Loreto (1922-1926), reconhecida por seus pares e elogiada pela gestão e controle de epidemias predominantes no início do século XX. Muitos dos avanços de saúde em Pernambuco se deram pelas estruturação desse departamento, assim como pelas estratégias de prevenção de doenças infectocontagiosas predominantes nas ruas recifenses. O que pouco se sabe é que além de médico, Amaury de Medeiros, também atuou como ativista do Movimento Regionalista e como paisagista na capital do Estado de Pernambuco, esteve à frente do projeto do Parque Oswaldo Cruz como paisagista e participou de forma direta do projeto do Parque do Derby. Sua sensibilidade à paisagem no Recife foi ativa no que tange à regionalidade, como integrante do Centro Regionalista. Amaury de Medeiros se envolveu em eventos, campanhas e palestras voltadas à preservação da paisagem urbana e edificações históricas, arborização das ruas e concepção de jardins públicos. Com apoio nas abordagens de paisagem e bem-estar trabalhadas por Jean-Marc Besse e Pierre Donadieu, o presente trabalho tem como finalidade refletir acerca da atuação de Amaury de Medeiros como médico-paisagista levando em consideração aspectos como a sua sensibilidade à paisagem e ao contexto regionalista.

**Palavras-chave:** Amaury de Medeiros; Bem-estar; Paisagem regionalista; Recife; Regionalismo.

## **ABSTRACT**

The Doctor Amaury de Medeiros worked as director of the Department of Assistance and Health of Pernambuco, during the administration of governor Sérgio Loreto (1922-1926), recognized by his peers and praised for his management and control of epidemics prevalent at the beginning of the 20th century. Many of the health advances in Pernambuco were due to the structuring of this department, as well as the strategies for preventing infectious diseases predominantly on the streets of Recife. What we know a little is that in addition to being a doctor, Amaury de Medeiros, also active as an activist in the Regionalist Movement and as a landscaper in the capital of the State of Pernambuco, was in charge of the Oswaldo Cruz Park project as a landscaper and participated directly in the Derby Park project. His sensitivity to the landscape in Recife was active with regard to regionality, as a member of the Centro Regionalista. Amaury de Medeiros was involved in events, campaigns and lectures aimed at preserving the urban landscape and historic buildings, street afforestation and designing public gardens. Based on landscape and well-being approaches worked by Jean-Marc Besse and Pierre Donadieu, this work has a reflective focus on Amaury de Medeiros' performance as a landscape doctor, taking into account aspects such as his sensitivity to the landscape and the context regionalist.

**Keywords:** Amaury de Medeiros; Well-being; Regionalist landscape; Recife; Regionalism.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 1   INTRODUÇÃO</b>  | <b>14</b>  |
| <b>CAPÍTULO 2   A PAISAGEM REGIONALISTA E O BEM-ESTAR URBANO</b>  | <b>25</b>  |
| 2.1 Paisagem como chão do mundo   | 25         |
| 2.2 O projeto de paisagem e a ética do bem-estar  | 29         |
| 2.3 O bem-estar e os primeiros jardins urbanos brasileiros  | 36         |
| 2.4 A paisagem regionalista: a natureza como identidade   | 41         |
| <b>CAPÍTULO 3   O MÉDICO E O CULTIVO: AMAURY DE MEDEIROS E A CULTURA DO CUIDADO NA PAISAGEM E NOS JARDINS DO RECIFE</b> | <b>60</b>  |
| 3.1 Amaury de Medeiros e a busca por um Recife Salubre  | 60         |
| 3.2 Um médico sensível à paisagem: o exercício do cultivo   | 72         |
| <b>CAPÍTULO 4   O MÉDICO-PAISAGISTA E O ENGENHEIRO SANITARISTA</b>  | <b>117</b> |
| <b>CAPÍTULO 5   AMAURY DE MEDEIROS E A PAISAGEM REGIONALISTA DO BEM-ESTAR</b>   | <b>128</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | <b>137</b> |

## CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO

O aumento da população em centros urbanos cresceu expressivamente nos últimos anos, hoje mais da metade da população mundial se concentra nas cidades. No ano de 2007 pela primeira vez a população urbana mundial ultrapassou a população rural e tem se estabilizado assim de acordo com o relatório *World Urbanization Prospects*, produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU). Isso torna as cidades palco principal das vivências humanas exigindo assim cada vez mais um olhar integrado e multidisciplinar sobre as dinâmicas e desafios neles contidos. Tratando o bem-estar como uma necessidade humana viabilizada também por meio de cidades saudáveis, essa pesquisa investiga a atuação de Amaury de Medeiros no Recife apontando sua preocupação com a saúde pública de modo abrangente, levando em consideração aspectos de bem-estar, alinhando os seus conhecimentos técnicos em saúde a uma paisagem saudável para os habitantes recifenses da época.

A presente pesquisa foi motivada por inquietações acerca da qualidade da saúde urbana que emergiram no contexto da pandemia de SARS-CoV-2, a qual afetou o mundo no ano de 2019. Diante dos casos crescentes da doença Covid-19 naquele ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apontou o isolamento social como uma das formas mais eficazes de combater a enfermidade, assim a população se retirou do convívio em ambientes públicos e aos poucos as ruas foram ficando desertas e a cidade já não parecia tão segura e saudável como era outrora. Rapidamente, o olhar de enfermidade ficou associado ao espaço urbano e não somente nas pessoas portadoras do vírus, afinal, à priori como não se sabia os métodos de transmissão, a doença se espalhava de forma invisível pela cidade.

De algum modo, o conceito de saúde se aproximava da natureza e da paisagem, quer fosse pelas pessoas que se retiravam para o campo com o intuito de autopreservação ou pelo

incentivo dado pelas instituições médicas aos passeios ao ar livre e em áreas verdes urbanas como um regulador da saúde emocional e física da população que se manteve na cidade.

Ciente da importância desses espaços para a cidade quer seja para os fins de contemplação, descanso, lazer ou mesmo exercícios físicos, surgiram questionamentos voltados para a relação da paisagem e bem-estar na cidade, assim como no desenvolvimento histórico dessa dinâmica na cidade do Recife, cidade que mantém conexões muito fortes com seus elementos naturais. Estas inquietações me levaram aos registros históricos de épocas epidêmicas da cidade e assim à figura do médico Amaury de Medeiros que me foi apresentada por meio do livro escrito por Telma Correia de Barros, “Amaury de Medeiros e o Recife: arquitetura, cidade e higiene na década de 1920” (2020), citado em sala de aula pela professora Ana Rita Sá Carneiro. Conhecer o envolvimento do médico com a saúde pública no Recife de sua época, os parques urbanos em que esteve envolvido e a relação de contemplação com a flora local que ele tinha foram surpreendentes e um “divisor de águas” na pesquisa. O mergulhar na história desse personagem histórico e os questionamentos que surgiram a partir disso motivaram a escrita deste trabalho.

Não são novas as evidências que relacionam salubridade à circulação de ar e espaços livres públicos. Essa foi uma discussão que vigorou na Europa ainda na primeira metade do século XIX e foi um dos princípios de sustentação da teoria do Higienismo, que influenciou diretamente o tratamento das cidades brasileiras nessa época.

No fim do século XIX, o mundo estava vivendo um grande desenvolvimento tecnológico, econômico e científico. Descobertas no campo da física, química e biologia forneciam um clima de entusiasmo quanto ao progresso da humanidade. As cidades começavam a se tornar núcleos de empregos e oportunidade, assim iam crescendo de forma rápida, desordenada e sem estrutura adequada para a população.

Diante do vislumbre da modernidade e das oportunidades que os novos tempos traziam, o Recife no começo do século XX passava por uma grande explosão populacional ocasionando um déficit habitacional. Muitos dos que chegavam à cidade se ajustavam como podiam nas ruas ou em casebres sem muita estrutura em terrenos alagadiços, os mocambos. As ruas do Recife não tinham um aspecto uniforme de progresso. A cidade parecia por insalubridade e uma cidade doente conduzia a cidadãos também doentes. O ambiente urbano úmido, com muitas pessoas sem moradia adequada, levou a população a esmaecer com epidemias e altas taxas de mortalidade (REZENDE, 1997).

Dentre as doenças que mais afetaram a saúde dos pernambucanos nessa época estavam a peste bubônica, lepra, febre amarela, varíola, tuberculose e a gripe espanhola (GOUVEIA, 2015). Diante desse cenário, a figura do médico passou a se destacar entre as autoridades públicas envolvidas em diversas funções nas instituições estatais, deslocando assim o olhar do paciente para o ambiente, convertendo desse modo as cidades também em pacientes. Para Octávio de Freitas, médico diretor de higiene pública no Recife nos primeiros anos do século XX, tudo parecia confirmar as credenciais insalubres da cidade, a começar por sua condição geográfica baixa e alagadiça, os mangues, o clima e até mesmo a umidade do solo, passando pelas condições de saneamento e calçamento urbanos (FREITAS, 1905 apud FARIAS, 2006). Características físicas da cidade que ao longo de sua história foram louvadas pelos artistas, memorialistas e amantes citadinos agora eram motivo de preocupações associadas à morte.

As alterações urbanas motivadas pelo entusiasmo de progresso e ideais higienistas, do início do século XX, começaram com as reformas do Porto e do Bairro do Recife (1909-1926) e assim passaram a mudar as feições do Recife. Esse foi o início de uma série de reformas urbanas de grandes proporções que modificaria a forma física da cidade, alterando sua paisagem e levando bairros inteiros ao chão em nome do progresso e da saúde.

Essas reformas urbanas alteraram drasticamente as linhas do traçado do Recife, tornando a cidade cada vez mais próxima do requinte arquitetônico e urbano europeu em voga.

Muitas foram as críticas voltadas à descaracterização urbana do Recife, discussões públicas nos jornais de grande circulação eram travadas entre os tradicionalistas, opositores às descaracterizações urbanas importadas de modelos internacionais e os progressistas, defensores da modernidade e das novas feições urbanas.

Os regionalistas, eram vanguardistas que possuíam afinidades tradicionalistas. Defendiam não apenas a valorização de aspectos de urbanidade, mas toda uma cultura de exaltação do Nordeste, em especial suas características naturais, sua flora e fauna. Intelectuais influentes, os regionalistas conservavam uma relação nostálgica com o passado idílico de fartura e riqueza. O passado de suas infâncias. Dessa forma, o sentimento da saudade transformou-se em inspiração para escritores, poetas e pintores que passaram a ver na modernização uma ameaça à identidade regional e se dedicaram, então, a pensar um modernismo que se complementasse com a tradição (BORGES, 2012, p. 101).

Foi nesse contexto, que questões de identidade e regionalidade passaram a ser discutidas com mais intensidade e com o olhar atento à paisagem da cidade que se alterava bruscamente, parte desses intelectuais de diversas áreas do conhecimento passaram a se reunir para discussão de caminhos diante das mudanças abrangentes. Assim, surgiu o Centro Regionalista, que tinha dentre seus fundadores mais ávidos Amaury de Medeiros, médico-sanitarista que durante o governo de Sérgio Loreto (1922-1926) foi diretor do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco (DSA).

Como membro do Centro Regionalista, médico-higienista e político, Amaury trazia um discurso moderado diante das mudanças urbanas, se envolvia em reformas que nutriam traços marcantes da paisagem da cidade, tinha apreço pela flora, relevo e as águas do Recife, por isso esteve ligado à construção de parques e projetos de estrutura urbana sensíveis aos traçados naturais da cidade.

Seu envolvimento no modelamento urbano do Recife no breve período em que esteve em apoio ao governo de Sérgio Loreto, era respeitado e elogiado publicamente, recebendo o reconhecimento de seus pares médicos, de políticos e críticos jornalistas, como Annibal Fernandes do Diário de Pernambuco, que aponta o exercício de Amaury como de quem

“espalhou aqui [em Recife] as mais lindas árvores que jamais tivemos [...] a sua ideia era transformar o Recife num maravilhoso jardim, cheio de árvores, de sombras e de cor” (FERNANDES, 1934, p. 2).

Amaury era um médico sensível à paisagem e ao bem-estar urbano, com seu olhar de regionalista que valorizava a flora e cultura locais, seu gosto da paisagem ofertou ao Recife belos jardins que favoreceram a salubridade e um contato com a natureza, gerando uma ambiência que prevalece encantando até os dias atuais.

Na investigação da atuação de Amaury de Medeiros no Recife, dois aspectos nos chamaram a atenção, foram eles: a perspectiva de sensibilidade às nuances da paisagem local, que especulamos ter embasamento em seu pensamento como um ativista regionalista, e a função como médico que tanto definia sua identidade como direcionava para favorecimento do bem-estar paisagístico.

Tratar de assuntos que envolvem a abordagem de paisagem é um desafio, quer seja pela polissemia da palavra, quer seja pelas abordagens multidisciplinares que a temática desdobra, faz-se importante pontuar que no presente trabalho optou-se por discutir a paisagem a partir de uma perspectiva, e não um conceito, a perspectiva fenomenológica, isto é, abordamos nas discussões a paisagem como uma realidade material e subjetiva na qual o homem está mergulhado. Para este fim, buscou-se apoio em autores como Jean Marc Besse e Éric Dardel, que entendem e interpretam a paisagem para além de um panorama visual, isto é, como uma realidade ontológica.

A interpretação da paisagem como uma experiência individual e coletiva (Besse, 2014), permite um cruzamento teórico com os escritos de Pierre Donadieu (2013) que apresenta a paisagem também como um bem-comum tendo em vista o seu caráter coletivo fruto de uma troca entre membros de uma mesma comunidade e com um fim de estabelecimento de um bem-estar coletivo. O bem-estar apontado nos escritos de Donadieu é uma representação da imaterialidade de saúde e plenitude do corpo físico e

mente humana, um estado de espírito que além da ausência de dor envolve, contemplação e contentamento.

Ao avaliar o contexto do trabalho de Amaury no Recife, é possível observar sua conexão com o solo, flora e a cultura locais que pode ser constatada também no seu contexto de atuação no Centro Regionalista. O Regionalismo permeava as discussões de sua época e, na busca de compreensão desse movimento, Gilberto Freyre e os escritos do próprio Amaury reforçam o valor direcionado à natureza local como uma riqueza além de natural também socio-cultural, e que o conhecimento acerca dela e sua preservação deveria ser incentivada.

Assim, ao longo do processo de pesquisa dessa dissertação buscou-se investigar a atuação de Amaury de Medeiros como médico-paisagista na cidade do Recife no contexto regionalista do início do século XX sob a perspectiva da paisagem. Os estudos aqui propostos visam aprofundar a discussão relevante e necessária da paisagem como um organismo complexo que influencia a vida humana física e subjetivamente impactando diretamente seu ser-no-mundo.

Ao longo dessa construção, buscou-se também entender a paisagem como meio agente do bem-estar e da identidade humana, assim como apresentar uma reflexão acerca da atuação técnica e política de Amaury de Medeiros no Recife apontando sua preocupação com a saúde pública de modo abrangente, levando em consideração aspectos de bem-estar, tais como a contemplação, lazer, contato com a natureza e beleza artística como meios de plenitude de saúde na composição de uma paisagem regionalista.

Figura 1 - Fluxograma do processo de análise metodológica



Fonte: A autora, 2023

Ao debruçar-se na história de atuação de Amaury no Recife da década de 1920, tendo como base seus escritos e os escritos da arquiteta Telma Barros Correia, em destaque o livro “Amaury de Medeiros e o Recife: arquitetura, cidade e higiene na década de 1920” (2020), observa-se que o médico era um homem de distintas facetas e talentos, além de atuação ampla como sanitarista se envolveu em projetos de jardins.

Para compreender o trabalho de Amaury como um médico sensível à paisagem e seu envolvimento com os parques e a arborização na cidade, buscou-se fazer uma pesquisa histórico-documental que envolveu um mergulho nos periódicos da época, revistas, documentos oficiais que abordaram bem a dinâmica de embate em um Recife que mesmo guardando características tradicionais procurava se modernizar, tendo para isso entusiastas de um progresso “cego” e ativistas na busca de uma identidade local. Esses embates apresentam as mudanças de pensamento da época, enquanto a pesquisa de iconografia também realizada para este trabalho registra em imagens as mudanças físicas na cidade que enfrentava, além da busca de uma identidade, severos males de saúde que preocupavam o poder público.

Para uma melhor compreensão desse contexto, foram consultadas os registros no período localizado entre 1920 e 1926, que foi o período de atuação de Amaury à frente do

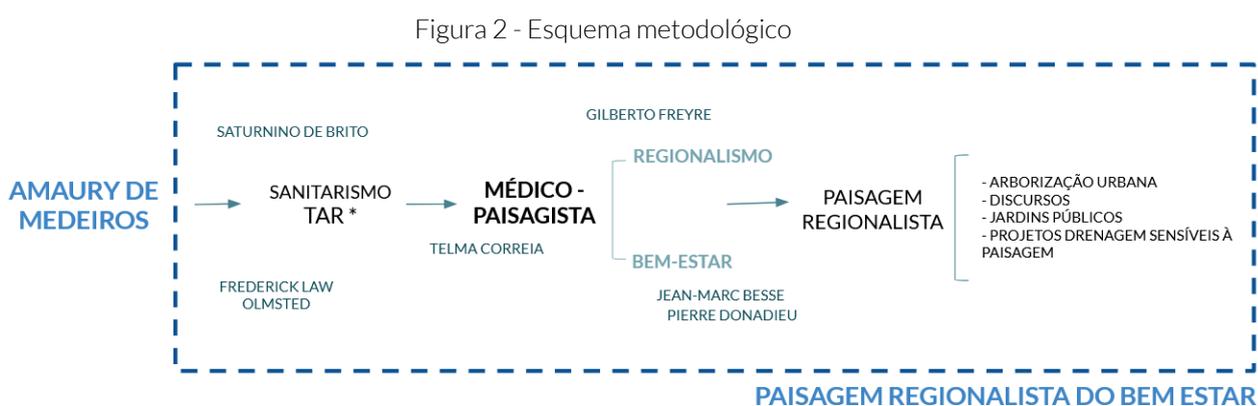
Departamento de Saúde e Assistência, nos jornais Província de Pernambuco (PE), Diário Novo, Diário de Pernambuco, Jornal do Recife e no periódico Revista de Pernambuco, tendo como busca as palavras-chave “Amaury de Medeiros”, “Praça Oswaldo Cruz”, “parques” e “árvores”. Recorreu-se aos jornais e periódicos de Pernambuco uma vez que abordavam com frequência as alterações urbanas da cidade do Recife, porém tendo como referência a então capital do país, Rio de Janeiro. Foi constatado que as alterações substanciais da cidade também apareciam nos periódicos cariocas e assim, foram inseridos ao corpus da pesquisa o periódico Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ).

Os acervos pesquisados foram os do Museu da Cidade do Recife, Fundação Gilberto Freyre, Memorial de Medicina, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e Hemeroteca Nacional.

A hipótese desse trabalho é que Amaury de Medeiros ajudou a criar no Recife uma paisagem regionalista do bem-estar, paisagem que honrava as características regionais com o intuito de gerar saúde.

O caminho metodológico de desenvolvimento deste trabalho se deu a partir da análise do perfil sanitário de Amaury, que de modo semelhante ao paisagista americano Frederick Law Olmsted conhecido por ser autor do Central Park em Nova York, possuía sensibilidade, ao tratar da paisagem considerando o ambiente como viabilizador de bem-estar, proporcionador de boas condutas, um ambiente restaurador. Os preceitos de Olmsted consistem na Teoria do Ambiente Restaurador, que interpreta o espaço urbano como gerador de virtudes. Foi considerada na análise da atuação do médico também a influência do legado do engenheiro Francisco Saturnino de Brito na sua abrangente visão de paisagem sensível à beleza e elementos naturais de composição urbana. Do mesmo modo, a perspectiva trazida pela arquiteta Telma Correia de Barros acerca de Amaury de Medeiros como um médico-paisagista ativo em projeto de jardins na cidade do Recife, nos levou a mergulhar nas fortes referências para sua atuação: o regionalismo e a saúde.

No presente trabalho optamos por tratar aspectos de saúde a partir das perspectivas abordadas pelos autores Jean-Marc Besse e Pierre Donadieu de “bem-estar”, tendo em vista a abrangência de abordagens de saúde de Amaury que transcendiam aspectos de anatômicos e fisiológicos humanos abordando a contemplação, identidade, lazer, contato com a natureza e beleza artística como meios de plenitude que também favoreciam a um estado de plenitude física e mental da saúde. A partir disso, foi emergindo o conceito de paisagem regionalista de bem-estar. O esquema metodológico que aborda o processo descrito pode ser visualmente explorado na Figura 2.



\* TEORIA DO AMBIENTE RESTAURADOR

Fonte: A autora, 2023

Este documento estrutura-se em cinco capítulos. Além do presente capítulo que busca apresentar a problemática sobre a qual o trabalho aporta conta com mais quatro outros capítulos, são eles:

**A paisagem regionalista e o bem-estar urbano**, que busca situar o leitor acerca do conceito de paisagem trabalhado ao longo da dissertação, a paisagem que vai além do aspecto estético, artístico e visual, mas que também abrange a experiência sensível humana no espaço, abarcando sua identidade e emoções. Apresentando desse modo, a importância da ética no tratar na paisagem visando o bem-estar comum, para isso utiliza-se como suporte a teoria de Pierre Donadieu e Jean-Marc Besse. Ainda nesse capítulo é levantado

um panorama histórico acerca da cidade do Recife que se estrutura a partir dos seus elementos naturais, tornando-se esses fundamentais na formação do imaginários dos cidadãos recifenses que sentem a brusca alteração urbana das reformas do início do século XX. É apresentado um panorama acerca da atuação de Amaury de Medeiros no Recife e seu gosto pela paisagem e pelos jardins que o tornou engajado na atuação da paisagem recifense em sua época.

**O médico e o cultivo: Amaury de Medeiros e a cultura do cuidado na paisagem e nos jardins do Recife**, que apresenta o médico Amaury de Medeiros e sua sensibilidade no cuidado da cidade do Recife, quer por meio de sua atuação na saúde pública do estado, quer por meio da criação e cultivo de jardins urbanos no Recife, insistindo na permanência dos atributos de identidade naturais locais. Neste capítulo há uma maior atenção à sensibilidade do médico na tratar da composição natural da paisagem recifense. A escolha dos critérios de análise da relação de Amaury com a natureza local adotados neste capítulo, partiu da abordagem feita pela professora Telma Correia, em seu livro “Amaury de Medeiros e o Recife”. Arquitetura, cidade e higiene na década de 1920” (2020), que acentua o olhar de sensibilidade paisagística do médico para as águas, as árvores e jardins no Recife. No capítulo, então, abordamos a relação de Amaury com as águas que compunham o território da cidade e as massas vegetais inseridas nela, o que resultou no modo como o paisagista as utiliza em seu trabalho a partir da compreensão de que ordenadas poderiam colaborar para um maior usufruto de saúde da população. É importante destacar também uma maior ênfase nas falas do sociólogo Gilberto Freyre dentre outros regionalistas, isto se dá única e exclusivamente por conta da sensibilidade paisagística ressaltada no discurso do sociólogo, recorte esse de suma importância para instrumentalizar as abordagens tratadas no capítulo.

**O médico-paisagista e o engenheiro sanitaria**, que aponta a proximidade entre os princípios aplicados pelo engenheiro sanitaria Saturnino de Brito em seu projeto sanitário no Recife e a atuação de Amaury de Medeiros, indicando certa continuidade no agir do médico inspirado pelo engenheiro.

**Amaury de Medeiros: O médico paisagista e a paisagem regionalista do bem-estar,** elabora uma reflexão acerca das perspectivas de abordagem do médico na tratar da paisagem do Recife, as semelhanças entre seu trabalho com Frederick Law Olmsted e o que identificamos ser a influência de Francisco Saturnino de Brito nas suas ações no Recife. Por fim, evidencia-se as colaborações de Amaury de Medeiros como médico, político e regionalista, seguindo para as conclusões finais acerca da paisagem que resulta do contexto e das ações do médico e suas implicações para as feições urbanas da cidade do Recife no início do século XX.

## CAPÍTULO 2 | A PAISAGEM REGIONALISTA E O BEM-ESTAR URBANO

A paisagem nem sempre é facilmente apreendida, não se vê (apenas) a paisagem, nela encontra-se. Nela se está. A intenção deste capítulo é esse olhar sobre a paisagem.

### 2.1 Paisagem como chão do mundo

Dardel, em seu livro *O Homem e a Terra*, trata da relação entre o homem e o solo, defende que a paisagem não é, em sua essência, para ser vista — a partir do único sentido da visão — mas, afirma a paisagem como a inserção da humanidade no solo, o habitar como inerente ao homem de que trata Martin Heidegger<sup>1</sup>. É o chão da vida, o lugar onde se molda quem se é, onde é possível compreender-se individual e coletivamente, a paisagem é uma realidade (DARDEL, 2011, p. 32).

As noções de paisagem não foram construídas uniformemente nos povos distribuídos no globo, nem cronologicamente e nem espacialmente, porém alguns povos foram ao longo da história mais sensíveis à paisagem. No Oriente, a concepção de paisagem descortina-se desde o século V. Na China, fortemente influenciada pela filosofia taoista — a qual abarca a energia do cosmos e o compromisso do homem com o universo — se pensava o ser humano como parte da natureza em uma unidade. A paisagem na China dos primeiros séculos estava não apenas relacionada aos elementos físicos naturais, mas também aos valores morais da cultura, incluindo a espiritualidade, ou seja uma cosmovisão consciente do ser humano como paisagem. Assim, um desenvolvimento social de respeito ao meio, que era provedor do sustento da humanidade, não apenas fisicamente, mas de forma também transcendente.

Um envolvimento íntimo de respeito à natureza, gerada pela consciência cultural também pode ser observada na herança cultural dos povos originários no Brasil. Bruce Albert juntamente a Davi Kopenawa, xamã Yanomami, descrevem os costumes aprendidos com seu povo segundo uma relação de mutualidade e respeito com o meio que os sustenta,

---

<sup>1</sup> Martin Heidegger trata o habitar como parte essencial do homem no mundo em seu texto “Construir, Habitar e Pensar”.

tratando o chão que pisam como uma viva interação entre humanos e não-humanos. É o que pode ser observado, no livro *A Queda do Céu* (2010), onde descrevem como o povo Yanomami se relaciona com fenômenos naturais como a chuva, em respeito, gratidão e envolvimento físico festejando eles “dançam alegremente acima da floresta, agitando folhas [...] como os convidados durante a dança de apresentação” (KOPENAWA, ALBERT 2010, p. 197). O envolvimento dos indígenas com a chuva aponta o habitar a paisagem da qual escreve Besse (2013), apontando o ser humano em uma co-pertença com o meio, em que a co-pertença ele denomina paisagem. Deste modo, habitar é assim também preencher um espaço no tempo e no solo “no qual cada ser está destinado a combinar vento, chuva, sol e terra na continuação da sua própria existência” (INGOLD, 2015, p. 179-180), é também “a noção do ritmo, da organização e da orientação do tempo. Habitar é estar num espaço de tempo que nós próprios ajudamos a criar: estar numa forma de tempo e dar uma forma ao tempo” (BESSE, 2013, p. 39). Tratando-se de um povo milenar, pode-se inferir uma sensibilidade paisagística no Brasil dos povos indígenas mais antiga do que se possa imaginar.

Não apenas o povo Yanomami apresenta essa relação de atravessamento com a paisagem, mas, também outras comunidades indígenas presentes em solos brasileiros. Ailton Krenak, em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019, p. 21) chama o Rio Doce como “watu”, palavra que traduz para o português como “avô”, expressando um laço íntimo de ancestralidade, entre o meio e a comunidade. Para o povo Krenak, o rio não é como um recurso, é uma parte da construção coletiva do povo indígena Krenak que habita um lugar específico, naquele território, o território onde vivem. Lição essa que ao tecer da nossa estruturação como país se tornou cada vez menos enfatizada.

No continente europeu, raiz da cultura colonizadora do Brasil e que influenciou fortemente a concepção de paisagem na cultura do país, as noções paisagísticas passaram a ser discutidas de um modo racionalista, bem mais tarde, durante o contexto renascentista do século XIV. Com o processo de cisão entre a arte religiosa e secular prevalente na época, as manifestações, antes ligadas à transcendência, foram cada vez mais direcionadas à materialidade. Sendo assim, a paisagem passou a ser compreendida

como um recorte da natureza reproduzida nos quadros da época como uma representação da natureza vista.

Collot (2013, p. 11), em contraponto a essa perspectiva ocidental, aponta que o processo de conquista do domínio do ambiente, por meio do desenvolvimento científico e técnico, não ocorreu sem que o homem também se privasse dos legados da experiência sensível, se fazendo necessário assim uma compreensão da paisagem que abarcasse uma maior complexidade dessas realidades. Para isso, o autor sugere uma reforma na maneira de viver, fazer e pensar essa paisagem. Considerando-a não apenas como um terreno de atuação e nem só como objeto de estudo, propondo assim um novo modo de pensar a paisagem, que denomina “pensamento-paisagem” e que torna a paisagem uma estratégia de reconexão da relação homem-natureza.

Apesar de defender a paisagem como uma interpretação do mundo – consequentemente, da natureza – carregada de subjetividade humana e considerando-a uma expressão humana, individual ou coletiva, encarnada numa tela, em papel ou em solo (BESSE, 2014b, p. 14), o filósofo Jean-Marc Besse, não a entende apenas como uma representação mental, mas também como uma realidade material, objetiva, uma escrita na superfície da Terra antes mesmo de ser uma maneira de ver o mundo. Embora contenha na paisagem, claramente, um valor relativo à percepção e representação, a realidade natural da paisagem nos convida à consciência de que ela excede as meras significações objetivas sociais. A paisagem é um campo da realidade material mais amplo e mais profundo que as representações que a acompanham (BESSE, 2014b, p. 39), e os elementos naturais que a compõem são elementares na concepção do que entendemos hoje como paisagem, afinal não se pode negar que

A paisagem também é vento, o calor, o clima, as rochas, o mundo vivo, tudo o que cerca os seres humanos: resumindo, todo um meio ambiente cujas evoluções, na verdade são afetadas, mais ou menos diretamente, pela ação, a emoção e o pensamento humanos; mas afinal de contas, esse meio ambiente - somos também forçados a reconhecer - existe e se desenvolve sem o ser humano, estava aí antes dele e sobreviverá a ele de uma forma ou de outra. (BESSE, 2014b, p. 39)

O autor francês considera a paisagem como “ao mesmo tempo, e essencialmente, totalmente natural e totalmente cultural, é o elemento onde a humanidade se naturaliza e onde a natureza se humaniza (e se simboliza)” (BESSE, 2014, p. 42). Deste modo, pensar a paisagem passa assim por pensar a natureza (VERAS, 2014, p. 76).

Para Besse (2013, p. 33), a paisagem não pode ser considerada à parte do cotidiano, não é apenas o horizonte que se contempla, uma imagem mental reproduzida ou o produto de um projeto humano. O filósofo defende que a problemática da paisagem perpassa esses conceitos mas consiste antes em uma ação ou representação de mundo, na experiência da participação com o mundo, apontando que o pensar paisagem perpassa questões sobre pensar o próprio viver humano, não sendo o dualismo entre o “ver a paisagem” ou “projetar a paisagem” o suficiente para a compreensão da experiência paisagística, sendo essa uma questão da “problemática do viver”. O representar e o atuar sobre a paisagem partem de uma co-pertença do humano no chão habitado, “o homem está no mundo e o mundo está no homem: a paisagem é o nome e o local dessa circulação entre o homem e o mundo” (BESSE, 2013, p. 34).

Assim, a paisagem, é abordada de forma ontológica, como parte da experiência de estar no mundo, sendo assim um dos elementos constitucionais da identidade coletiva e individual, tornando-se assim simplista abordar o fenômeno da paisagem de forma como meramente, representações mentais da natureza sublime, ou por outro lado, como um plano prático de produção projetual. Martin Heidegger, em seu texto “Construir, Habitar e Pensar” (1954), aponta que não se sustenta pensar o ser humano sem a concepção do espaço. Para o autor, pensar o homem é pensar “naquele que habita”, ou seja, aquele que ocupa um lugar no espaço, encontrando nele pertencimento. Besse propõe a ação na paisagem encarando os processos que envolvam o “compromisso” e ou “implicação na” (paisagem), tendo em vista a total inserção humana nela.

A paisagem [...] não é um todo sobre o qual quem quer que seja possa lançar o olhar, ela é, sobretudo, o mundo no interior do qual nos situamos ao assumirmos um ponto de vista sobre o que nos rodeia. E é no contexto deste compromisso atento na paisagem que a imaginação humana trabalha, elaborando ideias a seu respeito. Porque a paisagem, tomando emprestada uma frase de Merleau-Ponty,

não é tanto o objecto, mas a pátria dos nossos pensamentos. (INGOLD, 2000, p.207 apud BESSE, 2013, p. 35)

Sendo a paisagem, composta pelo espaço que nos rodeia junto à bagagem que carregamos, ela se torna fundamental na estrutura de quem somos e composição estrutural de nossas identidades, do mesmo modo, a resolutiva da nossa identidade, em especial, como comunidades são impressas no solo que habitamos. É por isso que Besse (2013, p. 45) afirma que a diversidade de paisagens corresponde a uma outra diversidade, que é a diversidade de habitar o mundo. As diferentes formas de se habitar e construir apresentam diferentes tipos de costumes e hábitos, como sugere a etimologia do habitar. Deste modo, cabe no trato da paisagem responsabilidades que vão além de meras alterações espaciais.

## **2.2 O projeto de paisagem e a ética do bem-estar**

Tendo em vista que a paisagem não é o produto finalizado de uma cultura, mas um fenômeno em movimento, o exercício de construção de uma paisagem dentro de um contexto urbano deve abarcar a natureza, um planejamento e a linguagem cultural da região resultando em um projeto paisagístico. Besse (2014) afirma que o projeto de paisagem é uma forma privilegiada de vincular o encontro da cidade com a natureza, para o autor:

A natureza já não significa mais apenas “o outro” da cidade, essa coisa verde mais ou menos selvagem que é encontrada no exterior do universo urbano. A natureza está na cidade, e está presente por um lado na forma de preocupações quanto à qualidade das águas e do ar, por exemplo, por outro lado, na forma de projetos de parques e jardins públicos e, em fim, na forma de reflexões e experiências relativas à diversidade das essências vegetais que podem ser instaladas nela de forma sustentável. Em outros termos, a cidade é, hoje, um meio natural híbrido, de um tipo particular. (BESSE, 2014b, p. 59)

Diante da relação do subjetivo humano e a natureza, intrínseca à paisagem, e levando em consideração o “pensamento-paisagem” abordado em Collot (2013), Silva (2022, p. 66) afirma que uma reaproximação do ser humano com a natureza significa a vontade de entendê-la por meio do sentimento e da experiência humana, em um processo que perpassa e interliga o campo físico ao campo da imaterialidade. Afinal, a paisagem é “[...] o

mundo vivido, construído materialmente ao longo do tempo e experienciado pelos agrupamentos humanos, num estado de contínua transformação.” (BEZERRA, 2017, p. 36). Por isso, um estudo sobre estruturas palpáveis que compõem as cidades, é de grande interesse para a população local, levando em consideração a importância da natureza, planejamento e projetos adequados para essas paisagens, de acordo com suas particularidades.

Foi a partir da consciência da natureza como um legado e da paisagem como entidade de dimensão objetiva e subjetiva essencial à vida humana que mecanismos que promovem a instrução e salvaguarda das paisagens foram sendo elaboradas no mundo. Uma das primeiras iniciativas foi a Convenção Europeia da Paisagem (CEP), o primeiro tratado internacional exclusivamente dedicado à paisagem, formulado no ano 2000 e cuja iniciativa surgiu a partir do Conselho da Europa, uma organização internacional fundada em 1949, voltada à defesa dos direitos humanos. A proposta descrita na Convenção trata da salvaguarda e da gestão das paisagens europeias, quer sejam cotidianas ou excepcionais, a partir do reconhecimento da paisagem como uma necessidade humana por ser elemento chave do bem-estar individual e social, portanto um direito (CONSELHO DA EUROPA, 2000).

Em 2018, foi redigida a Carta da Paisagem das Américas, com o olhar voltado às paisagens de identidade americana, que ressalta a importância do olhar para esses solos a partir dos nossos valores, compreendendo-se parte constituinte da natureza antecessora a nós. Esse é o princípio que antecede todas as outras diretrizes propostas no documento. A carta traz clareza acerca da importância da compreensão do todo vivo como um dever dos americanos, mas também como direito (CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS, 2018, p. 7). A desconexão homem-natureza também é abordada na Carta que defende que

Se a modernidade nos distanciou da natureza para entendê-la como paisagem, a relação de interdependência nunca foi interrompida e impõe que a ela se retorne, para fugir das incertezas decorrentes da insensatez tecnológica que impacta ambiental, econômica e socialmente, criando abismos entre o bem-estar e a pobreza. Pensar a natureza como condição de existência, nos distancia da compreensão da paisagem apenas como panorama, apreendida por um sujeito contemplador, para compreendê-la como parte da natureza da qual dependem nossa existência e espiritualidade. A ética ambiental visa considerar o mundo

natural como valor moral (CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS, 2018, p. 5).

A Carta da Paisagem das Américas, assim como a Convenção Europeia da Paisagem, visa ser um instrumento de planejamento e ação. A primeira por sua vez, direcionada à gestão da paisagem americana, tendo em vista a garantia do direito à felicidade como um bem coletivo e comum a todos (CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS, 2018, p. 3). Nesta Carta, a paisagem é tratada como um bem coletivo, provedor de plenitude e ânimo. Apesar de não usar o termo “bem-estar”, a Carta da Paisagem das Américas trata da essencialidade do cuidado com a satisfação, contentamento e plenitude no trato da paisagem.

Em seu texto “Entre a Geografia e a Ética: a paisagem e a questão do bem-estar” (2014), Besse reflete sobre a dimensão ética e política do termo tratado na Convenção Europeia da Paisagem. Para o autor o termo “bem-estar” no texto carrega um sentido que precede a Convenção e trata da perspectiva ética e política do bem-estar paisagístico, advindo de uma corrente de pensamento que se recusa a restringir a paisagem a abordagens puramente estéticas, mas propõem uma articulação das reflexões da área sobre aspectos sociais, econômicos, culturais, ambientais e sanitários que devem ser levados a sério (BESSE, 2014a, p. 244).

A compreensão de que o espaço habitado transcende a geometria espacial, deve gerar na humanidade a responsabilidade e a consciência do construir não apenas para os futuros usuários dos espaços compartilhados na cidade, mas também, os do presente e do passado. Aqui, o autor trata do habitar como uma forma de viver e existir no espaço. O habitar condizente ao ter hábitos, atrelado aos ritmos corriqueiros e que assim contam histórias, não concebe uma paisagem desatrelada do tempo, estar na paisagem é habitar um tempo que se ajuda coletivamente a criar (BESSE, 2013, p.39):

Habitar é, justamente, colocar em prática esta organização do espaço e do tempo que os transforma em história. É por isso que é mais do que a simples localização, no sentido geométrico do termo, e que é necessário mais do que um simples instante (é preciso um tempo). Num local habitado há sentido: um local habitado é um local que tem significados, que traduz intenções, um local no qual, também, há ritmos. Tudo isto remete, portanto, para uma certa actividade, para um

conjunto de actividades e de práticas, rotineiras ou não, habituais ou não, mas que definem qualquer coisa como uma disposição para fazer ou para estar de uma certa maneira e não de outra. É como uma maneira de ser. **Habitar é uma maneira de estar no mundo, na vida, é estruturar o tempo e o espaço de uma certa maneira**, imprimindo-lhes objectos e direcções, ritmos e escalas, dando-lhes uma memória e um futuro. Habitar é fazer um local e organizar um tempo. (BESSE, 2013, p. 39 —grifo nosso)

A paisagem é também o retrato de tempos sobrepostos e da sobreposição da bagagem cultural de um povo, em outras palavras a paisagem urbana do presente carrega em si o registro de outras épocas, mas também reflete o mundo vivido no momento presente. Deste modo, parte essencial do que torna uma paisagem agradável, geradora de bem-estar à população é também uma paisagem de identificação com suas histórias e vivências impressas no solo. Besse (2014a) discorre que a concepção da palavra “bem-estar” corresponde à satisfação de necessidades, estar em um estado agradável de plenitude, que não acusa a ausência de uma falta, seja essa falta uma dor, sofrimento ou desconforto. Com suporte nos pensamentos do paisagista americano John Brinckerhoff Jackson, o filósofo francês aponta o bem-estar como um estado de espírito subjetivo que é diretamente influenciado por fatores fenomenológicos, associados à identidade e afeto com o local. Como exemplificado nesse trecho:

É assim que deveríamos considerar as paisagens: não somente em função de sua aparência ou de sua conformação a tal ou tal ideal estético, mas também de acordo com sua maneira de satisfazer as necessidades elementares como a de dividir algumas de suas experiências sensoriais numa situação familiar: canções populares, pratos populares, uma espécie particular de clima que supostamente não se encontra em nenhuma outra parte, um esporte ou jogo especial, que só se praticaria naquele lugar. Estas coisas que nos lembram do que nós somos, ou que vimos, de um lugar particular: um país, uma cidade, um bairro. Uma paisagem deveria estabelecer um laço entre as pessoas, o laço que cria a língua, as maneiras, a prática do mesmo tipo de trabalho ou de lazer, mas sobretudo uma paisagem deveria conter o tipo de organização espacial que favorecesse essas experiências e essas relações: espaços para se reunir, para celebrar, e espaços para a solidão, espaços que não mudam nunca e permanecem sempre tal como a memória os pinta para nós. São estas algumas características que dão a uma paisagem seu lado único, que lhe dão um estilo, e que fazem com que nos lembremos delas como emoção (JACKSON, 2005, p. 42 apud BESSE, 2014a, p. 245).

A paisagem apresentada assim como uma resposta vai além da composição física, pois envolve os âmbitos sociais, políticos, afetivos e simbólicos. Desta maneira, ela entremeia

profundamente o valor de nossas vidas, nossa maneira de estar no mundo e habitá-lo. Para Besse (2014a, p. 246), no entanto, só é possível a abertura para a consciência da paisagem como parte do cotidiano, uma dimensão de quem somos e parte do nosso estar-no-mundo, a partir de uma disposição favorável a se deixar tocar pelo sensível. O autor denomina esta disposição de *gosto da paisagem*, no qual, a paisagem está na esfera visual, está no que somos e se constrói em nós.

No sentido da experimentação do espaço, Besse (2013, p. 45 e 46) evoca o caminhar como uma maneira de habitar o mundo, um modo de fazer paisagem e juntar-se a ela no espaço. Para ele, não há maneira de experimentar a paisagem sem porosidade de corpo, ou seja, experimentações físicas. E a caminhabilidade oferece uma dimensão de relação com o mundo e a natureza deixada de lado pela ciência moderna, isto é, a conexão direta, imediata e física com os elementos naturais tais como água, terra e ar, que antes de objetos de estudos das ciências físicas, são também materiais abertos aos cinco sentidos. Tornando assim a paisagem uma “geografia afetiva” ressoando os lugares no imaginário. Ao contrário do que o autor denomina “fobia moderna” de contato com o mundo, o caminhar oferece experiências sensoriais na fabricação da identidade territorial.

Sob essa perspectiva, o corpo passa a ocupar uma centralidade nas experiências de paisagem, afinal é pelo nosso corpo que habitamos o mundo:

E o corpo vivo que é o corpo sensível das experiências paisagísticas polissensoriais, que é o centro dos afetos, o centro e o receptáculo das espacialidades afectivas, A noção de «habitação», nesta perspectiva, adquire uma carga ontológica e fenomenológica totalmente decisiva: é pelo nosso corpo que habitamos o mundo. É uma geografia, poderíamos dizer, diferente do mundo que aqui se propõe e se constrói. É uma geografia, poderíamos dizer, de sensibilidade e de sentimento, uma geografia afetiva, de proximidade e de contacto com o mundo e com o espaço, e poderíamos pensar que é nela que tem origem a geografia sapiente. Nem tudo é objectivável na experiência geográfica que fazemos do mundo. Esta outra geografia é, ela também, um conhecimento do espaço. Um conhecimento sem dúvida mais íntimo, mais misterioso, que não se pode traduzir a não ser com esforço, que é dificilmente comunicável num discurso público e geral. É um saber que exprime, com efeito, uma inteligência quotidiana do mundo e do espaço, uma familiaridade fundada no uso, É uma geografia vivida, tanto quanto pensada. E, antes de mais, uma maneira de estar no mundo, uma experiência e um uso que se desenvolvem no espaço. Mas isso não significa que esse saber possa ser dito. (BESSE, 2013, p. 47)

Deste modo, os meios de conexão com a natureza em meios urbanos, sejam eles naturais ou projetados como no caso de parques, podem ser lidos como lugares de encontros e de experiências sensíveis. Em sua maioria, por meio do caminhar nesses ambientes de conexão, surgem encontros com pessoas queridas, com vizinhos, com completos desconhecidos, mas, surge também a oportunidade do encontro com nosso interior e com exterior, nosso encontro com o sensível da paisagem. Projetos que objetivam essa conexão com o âmbito natural podem ter várias funções, em todos eles está presente a experimentação sensível com elementos naturais e culturais. Cabe ao projetista da paisagem a criatividade e responsabilidade de orquestrar esses encontros.

Besse alerta aos transformadores e criadores da paisagem, como arquitetos, urbanistas e paisagistas acerca da responsabilidade moral, política e humana que deve envolver seus projetos tanto quanto ao tanger da preocupação do bem-estar e do criar espaços que gerem condições e qualidades necessárias à satisfação da nossa vida (BESSE, 2014a, p. 244-245).

Pierre Donadieu (2013), entende a paisagem como um bem comum de valores socialmente construídos como a saúde, justiça, solidariedade e educação, que são qualificados por valores universais no sentido ético. O autor entende bem comum como :

Comunidade de bens materiais e imateriais que é criada pela troca entre membros de um colectivo. A sua criação e transmissão podem apoiar-se na autoridade, pública ou não. E o caso da saúde entre o médico e o paciente, da justiça entre o juiz e o julgado, da educação entre o professor e o estudante, ou ainda da solidariedade entre a Organização Não Governamental (ONG) e os seus destinatários, Estes bens comuns qualificam-se por valores universais, que constituem o bem comum no sentido ético e impõem-se ao direito, à lei e aos Estados (DONADIEU, 2013, p.57).

Para Donadieu (2013, p. 58) a paisagem é um bem comum que tem em sua expressão os valores de uma comunidade, materializados por meio do perceptível no território, como o direito e a moral daquela sociedade. É possível também encontrar na paisagem valores importantes como saúde pública, a segurança e a equidade de acesso a recursos, assim como o reconhecimento do direito à construção coletiva e individual, à identidade pessoal

e social, tal qual à biodiversidade e à sustentabilidade do desenvolvimento econômico e social e do direito à beleza, prazer e do desfrute dos meios onde se vive. Assim, a paisagem é um bem comum agregador e nela se faz.

O pensamento de Pierre Donadieu (2013) corrobora com Besse (2014a) ao sugerir pensarmos na realidade do projeto de paisagem como um meio de “criar as condições materiais do lazer exterior e, implicitamente, de um bem-estar individual e coletivo, nomeadamente sanitário, que não pode ser obtido por outros meios senão espaços verdes” (DONADIEU, 2013, p. 63). Defendendo assim que os paisagistas têm responsabilidade de agentes no estado de bem-estar da humanidade, em especial pela responsabilidade do manejo de áreas verdes urbanas.

Besse (2014b, p. 271) aborda o papel do paisagista como o de alguém que tem a preocupação de fornecer uma experiência de paisagem pelos sentidos. O filósofo aponta que para se pensar a paisagem em termos de projeto é preciso estar ciente e atento à problemática da paisagem em questão, criando o projeto de paisagem como uma resposta e solução a ela. Assim, o papel do projetista é como o de quem imagina o real, testemunhando enquanto o modifica e assim “inventa um território ao representá-lo e descrevê-lo” (BESSE, 2014b, p. 61), atuando assim de forma sensível à dinâmica do terreno trabalhado, seu clima, solo, dinâmica das águas, à vegetação adequada e familiar ao território.

Partindo do princípio de que estamos inseridos em espaços gerados a partir de uma construção histórica recheada com memórias, numa “superposição de passados e que é, ao mesmo tempo, uma reserva de energias futuras” é de modo ideal que o projeto de paisagem surja do inquirir da realidade, reinventando-a (BESSE, 2014b, p. 58). Recriando-se sobre ela novas possibilidades, de modo que a construção da paisagem seja composta como um registro duradouro, tal qual, palimpsesto, testemunhando a vida e obra das gerações (INGOLD, 2000).

Dessa forma, Besse coloca o profissional que atua na paisagem como convidado para intervenções nas “bordas, limiares, passagens e intervalos” (BESSE, 2014b, p. 59) para

assim atuar na colaboração da construção e no ordenamento do espaço urbano. Como a paisagem pressupõe camadas e interseções, sejam elas físicas ou não, o paisagista se encontra no papel de escultor do sensível na espacialidade onde habitam tanto as vivências do presente quanto aquelas já inscritas do passado sobre o território, responsável pela produção e transformação dos espaços, que são condicionantes necessários à satisfação da vida humana.

A psicóloga Vânia Bartalini, parte do pressuposto da natureza como “suporte físico”, no qual o ser humano se situa e encontra sentido e significação, suporte esse que precede e sobreviverá após os seres humanos e por isso entende a prática do projeto paisagístico como sutil e respeitoso a eles, nem submisso e nem autoritário:

Na prática do paisagista, a raiz da relação homem/natureza como um diálogo sutil pode indicar possibilidades. Para além das bases morfológicas e geográficas, a natureza pode ser assim pensada como uma forma de expressão que tem seu nexo histórico atrelado à história do Homem. Sendo assim, o projeto paisagístico não deve ser entendido como resultado de uma subordinação à “natureza física”, nem como resultado de subordinação da natureza em proveito humano. Projeto deve, pois, ser apreendido como forma de compreensão e respeito a um diálogo quase mudo e profundo, que se dá entre humano e natureza, muito antes de qualquer conceituação formal. (BARTALINI, 2017, p. 46)

Assim, para Bartalini (2017, p. 49) cabe ao paisagista o desafio de ter “olhos e coração bem abertos” para a compreensão do meio e do que o que se projeta a partir de sua ação nele.

Deste modo, o projeto de paisagem que se constitui na cidade atua como mediador da ambiência de um encontro pessoal das pessoas com a paisagem. Tornando-se, assim um espaço híbrido onde a natureza, por meio de jardins, praças, parques, flora, águas e estruturas geográficas, se encontra com a construção cultural humana, não sendo possível dentro dele eliminar uma faceta ou a outra.

### **2.3 O bem-estar e os primeiros jardins urbanos brasileiros**

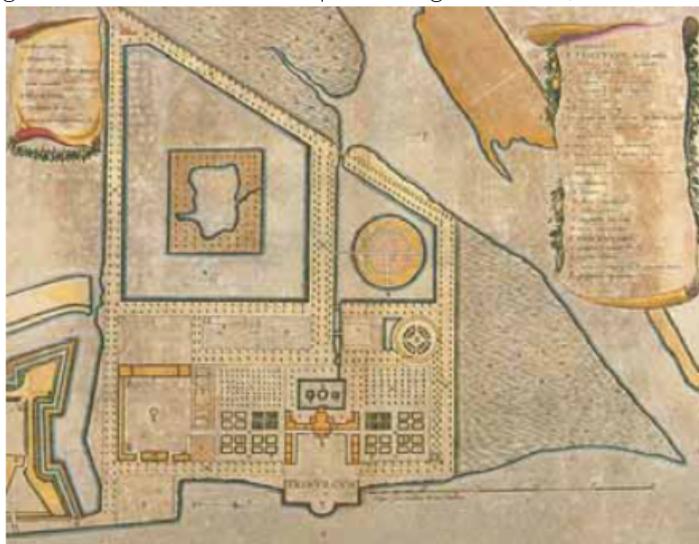
Os jardins urbanos podem ter diversas funções, desde embelezamento urbano à técnica de composição urbanística, porém todos eles oferecem algum tipo de contato da população com a natureza.

O jardim público tornou-se um lugar para usufruto da população por volta do século XVII, segundo Silva (2007, p. 27) estabelecendo uma conexão entre a praça, que é um espaço de encontro e socialização com os antigos cercados que eram antigos jardins privados, que basicamente envolviam o plantio de árvores nos espaços comuns urbanos. Tornando-se assim espaços de encontros, mas também de contemplação, lazer e contato com a natureza.

A história dos projetos paisagísticos no Brasil não seguiu uma linha contínua de desenvolvimento, surgindo aos poucos e sem linearidade até o século XVII, mas apesar da ênfase dos relatos paisagísticos nesse período como o deslanchar do paisagismo nacional, Pernambuco teve seu primeiro grande jardim com a estreia dos projetos na capitania, no século XVII, logo ao início da colonização holandesa.

Os colonizadores holandeses instalados em Pernambuco foram responsáveis por dar feição a um novo Recife, com a construção de pontes e canais, viabilizando o transporte fluvial. Sob comando de João Maurício de Nassau, foi elaborado o primeiro plano diretor para uma cidade brasileira, assim como das Américas, o *Plano Mauritzstadt*, por idealização do engenheiro Pieter Prost, dele destaca-se o projeto paisagístico de grandes proporções, que é identificado como um dos primeiros jardins projetados da América Latina, o Parque de Friburgo (SÁ CARNEIRO, 2010). A área do jardim, onde se instalava o Palácio de Friburgo (Figura 3), se concentrava ao norte da Ilha de Antônio Vaz e tinha localização privilegiada com vistas amplas que se abriam para as águas do rio, assim como para o continente.

Figura 3 - Planta Baixa do Parque Friburgo no Recife, datado 1639



Fonte: Gaspar Barleus apud Mesquita, 2002

Segundo Silva (2007), o jardim extenso era dividido por porções que se constituíam por pomares, hortas, canteiros, mas, também espaços para a criação de animais como aves, ovinos e caprinos. O espaço ajardinado também possuía grandes lagos, onde havia viveiros de peixes e coexistem ao seu redor coelhos e cisnes.

No período que seguiu em Pernambuco, de volta da colonização portuguesa, não houve muita expressão no tratar de projetos de paisagem de grandes proporções. De acordo com Vieira Filho (1986), essa foi uma época marcada pelos quintais arborizados frondosos e pelos sítios rurais com vegetação floral, assim como no ajardinamento nos claustros das igrejas.

A prática do paisagismo, como conhecemos hoje, no Brasil tem registros de sua estruturação com o Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1783, mas, tem sua prática difundida no país com a chegada da família real portuguesa na cidade no início do século XIX com a demanda da corte de mais espaços arejados, salubres e verdes semelhante aos que se via na Europa.

O projeto do Passeio Público é do mestre Valentim da Fonseca e Silva e foi elaborado sob demanda do vice-rei Luís de Vasconcelos de Sousa, que promoveu diversas reformas na cidade, como aterros e calçamentos. O Passeio Público possuía traços rígidos e geométricos, com caminhos que formavam alamedas retas que se cruzavam na diagonal, inspirados na tradição dos jardins franceses e margeava as águas da atual Lagoa da Lapa, próxima ao mar e contava com diversas espécies da flora nacional além das obras do próprio mestre Valentim como esculturas, pavilhões e chafarizes. O Passeio Público é considerado o mais antigo espaço livre ajardinado urbano do Brasil (TRINDADE, 2010, p. 47).

O Passeio Público, devido ao seu ordenamento, circulação de vento e conexão com elementos naturais, logo tornou-se símbolo de saúde, lazer e beleza para a população carioca (SÁ CARNEIRO, 2010, p. 86) e se tornou referência para o resto do país. O hábito de caminhar também tornou-se uma referência positiva tratando-se de bem-estar e saúde.

No Recife do século XIX, a presença inglesa, que se tornou forte devido aos numerosos comerciantes que chegavam à cidade, influenciava a opinião local acerca da preservação da natureza e a importância do caminhar, “o chamado *footing*, expressão assimilada pela população; sentar para admirar o rio; e fazer piqueniques, que segundo Freyre (1977), tornou-se moda como atividade de lazer” (SÁ CARNEIRO, 2010, p. 67). Deste modo, ao romper do século XX, havia uma forte pressão na cidade por jardins e passeios públicos devido à seus ganhos em aspectos de saúde, cultura e transcendência.

Annibal Fernandes, jornalista, professor e político influente, era uma das vozes mais ativas na insistência da importância da implantação de parques no Recife. Seus estudos ainda jovem em arte religiosa na Europa, impactavam em sua perspectiva de valorização do patrimônio histórico local e na importância que dava aos espaços livres urbanos. O

jornalista, que assinava a seção chamada “De Um e de Outros” no jornal Diário de Pernambuco, se debruçava em temas de urbanicidade, sendo a temática de parques urbanos do Recife, como o Parque do Derby, Parque do Entroncamento e Parque Sérgio Loreto frequentes na década de 1920.

Em diversos artigos, o jornalista aponta necessidade de espaços ajardinados como parques e jardins denominando-os de “pulmões pelas quaes as cidades respiram” (ANNIBAL, 1920, p. 3) e apontando a sua necessidade como meio de embelezar e trazer bem-estar para Recife, comparando-a com outras cidades do mundo, o jornalista entende a cidade como beneficiada de beleza ímpar natural:

[em Buenos Ayres] o homem, pode-se dizer, fez tudo. A natureza foi inteiramente alheia, pois deu á "urbs" apenas u'a larga planície, sem elevação, sem accidentes, de u'a desoladora monotonia. Mas bastou que bom gosto, a iniciativa e [...] progresso andassem por ali para que a cidade, como por encanto, tomasse um aspecto diverso. [...] Recife é uma linda cidade, abandonada. Difficilmente a natureza foi tão prodiga e tão amavel. Mas que se tem feito para, aproveitando esses beneficios naturaes, dar-lhe uma physionomia moderna, e tirar-lhe esse ar de povoação de roça que apesar do caminhão automovel e do "bond" eleetrico elle ainda conserva? Relativamente, muito pouco. Uma cousa que preocupa hoje todas as cidades civilisadas é a arborisação. (ANNIBAL, Fernandes. 1920. p. 3)

Para o jornalista, a necessidade de mais expressões de ajardinamento da cidade também se dava por aspectos climáticos, pois ao seu ver a presença de vegetação arbórea colaboraria para um maior conforto térmico:

São Paulo que é uma cidade fria tem nas suas ruas arvores demais. E em Recife que fica pouca distancia do Equador se podém contar as aglaidas e os oitiseiros que a ornamentam! Nestes tempos de calor, a soalheira abrasa. E a cidade, não fóra a brisa marinha que a bafeja, malava-nos a todos nós de insolação. (ANNIBAL, Fernandes. 1920. p. 3)

Havia à época uma esperança de que o espaço urbano embelezado e organizado fosse apresentar uma certa moralização social, o que será tratado no Capítulo 3 deste volume. Para o historiador Flávio Weinstein Teixeira (2012), o embelezar da cidade era interpretado como a instalação de equipamentos urbanos e obras que se assemelhavam

às grandes cidades do hemisfério norte. Era o referencial de confirmação, porém mais do que a imagem de uma cidade estavam sendo construídos de forma ainda mais atroz novos valores culturais de hábitos e costumes sociais, muitas vezes de controle impositivo e classista, pois nisso se compunha a fantasia de modernidade almejada.

Porém, é certo afirmar que as discussões vigentes acerca de melhoramentos urbanos no Recife envolviam dois aspectos de importante destaque, um deles era o reconhecimento da necessidade de vegetação nos espaços urbanos e o outro era a necessidade de planejamento urbano que levasse esses aspectos em consideração.

#### **2.4 A paisagem regionalista: a natureza como identidade**

Ao fim da primeira Grande Guerra o mundo estava desenvolvendo novas perspectivas, o Brasil recebia imigrantes de diversas nacionalidades alterando assim a dinâmica social e tornando-a cada vez mais global. Com a industrialização das grandes cidades surgiram novas demandas e as conexões entre os continentes aumentava o fluxo de informação e viajantes dentro das cidades brasileiras. A cidade de Recife, à época, ocupava posição de destaque na economia regional devido a sua agroindústria do açúcar (REZENDE, 2005) que agora em declínio dava espaço ao nascimento das usinas e pequenos comércios, os quais começavam a moldar a nova economia da cidade.

Fervilhando ideias de novidade, a cidade tradicional aos poucos se alinhava aos novos pensamentos acerca do futuro e os ares de modernidade começaram a permear as ruas. Segundo Rezende (2005), nos primeiros vinte anos do novo século a população urbana do Recife duplicou. Com a decadência dos engenhos rurais, os trabalhadores e escravizados agora livres se deslocavam para cidade em busca de oportunidades e empregos, aumentando consideravelmente a quantidade de pessoas vivendo na cidade. Boa parte da nova população urbana chegava à cidade sem estrutura de moradia, terminando assim por ocupar as margens dos rios que eram terrenos livres e alagados, habitando casas simples

em geral feitas em palha e barro, conhecidas à sua época por mocambos. Havia na cidade do Recife, no início de 1930, 23.210 mocambos e 23.869 prédios (REZENDE, 2005, p. 107).

Não apenas das camadas sociais mais baixas vinha o crescimento populacional, inclusive por parte da população aristocrática. Segundo a historiadora Zélia Gominho (1998) era possível perceber o aumento de construções particulares nos bairros do Derby, Casa Amarela, Dois Irmãos e Espinheiro, caracterizadas como elegantes palacetes, bangalôs e vilas. A cidade ia crescendo de todas as formas, em infraestrutura e pessoas.

Cada vez mais Recife ia se inserindo nos moldes de cidade moderna, aos conceitos “ocidentalizados”. Já não mais se usavam lampiões de azeite, mas a luz elétrica e uma ampliação substancial dos serviços de estruturação urbana ocorriam paulatinamente na cidade. Nas primeiras décadas do século XX, havia também, espetáculos teatrais vindo regularmente à cidade, estações de rádio locais começaram a surgir, o cinema recifense era destaque em todo país, tornando a capital pernambucana conhecida como Hollywood brasileira. Havia muito com o que se entreter na capital pernambucana nesta época, ela não era referência apenas no estado, mas também no Nordeste (REZENDE, 2005).

No centro da cidade se viam os sobrados estendidos ao longo do rio e as ruas cortadas por pontes nas quais passeavam automóveis. Implementou-se os serviços de bonde elétrico que passaram a circular pela cidade em 1914 e, em 1925, abriu-se o tráfego aéreo entre Recife e Rio-Buenos Aires (Rezende, 2005, p. 100). A feição de cidade tradicional parecia não mais lhe caber, agora se tornara uma cidade global.

Apesar da euforia moderna, a situação urbana do Recife não tinha um aspecto uniforme de progresso. O ambiente urbano úmido, com alta densidade de pessoas chegando de diferentes lugares, com déficit de moradia adequada e a ausência de uma estrutura de saneamento básico levou a população a esmaecer com epidemias e altas taxas de

mortalidade. Apesar da modernização vigente, Recife crescia como uma das cidades mais insalubres do país.

Sobre a situação de higiene na cidade, Octávio de Freitas afirmou: “Todo aquele que, interessado pelos assuntos de higiene, fizer um estudo comparativo do coeficiente geral da mortalidade nas diversas capitais dos estados brasileiros, não deixará de ficar impressionado pelo excessivo dízimo mortuário do nosso Recife que ocupa um dos mais elevados lugares da escala” (FREITAS, 1904, p. 13).

As doenças alastraram-se de forma a não escolher cor ou classes sociais, atingindo tanto os sobrados do centro quanto os mocambos mais afastados. Dentre as doenças que mais afetaram a saúde dos pernambucanos na época estavam a peste bubônica, lepra, febre amarela, varíola, tuberculose e a gripe espanhola. Diante desse cenário, a figura do médico passou a se destacar cada vez mais entre as autoridades públicas envolvidas em diversas funções nas instituições estatais.

Enxergar as cidades brasileiras como um “vasto hospital”, como afirmou o professor Miguel Pereira em 1916 (CORREIA, 2020a, p. 189), deslocou a relação médico-paciente para médico-ambiente, característica do contexto higienistas, já que era constatada a influência negativa da cidade insalubre na saúde dos habitantes:

Por trás desta nova percepção da saúde estava a incorporação, pelo discurso médico, de elementos novos. Novas descobertas, como o papel de microorganismos na formação das moléstias, evocam novas formas de prevenção e tratamento. As doenças deixam de ser uma fatalidade individual para assumir uma causalidade no ambiente. O foco do olhar clínico sai do corpo humano e passa a se concentrar, também, no contexto social (FARIAS, 2006, p. 2)

Octávio de Freitas, enquanto diretor na Diretoria de Higiene e Saúde, publicou um relatório acerca do estado de higiene da cidade do Recife. O relatório detalhado, conta com inúmeros dados estatísticos epidemiológicos que apontam o impacto que a falta de higiene tem sobre a cidade, mas não apenas no ponto de vista da higiene individual, mas instruir medidas sanitárias efetivas para a instauração da salubridade na cidade do Recife

a partir da proposição de obras de drenagem de pântanos, calçamentos e higienização das moradias, comércios e indústrias (GOUVEIA, 2015, p. 2).

Assim, iniciaram-se as alterações urbanas carregadas de entusiasmo de progresso e com incentivo dos ideais higienistas, o suporte e incentivo da área médica foi definidor para o início e a consolidação das grandes reformas estruturantes, como a presença marcante do médico Octávio de Freitas, um dos mentores dessa reforma (CORREIA, 2020a, p. 474). A reforma do Porto em 1910, marcou o início de uma série de reformas de grandes proporções que modificariam a forma física da cidade (Figura 4), alterando sua paisagem e levando bairros inteiros ao chão em nome do progresso e da saúde.

Figura 4 - No centro do Recife, a arquitetura colonial vinha abaixo e surgiam novas avenidas



Fonte: Benício Whatley Dias ( Acervo do Museu da Cidade do Recife)

Não bastassem as perdas humanas devido às doenças na época, os recifenses também passaram a perder drasticamente suas referências de espacialidade, suas paisagens. Cada vez mais as alterações urbanas se tornavam a proposta de solução rápida e eficaz para as mazelas que assolavam os corpos na “cidade das tantas águas”.

Porém, apesar do grande uso dos ideais higienistas, as reformas traziam consigo o “requinte” arquitetônico e urbano europeu em voga, as alterações urbanas buscavam para além da melhora das infraestruturas e saúde pública, também “civilizar” a população recifense, ou seja, tornar a cidade e população a mais semelhante o possível do que era visto no hemisfério norte global, esse era o conceito civilizatório referencial neste período.

Muitas foram as críticas voltadas à descaracterização urbana do Recife, discussões públicas nos jornais de grande circulação eram travadas entre os tradicionalistas, opositores às descaracterizações urbanas importadas de modelos internacionais e os progressistas, defensores da modernidade e das novas feições urbanas, estampando esses debates públicos nas primeiras páginas dos periódicos da época.

Joaquim Inojosa era um grande apoiador dos valores do movimento que se apresentava no Sudeste do país com a Semana da Arte Moderna realizada em 1922 na cidade de São Paulo. Assim, sendo influente no Jornal do Commercio, através dele passou a defender um modernismo que se parecia mais com os postulados que influenciaram os artistas que traziam referências das vanguardas europeias, advogando pelo progresso das reformas urbanas visando um Recife mais industrial.

Em oposição e na defesa de um modernismo mais condizente com as características locais, estava Gilberto Freyre, com o nome que mais se popularizou em defesa do regionalismo, devido a sua projeção nacional e sua postura nos anos que seguiram. Porém, Freyre não foi o único envolvido ou mais engajado com a atuação pública na defesa dos valores locais, nomes como Annibal Fernandes, Amaury de Medeiros, Mário Sette dentre tantos outros intelectuais foram tanto ou até mais relevantes nos espaços de comunicação dos periódicos da época.

Como registrado em diversas fotografias de Benício Dias, não foram apenas nos discursos que se disputavam espaços, essa foi uma época de grandes tensões e dualismos na paisagem do Recife, o que fica manifestado na estrutura espacial da cidade, parte colonial e parte moderna. É possível observar na Figura 5, a diferença de proporção entre as casas recifenses e os novos projetos modernistas disputando o espaço urbano, enquanto no “antigo” construir a cidade as árvores sombreavam as ruas, agora com a proposta moderna, as grandes estruturas em pilotis faziam este papel.

Figura 5 - Pilotis do edifício da Secretaria da Fazenda na avenida Martins de Barros e torre do convento de São Francisco na rua do Imperador, em 1940, apontando as duas perspectivas de cidade, a moderna e a tradicional coexistindo



Fonte: Coleção Benício Whatley Dias (Acervo Funda/ Villa Digital)

De acordo com Correia (2020a, p. 82), como um fruto dos ideais nativistas que vinham tomando conta do imaginário pernambucano desde o século XIX, o regionalismo foi se desenvolvendo no discurso dos intelectuais da época e favorecido pelo contexto de tantas mudanças estruturais na cidade, brotou-se um solo fértil para o desenvolvimento de princípios de valorização local, saudosismo e resgate de valores e símbolos antes

prevalentes, o que caracterizaria dali para frente um movimento. Os valores regionalistas eram abrangentes e abraçavam os mais diversos aspectos voltados à realidade nordestina, passando por sua música, pintura, poesia, fauna, flora, arquitetura, gastronomia e perfil urbano. Havia um envolvimento coletivo e intelectual na busca da identidade do que era local e um interesse em sua propagação e salvaguarda.

Assim, nasceu o Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, na casa de Odilon Nestor de Barros Ribeiro, professor da Faculdade de Direito, poeta e político, que proporcionou um encontro em sua sala para os convidados Antônio Ignácio de Barros Ribeiro também, bacharel em Direito, Alfredo Freyre, que era juiz, seu filho o sociólogo Gilberto Freyre e os médicos Alfredo de Moraes Coutinho Filho e Amaury de Medeiros. Este último, por conta de seu entusiasmo e proatividade se tornou em muitos momentos “motor” de funcionamento da engrenagem do grupo, como ficou registrado no relato de Gilberto Freyre para o jornal A Província, sob o pseudônimo de Jorge Rialto:

O movimento regionalista, que ahi no Recife foi por algum tempo o que deu sal à monotonia da vida, teve em Amaury de Medeiros um entusiasta, que com a maior vivacidade se identificou com as campanhas empreendidas. Precisamente no Centro Regionalista do Nordeste, que nesse tempo reunia-se na residencia do meu mestre e amigo illustre, o professor Odilon Nestor, conheci uma tarde, o então director da Saude Publica de Pernambuco. Eu fôra a convite do professor Odilon Nestor, e tinha sido um dos primeiros a chegar. E admirava com o dr Moraes Coutinho, esse fino e gentil temperamento de estheta, os quadros e os lindos objectos de arte que fazem a casa de Odilon Nestor um dos mais suggestivos interiores da bella capital pernambucana, quando chegou Amaury de Medeiros. Deu-me logo a impressão de uma dessas pessoas cujo entusiasmo é irresistivel. E através da reunião toda, elle foi sempre quem vibrou mais forte a nota de entusiasmo, como querendo que num instante todas as idéas do movimento regionalista dominassem numa victoria brilhante. Fazia-lhe mal um meio sorriso que no meio daquella confiança, daquella fé entusiastica daquelle idealismo absoluto, duvidasse um pouco da importancia ou da conveniencia do esforço e do programma que alli reunia, em volta de um chá muito bem feito e de uns bôlos de gomma magnificos, temperamentos tão diversos. (RIALTO, 1928, p.3 apud CORREIA, 2020a, p. 413-414)

Desde o início, fica evidente a participação ativa de Amaury de Medeiros na atividade do grupo, que logo passou a receber mais membros como Annibal Fernandes, Ulysses Freyre, Gouveia de Barros, Samuel Hardman, Aggeu Magalhães, Edgar Altino, França Pereira,

Farias Neves Sobrinho, Luiz Cedro Carneiro Leão, Pedro Paranhos Ferreira, Alberto Lyra Cavalcanti, Carlos Lyra Filho, Pedro Allain, Julio Celso de Albuquerque Bello, Olívio Bethlem Alvares, Edgar Teixeira Leite, Francisco de Arruda, Arsenio Tavares Nestor Diogenes, Fernando Simões, José Bezerra Filho, Nogueira Paranaguá, Ulysses Pernambucano, entre outros participantes (CORREIA, 2020a, p. 414).

Embora, evidente a ausência feminina na composição do grupo, há alguma diversificação no que se trata de perfis, idades e profissões no Centro, que se definia como um grupo apolítico, com membros da esquerda à extrema-direita (FREYRE, 1996). Apesar da predominância de intelectuais com influência na imprensa ou envolvidos com a administração pública, o grupo foi composto também por advogados, professores, poetas, jornalistas, médicos e outros profissionais que se identificavam com os princípios tratados no Centro, que basicamente “institucionalizou” pensamentos prevalentes dos ideais regionalistas.

Não seria surpreendente que dentro de um grupo composto por perfis distintos houvesse discordâncias, havia. Inclusive, envolvendo seus membros fundadores Amaury de Medeiros e Gilberto Freyre<sup>2</sup>, que tinham opiniões divergentes quanto à intensidade na defesa do mocambo como habitação adequada ao clima, que para Freyre era ideal e para Medeiros necessitava de ajustes sanitários. As divergências dentro do grupo ajudavam na abrangência da frente de atuação e objetivos no envolvimento das atividades. Em sua primeira referência no Jornal Diário de Pernambuco, o Centro Regionalista foi anunciado e descrito como atuando “na defesa das nossas cousas e das nossas tradições, no aproveitamento dellas como motivos de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste, região cujas raízes naturaes e historicas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só” (CENTRO, 1924. p. 1).

---

<sup>2</sup> O artigo “Gilberto Freyre e Amaury de Medeiros: tensões entre culto à tradição e messianismo sanitário (Recife, 1923-1926)” de CORREIA, T. de B. trata com maior aprofundamento as divergências de pensamento entre Amaury de Medeiros e Gilberto Freyre.

O Centro promoveu diversas atividades, além das reuniões frequentes para a discussão dos temas de interesse à cultura do Nordeste, incentivou a escrita de poesias, músicas e danças regionais, desenvolvimento de fotografias e pinturas, organizou jantares para usufruto da culinária local, promoveu a “Semana da Árvore” em 1924, evento que tratava da valorização da flora local (que é descrita mais detalhadamente no Capítulo 3 desta dissertação) e o Congresso Regionalista em 1926, a atividade com mais expressividade e reconhecimento desenvolvida pelo Centro.

O Congresso Regionalista, que teve duração de cinco dias, envolveu sessões durante todas as noites na Faculdade de Direito e no Departamento de Saúde e Assistência. Entre as palestras houve espaço para expressões artísticas como poesias recitadas e música. A abrangência de discussões no encontro era impressionante. Os regionalistas se propuseram a discutir meses antes em suas sessões:

I – Problemas economicos e sociaes

1. Unificação economica do Nordeste. Acção dos poderes publicos e dos particulares.
2. Defesa da população rural. Habitação, instrucção, economia domestica.
3. O problema rodoviario do Nordeste. Aspecto turistico, valorização das bellezas naturaes da região.
4. O problema florestal. Legislação e meios educativos.
5. Tradições da cosinha nordestina. Aspecto economico, hygienico e esthetico.

II – Vida artistica e intellectual

1. Unificação da vida cultural nordestina. Organização universitaria. Ensino artistico. Meios de collaboraçã intellectual e artistica. Escola primaria e secundaria.
2. Defesa da physionomia architectonica do Nordeste. Urbanização das capitaes. Planos para as pequenas cidades do interior. Villas proletarias. Parques e jardins nordestinos.
3. Defesa do patrimonio artistico e dos monumentos historicos.
4. Reconstituição de festas e jogos tradicionaes (CENTRO, 1925, p.3)

O grupo regionalista, não visava apenas a manutenção de valores tradicionais, não era de todo tradicionalista, mas a seu modo também modernista, pois visava mudanças urbanas desde que com parcimônia respeitassem as estruturas do preexistente, algumas delas

vanguardistas, como iniciativas de habitação popular e defesa do patrimônio histórico urbano. Por meio do Centro se fortaleceram iniciativas de arborização urbana com flora local, de incentivo à jardins privados, à políticas de proteção dos monumentos como igrejas e prédios públicos neocoloniais – estilo arquitetônico que para o grupo, possuía uma identidade nordestina – cabendo às reformas futuras para esses bens não a alteração da estética, mas apenas ajustes de infraestrutura que visavam a higiene (CORREIA, 2020b, p. 13-14).

No Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, Gilberto Freyre palestrou sobre a estética e tradições da cozinha do Nordeste, Luiz Cedro em seu discurso abordou questões do Patrimônio Artístico Nacional, já Odilon Nestor argumentou defendendo a criação de uma disciplina para estudos do nordeste no Ensino Superior, o sanitarista Gouveia de Barros tratou do tema da seca nordestina, quanto Nestor Figueiredo como urbanista tratou a questões voltadas à arquitetura da cidade do Recife.

Amaury de Medeiros fez o encerramento do Congresso, em discurso proferido durante o jantar que oferecia diversos pratos regionais como frutos do mar, doces de frutas locais, queijo coalho, água de coco e licor (CORREIA, 2020a, p. 433-434), defendendo a conservação da paisagem recifense, por meio da conservação e cultivo da vegetação fértil do solo e afirmando a importância da conservação de das edificações que dão identidade à cidade.

Em documento redigido em 1951 por Gilberto Freyre numa leitura pessoal dos valores do Congresso chamado “Manifesto Regionalista”, na ocasião do evento de comemoração do 25º aniversário do Primeiro Congresso de Regionalistas do Nordeste proporcionado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, o autor aponta com detalhamento essas preocupações com a paisagem urbana local e o bem-estar urbano para o cidadão recifense. Ao longo do seu texto, Freyre trata do apego à forma urbana do Recife de forma, à suas ruas estreitas como uma resposta à suas necessidades:

[as velhas ruas estreitas do Nordeste] bem situadas, são entre nós, superiores não só em pitoresco como em higiene às largas. As ruas largas são necessárias - ninguém diz que não, desde que exigidas pelo tráfego moderno; mas não devem excluir as estreitas. Ainda há pouco um estrangeiro viajadíssimo era com que se encantava no Rio de Janeiro: com as velhas ruas estreitas. E não com as largas. Não com avenidas incaracterísticas. Não com as nossas imitações às vezes ridículas de "boulevards" e de "broadways", por onde a gente que anda a pé só falta derreter-se sob o sol forte com que o bom Deus ora nos favorece, ora nos castiga. Entretanto, quando eu primeiro elogiei aqui as ruas estreitas e lamentei o desaparecimento dos velhos arcos que se harmonizavam com elas e das casas e sobrados pintados de vermelho, de verde, de azul ou revestidos de azulejos - azulejos que chegaram a ser condenados estupidamente, no Recife, por lei municipal - foi como se tivesse escrito heresia em porta de igreja ou obscenidade ou safadeza em muro de colégio de moça. O mesmo quando louvei na cidade do Recife o seu resto de recato mouro: outro absurdo para os **modernistas da terra**, pois **as cidades devem ser todas abertas ao sol** e aos olhos dos turistas e nunca fechadas dentro de paredes, muros e rótulas, aqui mais protetoras do homem do que o vidro nos países de pouca luz e de sol parecido com lua. Reconheçamos a necessidade das **ruas largas** numa cidade moderna, seja qual for sua situação geográfica ou o sol que a ilumine; mas não nos esqueçamos de que a uma cidade do trópico, por mais comercial ou industrial que se torne, convém certo número de ruas acolhedoramente estreitas nas quais se conserve a sabedoria dos árabes, antigos donos dos trópicos: **a sabedoria de ruas como a Estreita do Rosário ou de becos como o do Cirigado que defendam os homens dos excessos de luz, de sol e de calor ou que o protejam com a doçura das suas sombras**. A sabedoria das ruas com arcadas, de que o Recife devia estar cheio. A sabedoria das casas com rótulas ou janelas em xadrez, que ainda se surpreendem em ruas velhas daqui e de Olinda. (FREYRE, 1996, n.p. - grifo nosso)

Fica evidente a importância que Freyre dá como regionalista à natureza como fundamental à identidade de Pernambuco, e em especial, com detalhamentos em seus escritos na cidade do Recife. É possível observar em seu discurso a leitura de uma relação íntima dos moradores com a fauna, domesticada ou não, com a qual conviviam e admiravam. Fica registrada também a importância dada à flora local pelo Centro, abordando-a como essencial à culinária ou às estratégias de saúde comuns ao povo nordestino, mas em especial como elemento fundamental de identidade de paisagem, evidenciando o valor dessa flora no cotidiano em contraponto a supervalorização da “europeização” dos usos de ingrediente na culinária e nos costumes do Recife:

O próprio coco verde é aqui considerado tão vergonhoso como a gameleira, que os estetas municipais vêm substituindo pelo "ficus benjamim", quando a arborização que as nossas ruas, parques e jardins pedem é a das **boas árvores matriarcais da terra** ou aqui já inteiramente aclimadas: pau d'arco, mangueira, jameiro, palmeira, gameleira, jaqueira, jacarandá. Ao voltar da Europa há três

anos, um dos meus primeiros desapontamentos foi o de saber que a água de coco verde era refresco que não se servia nos cafés elegantes do Recife onde ninguém se devia lembrar de pedir uma tigela de arroz doce ou um prato de munguzá ou uma tapioca molhada. [...] Os cafés elegantes do Recife não servem senão doces e pastéis afrancesados e bebidas engarrafadas. (FREYRE, 1996, n.p - grifo nosso)

Freyre não parece direcionar a sua crítica à inserção de elementos estrangeiros na dinâmica local, mas à substituição acrítica desses elementos em detrimento dos produtos e plantas locais, como um apagamento intencional dos valores do Nordeste no intuito de gerar uma “europeização” que viria a tornar a população mais desconectada de sua realidade. O autor defende a coexistência das culturas no Nordeste, desde que em convivência harmônica:

Há no Nordeste de hoje árvores e plantas vindas da Europa, do Oriente, da África que crescem nos sítios ou nos quintais, não só como se fossem naturais da região, porém como se fossem gente: gente de casa. Que não só dão de comer às pessoas sãs como servem de remédio às doentes. Que não só cobrem as casas pobres como lhes refrescam e perfumam o ar. E tanto quanto as velhas árvores da terra como o cajueiro, ainda servem de brinquedo - carrossel, gangorra, cavalo - aos meninos, deixando-os trepar pelos seus galhos como se fossem pernas de avós ou de tios; e não restos brutos e insensíveis de mata ou de floresta. Sempre me pareceu que Dois-Irmãos devia ser no Recife um parque que reunisse todas essas árvores regionais, importadas ou nativas, mais camaradas dos homens; e não apenas as mais agrestes e raras. Também todos os animais mais ligados à vista regional e não apenas os mais ariscos e curiosos. (FREYRE, 1996)

Para Freyre o “viver bem” na cidade do Recife envolvia não perder elementos essenciais da cultura do Nordeste, elementos esses que eram físicos mas também simbólicos. A valorização das árvores no espaço público e privado, a relação com seus frutos versando a culinária ou a saúde, o contato com os animais em espaços menos urbanizados, assim como a presença de espaços livres urbanos tal qual na proposta do “Parque Dois Irmãos”. É disso que trata Besse quando afirma a faceta natural e cultural da paisagem. A paisagem que almejavam os regionalistas visava o bem-estar da cidade a partir da cultura que já conheciam e que impactava diretamente na forma física da cidade em alinhamento com a natureza, como se o reconhecimento da vegetação, do relevo e acidentes geográficos no Recife, presentes antes mesmo da chegada dos homens, fosse a base para a construção de qualquer identidade cultural gerada sobre aquele chão.

Em consonância à defesa de Besse (Seção 2.2 do presente Capítulo) sobre a “geografia vivida” no corpo, ao tratar do registro de Gilberto Amado, advogado e político brasileiro, acerca de seu tempo de formação na Faculdade de Direito do Recife, em meados da primeira década de 1900, Natália Barros Cavalcanti (2012), pontua a experiência de cidade pelos cidadãos como uma “outra geografia”:

O relato de sua formação no Recife e de suas relações com a cidade e seus habitantes evidencia que sons, cheiros, cores compõem a cidade e que sua criação não é monopólio de arquitetos e geógrafos. Os habitantes e visitantes de uma cidade, ao praticarem seus espaços, delineiam fronteiras antes inexistentes, abrem caminhos, constroem pontes, muitas inclusive imaginárias, que permitem trocas não apenas materiais, mas também de sonhos, temores e expectativas. Com as práticas dos espaços, emerge uma outra geografia da cidade. Com as práticas, mas também com as palavras. Mediante a escrita, da narrativa que escolhe o que contar, que seleciona personagens e lugares também se constrói uma outra espacialidade, fora daquela traçada nos mapas e guias convencionais (CERTEAU, 2004 apud CAVALCANTI, 2012, p. 63)

E a apreensão da cidade pelos moradores e visitantes parece ser mesmo diferente, em particular tratando-se da cidade do Recife, Freyre (2007, p. 23) afirma que “a nenhum, porém a cidade se entrega imediatamente, seu melhor encanto consiste mesmo em deixar-se conquistar aos poucos. É uma cidade que prefere namorados sentimentais a admiradores imediatos”. O próprio Freyre, relata se sentir estrangeiro em solos recifenses, diante das alterações urbanas:

Parece que tenho vivido em dois países diferentes”, dizia, ao fim da vida, Antonio Cândido ao Sr. Fidelino de Figueiredo, aludindo à grande revolução que operara a república na paisagem social da sua pátria. Os que, ainda meninos, conhecemos o Recife de Lingueta, do Arco de Santo Antonio, dos quiosques e das gameleiras, vamos experimentando sensação igual quanto à paisagem física. Parece que temos vivido em duas cidades diferentes. (...) Eu por mim já me sinto estrangeiro no Recife de agora. O meu Recife era outro. Tinha um “sujo de velhice” que me impressionava, com um místico prestígio, a meninice. (...) Hoje, para recolher uma impressão mesmo fortuita do velho Recife é preciso ir aos dois ou três becos quase mouriscos que ainda nos restam, ao pé das insolentes avenidas novas. Ou à janela de algum terceiro ou quinto andar, de onde os olhos ainda conseguem agarrar pedaços do pitoresco que foge, deitando na água saudosa do rio suas últimas sombras. (FREYRE, 1979, p. 16 e 17)

Há muitos fatores que colaboraram para a alteração da paisagem urbana do início do século XX, dentre elas também os aspectos sociais, como a decadência do Ciclo do açúcar,

a liberdade dos escravizados africanos, o acesso de mais mulheres aos espaços públicos, a modernização dos transportes, a chegada de cinemas. É compreensível enxergar nos regionalistas, apenas tradicionalistas saudosistas lutando por seu *status quo*, porém, o movimento regionalista foi revolucionário e moderno, em muitos aspectos, como na influência exercida pelo movimento na arte de sua época. Gilberto Freyre, ao escrever sobre arte nordestina, defendia a identidade de uma arte pictórica que traduzisse a “verdadeira paisagem do Nordeste”, criticando a submissão de artistas locais que insistiam em manter a representação acadêmica e engessada do que seria a paisagem tropical como nos séculos passados (Figura 6).

Figura 6 - “Paisagem em Pernambuco com Casa Grande”, Frans Post, 1665



Fonte: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP)

Freyre busca defender o que compreendia como a paisagem tropical expressa nas artes visuais, apontando a negligência dos artistas em relação às particularidades tão importantes e marcantes dos trópicos como cor e luz:

Ele tenta nas suas críticas de arte, fixar uma dada visibilidade regional: de paisagens de tons ocres ou de exuberância tropical que não se coadunaria nos cinzentos dos acadêmicos, nem com as cores carnavalescamente brilhantes do “impressionismo”. Para ele, até então a pintura tinha passado ao largo dessa **paisagem regional**, com seus contrastes de verticalidade – as palmeiras, os coqueiros, os mamoeiros – e de volúpias rasteiras – o cajueiro do mangue, a

jitirana. Uma paisagem animada de muitos verdes, vermelhos, roxos e amarelos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 146 - grifo nosso)

Em meio à um Recife mais moderno e diante das alterações na paisagem, os artistas locais passaram a expressar ar de saudosismo em seus trabalhos, com frequentes lamentos públicos acerca das alterações na dinâmica urbana da época. Cunhando a partir de suas emoções expressões usadas comumente até os dias atuais para tratar da parte da cidade alterada com as reformas do início do século XX como “Recife Antigo, Recife Velho ou Recife de Outrora” (BORGES, 2012. p. 03). Entre os inúmeros artistas que receberam influência do movimento regionalista e retrataram as dores das perdas das paisagens recifenses, estão Manuel Bandeira, Carlos Pena, Cícero Dias, Joaquim Cardozo, Lula Cardoso Ayres e Vicente do Rêgo Monteiro.

Cícero Dias, registrou em suas pinturas “Recife Lírica” (1930) e “Visão Romântica do Porto” (1930), o que Borges (2012, p. 102) aponta como a consolidação da proposta modernista- regionalista. O contato com Gilberto Freyre é de grande influência nessa fase da obra do autor, que retrata uma Recife que não mais existia, a Recife de sua memória. Sobre “Recife Lírica” (Figura 7), Borges (2012, p. 134) defende que o discurso registrado na imagem pintada por Cícero se aproxima dos discursos de Gilberto Freire, que defendia Recife como acanhada que não se entrega facilmente. A cidade do Recife é registrada a partir da perspectiva do mar, em primeiro plano um casal em boda parece descortinar a paisagem, de um porto composto por navios e jangadas, refletindo as mudanças que ocorriam na época na cidade, fazendo conviver a tradição e a novidade a todo custo. Ao fundo, a Ilha do Recife, repleta de pequenos sobrados, tal qual era anteriormente às reformas de 1910, que alterou suas feições entregando-lhe um ar mais moderno.

Figura 7 - Pintura “Recife Lírica” de Cícero Dias, em óleo sobre tela, datada 1930



Fonte: Reprodução fotográfica André Morain da Coleção Sylvia Dias (Paris, França)

Já em “Visão Romântica do Porto do Recife” (Figura 8), Cícero pintou a cidade a partir do continente, em primeiro plano estão elementos do cotidiano da população, apesar das referências à água, tanto ao fundo com o mar quanto na referência do bote à direita, dessa vez o pintor se dedica ao registro do cotidiano da rua:

Na análise da obra em suas especificidades, notamos que o olhar voltado para o passado torna-se imprescindível para a composição da cena como um todo, demonstrando a confluência desse discurso visual com a **narrativa modernista-regionalista**. Por que a escolha de determinados símbolos para representar a cidade em detrimento de outros? Porque a valorização das jangadas e não dos navios modernos? Navios estes que Cícero Dias já bem conhecia e já havia tomado em viagens para o Rio de Janeiro em momentos anteriores. Acreditamos que tudo isso representa escolhas simbólicas que afirmam, reafirmam ou negam certas construções imaginárias para o lugar e seus habitantes. Neste caso, uma visão romântica da cidade que preserva, cultua e vive o seu passado não dá lugar aos possíveis símbolos de modernidade. [...] Essa idealização e representação de forma romântica, como o próprio título da obra expressa, passaria por uma busca, para além do registro dos personagens e cenas típicas regionais, como forma de preservar na memória, criar ou recriar tempos e situações que, aos poucos, estavam se perdendo nas experiências dos habitantes da cidade (BORGES, 2012, p. 141 e 142 - grifo nosso)

Figura 8 - Pintura “Visão Romântica do Porto de Recife” de Cícero Dias, pintada em óleo sobre cartão, datada 1930



Fonte: Reprodução fotográfica Paulo Scheuenstuhl da Coleção Gilberto Chateaubriand - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

As obras pictóricas permitem uma exploração dos sentidos pelo fato de que, diferentemente de uma fotografia, não estão comprometidas à uma reprodução fiel da realidade. Assim, as pinturas são meio de representação da perspectiva do artista de uma cena ou momento, por isso, são expressões tão importantes de análise de paisagem. Em suas obras sobre a cidade do Recife, Cícero expôs suas emoções e desejos em tela, em “Visão Romântica do Porto de Recife”, está retratado um porto diferente da realidade dos anos de 1930, tendo em vista as alterações do Porto, nas reformas de 1910, que lhe deu feições mais modernas. A cidade é a composição dos diferentes tempos e que no tecer desses tempos sua história é contada, e no âmbito das artes, “seja textual ou visualmente, acabam configurando a própria noção de espaço e significando as vivências no lugar” (BORGES, 2012, p. 137).

Nas obras citadas de Cícero, pode-se supor que o ar saudoso e de idealismo impresso nas telas, recebe influência dos valores regionalistas vigentes que perduraram para além da década de 1920, influenciando uma geração de artistas:

Na década de 30, época de sua maior aproximação com Gilberto Freyre, Cícero Dias é identificado pelo amigo como um pintor que realiza artisticamente **os desejos dos modernistas-regionalistas**, pintando as cores, as pessoas, a luz, o cotidiano entendidos como característicos do Nordeste. O próprio Cícero Dias,

em entrevista para o jornal o Estado de São Paulo, no ano de 1999, relembra a influência e a importância que os elementos de sua vida no Nordeste tiveram para o desenvolvimento de sua sensibilidade de artista e a composição de suas obras ao afirmar: “Eu ficaria feliz se as pessoas diante de meus quadros com cenas ou fragmentos de pomares, tivessem a memória do olfato ativada com a vista, para sentir o perfume das frutas que pintei.” (DIAS, 1999). **Este Nordeste lírico, de frutas e pomares, cores e perfumes, composto como uma paisagem de sonhos, saído das suas memórias** e realizado em várias de suas obras é que parece ser rememorado pelo pintor neste trecho. (BORGES, 2011, p. 7-8 - grifo nosso)

O processo de identificação e apropriação da paisagem no Recife do regionalismo, tem registros assim como nas pinturas, também na literatura. Mário Sette, em seu livro “Arruar”, publicado pela primeira vez em 1934, faz uma descrição muito sensível da experiência urbana no Recife, como se a experiência na cidade construísse uma parte de quem ele é, a ponto de internalizar de tal modo que ele a entendia como dele:

Tôdas as paisagens e cenários de nossa cidade impregnam-se dêsses olhares antigos. E como que procuramos adivinhar como é que êsses olhos viam, o que lábios diziam, o que pensamentos traduzir, o que as almas sentiam... Temos o capricho de querer viver a nossa cidade por nós e pelos nossos antepassados. Não vemos apenas o rosto da cidade, mas também seu espírito. Na beleza do rio espraiado e sinuoso, nos reflexos das luzes, nas sombras do casario, na solidão dos sobrados, nas angústias dos becos, na quietude das alvarengas, no pinturesco do Mercado, nos cotovelos das ruas tortas, no burburinho das docas, na alacridade dos sábados, nos arvoredos dos síticos, nos terraços das pontes, nos toques das igrejas, nos apitos dos trens, nos pregões dos vendedores, no vocabulário da gente... Tudo é nosso, tudo é expressivo, tudo é diferente das outras cidades. (SETTE, s.d, p. 11)

Nos textos dos poetas do período também encontram-se os valores regionalistas preenchidos de saudosismo e o registros memoriais da cidade, como na poesia do engenheiro e poeta Joaquim Cardozo, “Recife Morto” (1924), que se inicia com o registro de traços marcantes da paisagem do Recife da época, como elementos naturais e arquitetônicos:

Recife. Pontes e canais.  
Alvarengas, açúcar, água verde, água negra.  
Torres de tradição, desvairadas, aflitas,  
apontam para o abismo negro-azul das estrelas.  
Pátio do Paraíso. Praça de São Pedro.  
Lajes carcomidas, decrépitas calçadas.

Falam, baixo, **na pedra, as vozes da alma antiga.**

(CARDOZO, 2007, p. 161 - grifo nosso)

Mas, que vai chegando ao fim com um certo pesar, um ar enlutado, diante do impacto das alterações urbanas, como um corte seco, um Recife mudado:

Recife

ao clamor desta hora noturna e mágica,

**vejo-te morto, mutilado, grande,**

**pregado à cruz das novas avenidas**

e as mãos longas e verdes

da madrugada te acariciam.

(CARDOZO, 2007, p. 163 - grifo nosso)

Berque (1994), afirma três classes artísticas como definidoras para a estruturação da compreensão da paisagem nas civilizações mais receptivas à seu conceito: o pintor, o poeta e o jardineiro. Pois por meio da pintura, palavra e jardim, a paisagem é representada. Dessa forma, é possível afirmar que havia uma sensibilidade paisagística afluída nos regionalistas, que se manifestava em registros pictóricos, literários, mas que também encontra nos jardins uma de suas fortes expressões. Assim, pode-se inferir que ao expressar suas sensibilidades individuais acerca da paisagem compartilhada, os artistas e intelectuais da época fortaleceram as aproximações entre si, sendo todos guarnecidos pela mesma inspiração: a cidade do Recife, a qual amavam e se identificavam.

## CAPÍTULO 3 | O MÉDICO E O CULTIVO: AMAURY DE MEDEIROS E A CULTURA DO CUIDADO NA PAISAGEM E NOS JARDINS DO RECIFE

### 3.1 Amaury de Medeiros e a busca por um Recife Salubre

Nascido no bairro de Parnamirim na cidade do Recife, em 07 de dezembro de 1893, Amaury de Medeiros (Figura 9), era conhecido como médico, se entendia como médico e dizia ser acima de qualquer coisa “um homem de ciência”. Uma aproximação com seus escritos e discursos, nos apresenta também a face de um amante sensível das artes, um erudito inquieto que buscava estar conectado constantemente com a beleza. Para Amaury, enxergar o belo no que fazia era combustível para a ação e era assim que encarava seu labor como sanitarista:

A medicina, a própria medicina que amo apaixonadamente, que é hoje em mim uma segunda natureza, uma nova forma de sêr, tem tanta beleza nos seus propósitos, tanta superioridade nas suas aspirações, tanta finura, tanta sutileza em seus methodos, que sinto um grande encanto em entendê-la, em conviver com ella nas suas superiores minúcias; é por isso que a hygiene tem exercido sobre o meu espírito uma seducção irresistível que eu quasi vos direi fatal; é ella a parte da medicina mais alta nas suas aspirações, mais bella nos seus designios, mais energica e mais radical nos seus méthodos... **A parte social de seu programa toma, na hora presente, uma posição decisiva e nos parece ir além das cousas humanas em força construtora e em belleza.** (MEDEIROS, 1924b, p.76 - grifo nosso)

Medeiros tinha na medicina a referência do que entendia como a “divina ciência” (MEDEIROS, 1924a, p. 109), aquela acima das outras, a qual necessitava para a sua prática de ideais “quase divinos” e sua compreensão do divino não estava apenas atrelada à precisão das técnicas da área, mas também à valores morais, como a bondade, que era como entendia e nomeava o esforço para mitigação de dores que desconheciam raça e pátria (CORREIA, 2020a, p. 108). Para Amaury de Medeiros tratar da saúde pública era mais do que um exercício laboral, mas um chamado quase religioso.

Medeiros cresceu em Recife, onde completou sua formação escolar no Ginásio Pernambucano, logo após sua finalização ingressou na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro em 1911. Após sua formação ingressou como médico no Corpo de Bombeiros, instituição que permaneceu vinculado até a sua morte. Logo depois também passou a

integrar a Cruz Vermelha (Figura 10), instituição na qual se envolveu, segundo ele, levado pela irresistível força que o atraía às obras que a medicina social podia e precisava fazer (MEDEIROS, 1924, p. 99). Foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e secretário geral da Cruz Vermelha Brasileira, da qual foi representante no Congresso da Cruz Vermelha em Genebra, na Suíça, e no II Congresso Pan-Americano de Higiene, nos Estados Unidos.

Figura 9 - Amaury de Medeiros



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1923, ed. 37

Amaury tornou-se também professor na Universidade de Medicina no Rio de Janeiro, dedicando seu tempo, energia e pesquisa às doenças pulmonares, como a tuberculose, mal que ceifava vidas aos montes no início do século XX. Engajado como era de seu perfil, encabeçou como chefe da clínica médica da Cruz Vermelha a “Cruzada Nacional Contra a Tuberculose”, sendo ele seu maior mobilizador. O programa envolvia um processo de conscientização de prevenção e tratamento da doença, assim como o visava uma participação pública e privada, que estendia o campo da profilaxia alcançando ideais que envolviam critérios também morais, como a contenção do alcoolismo na população, assim como proposta de intervenção arquitetônica a favor de habitações de baixo custo e salubres para a população mais pobre, como parte da solução para erradicação da doença que era responsável por mais da metade das mortes no Rio de Janeiro (CORREIA, 2020a, p. 110). Além de seus méritos como mobilizador, destaca-se a visão social ampla de

Amaury que após o processo de conscientização gerado pela campanha ainda responsabiliza-se pelo dispensário da Casa Santa Inez, sanatório beneficente para moças, criado por efeito do levante da Cruzada.

Figura 10 - Reunião da Cruz Vermelha (Amaury, como Secretário Geral, sentado à direita da imagem)



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1920, ed. 47

Para Correia (2020a, p. 113), a tuberculose era o ponto que unia o perfil clínico e sanitário de Amaury de Medeiros e o sucesso da Cruzada Nacional Contra a Tuberculose foi uma demonstração de sua capacidade de mobilização pública, organizacional e midiática, mobilizando seu caminho de professor e médico clínico, para sanitário e político.

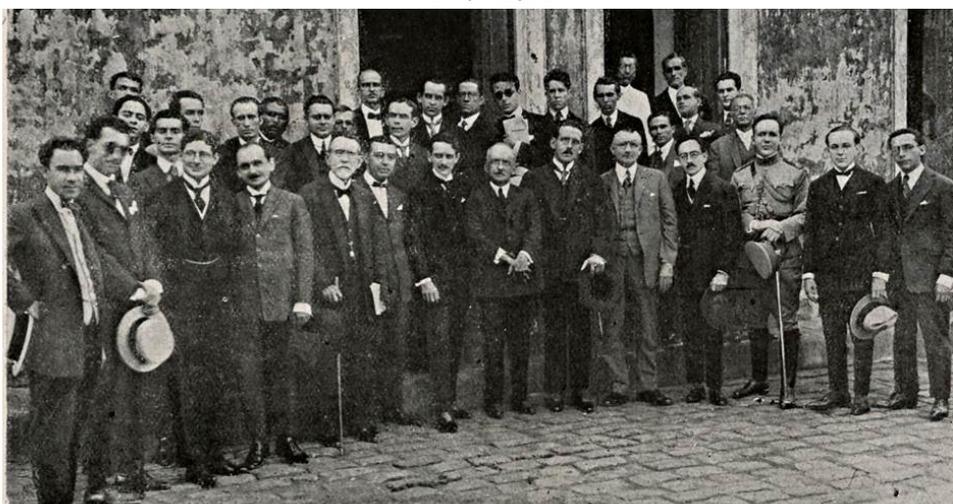
Medeiros casou-se com Aspásia Loreto, no Rio de Janeiro, com quem teve dois filhos e compartilhou o resto de sua vida no que parecia um casamento feliz. A família retornou junta à cidade natal, em 1923 a convite de Sérgio Loreto, o então governador de Pernambuco e também pai de Aspásia, para assumir a diretoria do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco (DSA) e o Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural (Figura 11) durante seu mandato:

Amaury entrou em um período de vibrantes atividades. Entre suas motivações possíveis, pode-se cogitar ambição profissional, vaidade pessoal, projeto político e

compromisso com o sogro [...] o que pode-se seguramente afirmar é que estava motivado para agir e dispunha de meios para tal. Como partilhava a concepção de que a higiene dizia respeito à salubridade, saúde e educação, sentiu-se habilitado para influenciar ações de governo nos mais diversos campos: saneamento, abastecimento de água, urbanismo, arquitetura, habitação, educação, cultura e saúde. (CORREIA, 2020a, p. 115)

A atuação de Amaury de Medeiros à frente do Departamento de Saúde e Assistência foi notável, sua competência técnica e entusiasmo deram à seu sogro visibilidade positiva por conta dos resultados eficientes obtidos ao longo de sua gestão, com grande destaque às estruturas propostas para o sistema de atendimentos na capital e no interior do Estado de Pernambuco; as reformas de melhoria do Hospital Oswaldo Cruz – hospital de referência da época – assim como no Hospital da Tamarineira, voltado às causas de doenças nervosas e mentais - como eram chamadas à época. Amaury foi o nome por trás do combate às principais doenças epidêmicas que assolavam Pernambuco desde a entrada do novo século, implantou proposta de exames pré-nupciais no sistema de saúde e engajou-se ativamente nos serviços de saneamento e drenagem na cidade.

Figura 11 - Amaury de Medeiros, junto a parlamentares, representantes do Governo do Estado de Pernambuco e o prefeito da cidade do Recife, no dia de sua posse como responsável pela profilaxia em Pernambuco



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1923, ed. 09

Amaury de Medeiros tinha uma personalidade agitada e seu perfil ativo sacolejava a dinâmica gestão do Estado e da Prefeitura do Recife na época. Seu perfil exigente, controlador assim como organizado foi o que provavelmente rendeu a eficiência pela qual

era reconhecido e respeitado. Como gestor, buscava motivar profissionais do Departamento de Saúde e Assistência (DSA) com recompensas financeiras àqueles que se destacavam e fiscalizava todos os que estavam abaixo dele na hierarquia, assim como exercia pressão sobre os que estavam acima para cumprir seus propósitos, é o que explicita Valdemar de Oliveira:

Não há exagero: quando Amaury chegava ao Departamento, sentia-se, por eflúvios misteriosos, nas suas mais afastadas dependências, que ele havia chegado - e podia espirrar a qualquer momento pela porta. Discretamente, os chefes se movimentavam, a prestar-lhe contas da tarefa cumprida; seus auxiliares os acompanhavam, com pastas e papéis; a grande sala do centro do edifício se enchia de pequenos grupos, à espera do sinal amigo para o despacho de todo o dia. Queria tudo saber, informar-se de tudo, tudo esmiuçar e debater (...). Aproximavam-se, também, engenheiros com rolos de plantas sob os braços, gente humilde que ele recebia sem pressa, sorridente, secretários alertas à sua palavra. É que Amaury plasmava equipes e as animava de um sopro entusiasta (OLIVEIRA, 1975, p.66)

Seu modelo de trabalho envolvia a fiscalização de perto dos trabalhos exercidos sob sua gerência, esse foi um dos motivos pelos quais antes mesmo de completar o primeiro ano no cargo agitou-se a centralizar todos os serviços do departamento em um único prédio, em que sua sala ficava estrategicamente no ponto central onde havia facilidade de circulação por todos os setores. O comprometimento com o trabalho eficaz era um dos pilares morais e por isso incentivava com rigor os valores de disciplina e ordem no departamento:

Todos os aparelhos devem funcionar e todos os empregados devem trabalhar: aparelho que não funciona serve para illudir, é mentira: empregado que não trabalha, ganha sem produzir, é deshonesto. Uns como outros desmoralizam os esforços sinceros dos que prehenchem as suas funcções e cumprem os seus deveres. De nada vale pedir, mandar ou intimar, só vale conseguir. Ordenar com energia e sem arrogancia para ser obedecido com rapidez e boa vontade. Reconhecer e confessar modestamente os seus erros, é punil-os, procurar orgulhosamente escondel-os com dissimulações é agraval-os. (LORETO, 1931, p. 77 apud CORREIA, 2020a, p. 203)

A pauta moral era de suma importância para Amaury, que afirmava constantemente ser por meio dela que o país “civilizaria-se” adequadamente. Em muitos momentos o projeto do médico na gestão do DSA parecia ter um tripé de atuação que resumia o tipo de projeto que ele tinha de um bom país: a higiene, a instrução e a cultura. Seu ensejo por uma evolução moral era tanto que chegava a ter diversas vezes seu discurso aproximado,

alimentado e igualado aos valores eugenistas:

É para a hygiene e para a cultura que devemos voltar as nossas vistas, para que, daqui a alguns annos, não sejamos esta raça debil e multiforme, mas nos crystalizemos em um typo de resistencia forte e capaz, pela saude e pela energia, pela intelligencia e pela instrucção, de contribuir para a marcha do mundo e orientar no sentido da ordem e da justiça, a actividade insatisfeita das modernas gerações, a onda reformadora e invencível dos novos principios sociaes (MEDEIROS, 1924, p. 20)

O médico associava diretamente a educação à elevação de uma nação, associando diretamente o que entendia como fracasso de um povo à falta de instrução de qualquer tipo. Para Amaury, bons costumes, moralidade e educação formal ou não, era o que gerava a felicidade coletiva:

Desenvolvimento e aperfeiçoamento de educação, apuro do ensino primario, secundario e superior, criação de faculdades de altos estudos, abertura de laboratorios para avançar a sciencia, todos são caminhos largos para o objectivo que devemos ter como fundamental: o progresso real do homem. Não creio que nenhuma reforma politica, duramente conservadora o largamente liberal, dictadura de qualquer dos poderes ou annullação de todos elles, possa modificar costumes no bom sentido, levantar o nível moral, mental ou physico do povo, fazendo a felicidade collectiva. Taes reformas poderão mudar o poder de mãos de uns para outros, mas povo continuará o mesmo e a materia prima de que se fazem as grandes e generosas nações sendo a mesma e os defeitos e as falhas virão sempre a tona (...) E tudo será sempre assim se o individuo continuar sempre igual, sempre o mesmo. As elites mentaes do mundo não estão, porém, satisfeitas e felizmente que assim é (...). Aspiramos melhores dias e melhores homens, devemos aspirar porém, activamente na convicção do muito que podemos fazer para tornar mais altos os anseios do espirito humano e menos aspero o convivio social. (MEDEIROS, 1927, p.2)

Enxergando a medicina sanitária como parte substancial das soluções para o alinhamento e “elevação” do povo e com a crença na educação como um meio factível para tal, não surpreende que uma das estratégias de Medeiros para contenção dos problemas sanitários em Pernambuco fosse montar uma frente ampla na busca de instruir a população. À frente do DSA, o médico organizou uma estrutura que não só visava o ensino da população, mas também o seu controle.

Tratando-se de saúde pública o limiar entre a adoção de políticas que envolvam a preservação do coletivo muitas vezes passam por riscos de controle do comportamento

populacional ou restrição de liberdades individuais, assunto este que gera controvérsias até os dias atuais. Porém, é certo afirmar que as políticas adotadas por Amaury de Medeiros enquanto diretor do Departamento de Saúde e Assistência visavam não apenas o controle das doenças, mas também dos dados epidemiológicos e da dinâmica de higiene das moradias dos recifenses, o que muitas vezes passou pelo controle dos corpos da população.

Uma de suas estratégias mais bem sucedidas foi a formação em um curso de higiene de instrutoras que visitavam as residências do Recife e orientavam acerca da melhor forma de higiene pessoal e dos ambientes. Essas mulheres eram chamadas “visitadoras” e suas visitas, que mais eram vistorias instrutivas, independiam da classe social e eram um meio de levantamento de informação para o departamento, que desde a chegada de Amaury, passou a acompanhar com intenso labor os dados de epidemiológicos e índices de saúde da cidade.

Os dados levantados durante a gestão, dos anos de 1923 até 1926 foram registrados detalhadamente no livro *Saúde e Assistência* (1926), de autoria de Medeiros, onde são relatados em modelo de relatório técnico os feitos do departamento durante o período de sua administração. O texto inclui as perspectivas do autor, os dados epidemiológicos, apontamentos estratégicos, reformas e imagens de sua diretoria. O livro foi uma forma de Amaury apontar a eficiência no manejo do departamento e como um homem orgulhoso de seus feitos, autopromover suas prestabilidades na função de direção do departamento.

A casa, assim como a cidade, durante o início do século XX se tornou o foco de ajuste e “anamnese” dos médicos. Octávio de Freitas em seu trabalho “A importância do registro sanitário das habitações como instrumento de defesa higienica” de 1909 apontou como médico sanitaria os aspectos que identificava como nocivos nas habitações do Recife, tais como os solos encharcados sobre os quais as moradias se situavam e a ausência de um sistema adequado de saneamento sanitário e coleta de lixo. Porém, foi durante a gestão de Amaury no DSA que políticas públicas mais eficientes foram direcionadas às casas

recifenses por meio de regulamentação, fiscalização e novos modelos construtivos (CORREIA, 2020a) e a ausência de uma planta sanitária dos subúrbios não foi um impeditivo, pois o próprio DSA empreendeu os dados para tal (Figura 12), ainda que de modo pouco técnico, por meio da distribuição de funcionários que verificavam com trenas e croquis as zonas conferindo o número de casas, acidentes geográficos, lagoas, colinas e somas dessas informações geravam a atualização da planta urbana do Recife para um maior controle dos serviços do departamento (MEDEIROS, 1926, p. 326). O médico tratava em termos bélicos como “batalha”, “cruzada” e “guerra” o desafio de enfrentamento da salubridade das habitações e apesar da década que afastava os dias de Amaury dos relatos de Octávio de Freitas, os problemas permaneciam os mesmos: as casas cheias, a dinâmica ausente de saneamento, falta de iluminação e ventilação.

Figura 12 - Planta da cidade do Recife elaborada pelo Departamento de Saúde e Assistência registrado no livro Saúde e Assistência de autoria de Amaury de Medeiros visando registrar as colaborações de sua gestão como diretor.



Fonte: MEDEIROS, A. Saúde e Assistência. Doutrinas, experiências e realizações 1923-1926. Recife: Graphica Pimenta de Mello & Cia. (Rio de Janeiro), 1926.

As noções de eugenia permeavam o imaginário dos médicos e ativistas da higiene como uma sombra, nem sempre vista ou comunicada, porém facilmente achada nas entrelinhas. E tratando-se do tema da habitação, os mais pobres e os negros, não estariam livres dos

preconceitos. Annibal Fernandes, jornalista e colega entusiasta do trabalho de Amaury de Medeiros, entendia os casebres pobres da cidade, os mocambos, como “repulsivos e sordidos” e “moradias horríveis que só os povos primitivos toleram” e trazia repetidamente em sua coluna “De uns e de Outros” no Diário de Pernambuco, suas impressões negativas dos mocambos como uma forma de pressão social contra sua existência:

Emquanto o "mucambo dominar com aquelle coefficiente phantastico não ha alimentar esperança de um futuro melhor. O nosso porvir é cheio de graves apprehensões. **Não vejo objectivo de maior relevo para uma campanha verdadeiramente nacionalista do que a guerra ao "mucambo", entrave do progresso, estigma da selvageria africana e vergonha de nossa terra!** Não conheço nada de maior benemerencia que a propagação de habitações salubres e baratas. Neste particular o governo do Estado e do municipio devem captar os capitaes, por meio de favores largos, isenção completa de impostos, de direito alfandegario, de tudo que possa cohibir o surto dessa obra gigantesca (...) construamos casas, casas simples, mas que tenham ar, luz, hygiene, cousa aliás que não falta só aos "mucambos" mas até ás habitações burguesas que se entendem pela cidade afóra (...) E esperemos nos resultados vindouros. O coefficiente da mortalidade pela tuberculose baixará, a alegria de viver pairará em todos os semblantes Jeca Tatú, soturno, entediado de tudo, **succederá um typo inteiramente diverso, apto para vencer na luta da existencia, onde adaptados, fortes, aos preparados.** A questão da habitação é, sem exagero, uma condição essencial no nosso desenvolvimento economico! (FERNANDES, 1921, p. 3 – grifo nosso)

De fato, a discussão em torno da moradia não era apenas uma questão de saúde, mas socioeconômica. A bandeira do sanitarismo veio a calhar como ferramenta contra as edificações mais pobres e as investidas carregadas de preconceito e racismo se apossaram do discurso higienista. Deste modo, cabe um olhar crítico acerca das reais motivações por trás das ênfases contra as moradias na gestão de Medeiros.

Amaury era um crítico dos mocambos, porém era ainda mais incisivo no tratar das antigas casas dos bairros centrais que por sua arquitetura estreita e condensada não possuíam iluminação ou ventilação suficientes para serem consideradas higiênicas pelo diretor, que apregoava a urgência de uma dedicação “mais primorosa” à arquitetura das casas da cidade, as quais considerava sem graça, conforto ou qualidade. Sua crítica se estendia às diferentes classes sociais e enfatizava que com intencionalidade “a casa mais pobre póde ser interessante, alegre, ter linhas agradáveis e ser relativamente confortável”

(MEDEIROS, 1926, p. 328). Como lhe era de costume, Medeiros postula em uma área que não lhe coube formação e faz críticas arquitetônicas às moradias que possuíam pés direitos altos argumentando que mais altura significava mais ar retido para os habitantes. O médico considerava esse tipo de estratégia um esnobismo pouco útil do ponto de vista sanitário, tendo em vista que a circulação do ar é mais importante do que sua retenção.

Devido a seu interesse na coisa pública, paixão pelas artes e seus ideais para os novos tempos, logo se juntou ao grupo de intelectuais que discutia a dinâmica urbana e cultural do Recife diante das mudanças de progresso que se estabeleciam e assim tornou-se dos membros fundadores do Centro Regionalista.

No tratar das mudanças urbanas, Amaury de Medeiros trazia ao grupo um discurso moderado. Como sanitarista, defendia os valores da profilaxia e higiene, mas buscava um cuidado ao lidar com a paisagem da cidade.

Amaury possuía uma personalidade cativante, como entusiasta efusivo tinha um discurso penetrante que envolvia facilmente a todos ao seu redor, por isso era uma voz relevante e respeitada pelos pares no campo da ciência e isto o tornou um ator importante no equilíbrio entre a defesa dos valores da tradição nordestina e o sanitarismo. Defendia que não era preciso trazer ao chão bairros inteiros para avançar na salubridade na cidade, mas, defendia pequenos ajustes nas edificações de modo a se tornarem mais salutar, evitando assim os ideais de tabula rasa, vigente no modernismo da época.

Apesar dos impasses com Gilberto Freyre, que era um conservador vigoroso das feições urbanas, tradicionais, quer fossem nos espaços públicos ou nas antigas casas (CORREIA, 2020b), Amaury buscava um discurso de conciliação do que considerava uma boa arquitetura e tradição na construção de um ambiente saudável. Apontando em seu discurso no Congresso Regionalista o olhar sensível no âmbito do urbanismo e da arquitetura. No discurso o médico aborda questões como: a preservação da paisagem local, a conservação e manutenção da flora, a importância de arquitetura que se adequem ao clima, a preservação de monumentos históricos e arrisca inferir acerca do

papel do bom urbanista. A sensibilidade abrangente acerca da cultura local permeia todo o discurso que explora os mais distintos campos trabalhados pelo Centro, tal qual o jantar em que foi proferido, o discurso de Amaury buscava ser conclusivo:

**Trabalhar pela conservação da nossa paisagem, conservando as velhas arvores características da região e plantando novas;** manter tanto quanto possível as nossas casas de beirões a mostra, pontilhadas de azulejos, destes bellos azulejos que nos legaram os nossos avós; amar as deliciosas pinhas de louça do Porto, os jarrões, os carrucheis que o tempo não pode consumir e dão vida as velhas fachadas; manter nos nossos interiores os moveis commodos e solidos de jacarandá; **construir nos nossos interiores os claustros frescos e mansos tão convenientes ao clima, feitos para a meditação dos conventos, mais muito doces para repouso do ambiente familiar;** conservar os nossos habitos hospitaleiros onde os quitutes e os doces são talvez a forma mais ingenua mais sincera e mais carinhosa de conquistar e prender; tudo isto é contribuir para dar uma physionomia e um caracter a Patria comum, a forma mais util, mais elegante e mais positiva de fazer um necessario nacionalismo, unindo a todos pelo gosto, pelos habitos e pelas tradições. Vimos no correr deste Congresso que **a conservação dos costumes tradicionaes não tem nenhuma incompatibilidade com os progressos da architectura, com a hygiene moderna,** com nenhum dos progressos da civilização; vimos que a casa colonial conservando seu caracter, póde receber todo o conforto actual; vimos que **para resolver problemas de transito não é preciso arrazar a picareta monumentos historicos; que o bom urbanista sabe como harmonisar uma velha igreja com uma nova rua;** vimos que **para cuidar da conservação do nosso patrimonio artistico tradicional não se precisa arruinar o paiz** (MEDEIROS, 1926, p.3 – grifo nosso)

A fala de Amaury de Medeiros sintetizava bem o compreender de paisagem dos regionalistas e a visão abrangente do que o grupo almejava para a cidade do Recife, visão esta contraposta aos procedimentos aplicados pelos atores públicos com as reformas de grandes proporções de anos anteriores que alteraram drasticamente a feição dos bairros mais antigos da cidade e os quais buscavam combater

A experiência urbana, é tema central nas pautas do Centro e o bem-estar urbano prevalece nas entrelinhas dos discursos do movimento. O contemplar da paisagem e a identificação com a cidade eram norteadores das propostas que surgiram das discussões no Congresso Regionalista e também das atividades do Centro, que levava em consideração a esfera da cultura e da natureza, nas suas defesas de paisagem.

A insistência na importância e necessidade de vegetação no espaço urbano, foi seriamente tratada pelo Centro e por Amaury, um dos palestrantes da “Semana das

Árvores”, um evento organizado em 1924 pelo Centro Regionalista. Na palestra enalteceu espécimes vegetais nativas e comuns ao solo recifense, endossando o valor de sua presença no espaço público, além de debaterem a melhor forma de manutenção delas por meio de críticas e sugestões de podas.

Segundo Correia (2020a) o comprometimento do médico com a presença verde na cidade não se limitou ao discurso e à distribuição de mudas, Amaury “fez-se paisagista” (CORREIA, 2020a, p. 552). Se engajou na criação de novos espaços verdes assim como no envolvimento direto na concepção de seus projetos. Seu objetivo era tornar a cidade mais salubre através de espaços urbanos livres, levando em consideração que o Recife da época ainda possuía muitos espaços alagados que eram focos de contaminação de diversas doenças que assolavam a cidade. Amaury, inspirado no Plano de Saneamento do engenheiro Saturnino de Brito para o Recife, buscou a conversão desses espaços em praças e parques (CORREIA, 2020a, p. 553) ao longo da sua atuação ímpar que buscava a efetivação de um sistema de parques para a cidade do Recife. Sua atuação consistia em diretrizes que alinhavam estética e salubridade, como por exemplo na presença constante de lagos artificiais com peixes para evitar larvas, em substituição aos lagos naturais, focos de doenças.

Seu envolvimento com projetos de espaços públicos incluiu o Parque Oswaldo Cruz e, um ano após a efetivação esta obra, Amaury de Medeiros passou a participar das discussões do plano de urbanização da área do Derby, descrito em seu livro Saúde e Assistência como “uma larga planície, onde as águas se estendiam em lençol sobre uma vegetação rasteira que facilita grandemente o número de mosquitos” (MEDEIROS, 1926b, p. 71). Entretanto, para Correia (2020a) a atuação do médico não se restringiu apenas às obras de drenagem, mas, também no que foi planejado e realizado no projeto tendo opinado sobre ele com seu gosto arquitetônico e de paisagismo. Sendo o projeto do Parque Oswaldo Cruz, projetado por ele, uma referência para os contornos pitorescos do Parque do Derby posteriormente.

O interesse de Amaury na vegetação nativa e sua relação com o Centro Regionalista

nos leva a crer em uma preocupação do médico-paisagista em manter na paisagem recifense uma conexão com suas características locais, essa perspectiva fez com que adotasse “um modelo de jardim público que trazia algo dos quintais recifenses e da mata nativa” (CORREIA, 2020a, p. 556).

A atuação vasta de Amaury de Medeiros na paisagem do Recife do início do século XX conduz um pensamento-paisagem, mediante seu esforço na composição de espaços verdes, organização salubre e estética dos espaços públicos que apontam certo reconhecimento do médico sobre os espaços urbanos como geradores de saúde e bem-estar da população.

### **3.2. Um médico sensível à paisagem: o exercício do cultivo**

A atuação de Amaury de Medeiros na cidade do Recife, sugere princípios que assinalam o compreender do espaço como provedor de bem, plenitude e saúde. No seu proceder de seu mandato como diretor do DSA ele aparenta ter o que o que Besse (2014) denominava de gosto da paisagem, seu agir no urbano buscava não apenas um embelezamento, mas a intencionalidade de moldar a paisagem de modo a impactar a rotina, saúde e bem-estar das pessoas.

Para isto, Amaury de Medeiros se envolve em diversos âmbitos de planejamento e alterações urbanas voltadas para o seu fim maior, a saúde integral das pessoas e do espaço. Como relatado no capítulo de introdução do presente trabalho, é possível observar na atuação do médico uma relação de grande sensibilidade voltada aos elementos naturais que compunham a cidade, relação essa que parecia conduzir suas práticas e abordagens na paisagem. Partindo das categorias adotadas no livro da professora Telma Correia, “Amaury de Medeiros e o Recife: Arquitetura, cidade e higiene na década de 1920” (2020),, nesse tópico analisaremos a relação de Amaury de Medeiros com as águas e massas vegetais características da paisagem recifense e como o regionalista se utiliza dessas forças da paisagem na composição e ordenamento de uma paisagem mais salutar.

A compreensão desses elementos como fundamentais na composição da paisagem do Recife, pode ser feita ao vê-los marcados no território urbano a partir de breves passeios ao longo dos bairros, mas também pode ser constatado em um mergulho na história urbana da cidade.

É bem verdade que o Recife nasceu primeiramente um porto e assim fez-se cidade. O Recife se mistura com as águas dos seus rios e mares. A sua condição geográfica e natural teve um papel estruturador em sua identidade de paisagem, com um mar de azul-esverdeado associado a rios que cortam o território preenchendo-o de alagados. Falar da cidade do Recife envolve falar das águas que definem seus caminhos fincando presença marcante no solo e nos registros da cidade desde suas primeiras descrições e expressões gráficas. Para Waldemar de Oliveira, “no Recife, o que não é água foi água ou lembra a água” (OLIVEIRA, 1942, p. 38-39). A cidade é formada por uma planície que se compõe de um terreno alagado rasgado por rios que alimentam seu sistema de paisagem de águas, repleto de matas e banhada pelo litoral. Todos esses elementos naturais geográficos são protagonistas morfológicos definidores de sua identidade de paisagem e foram fundamentais no modelo do habitar e se relacionar com o solo dos seus habitantes.

As primeiras representações das paisagens do Recife, elaboradas em meados do século XVII, com a chegada da missão artística holandesa, já marcam a presença imponente das características geográficas como força direcionadora da paisagem. As imagens datam do século XVII quando junto ao conde Maurício de Nassau, como governador-geral do Brasil Holandês no Recife, chega também uma grande equipe, dentre eles artistas contratados para retratar as novas paisagens aos europeus. Em destaque, estava Frans Janszoon Post, um pintor sensível que com a incubência de viajar às “novas terras” e retratar o que via (Figura 13 e 14) se tornou o primeiro a registrar paisagens americanas - carregada da perspectiva europeia sobre o território e representada sob vigência das técnicas prevalentes da pintura de paisagem holandesa - com o ineditismo da flora tropical, dando uma versão ao mesmo tempo fiel e poética das paisagens brasileiras (LEITE, 1988).

Figura 13 - Vista da Cidade Maurícia e Recife, Frans Post, óleo sobre madeira, 1657



Fonte: Coleção pessoal de Jacques Ribemboim

Figura 14 - FRIBVRGVM; Frans Post, gravura que ilustra o livro de Barlaeus (BARLAEUS - 1647), estampa nº 38



Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. 1643

É de se destacar a presença da água na paisagem registrada pelo pintor (Figuras 15 e 16), atestando as palavras de Waldemar de Oliveira, que nomeou a cidade de “Cidade Anfíbia” (OLIVEIRA, 1942). Já Josué de Castro, em seus registros sobre a paisagem do Recife no século XX, aponta a vegetação urbana de mangue - propícia de lugares úmidos - essencial à compreensão territorial e dinâmica urbana da cidade que estava envolvida com a vegetação de forma econômica, social e ambiental. Para Josué, “não há pois, menor dúvida

que toda esta terra que hoje flutua à flor das águas, na baía entulhada do Recife, foi uma criação dos mangues.” (CASTRO, 1967, p. 14-15).

É bem verdade que a geografia do Recife e a presença forte de umidade em seu terreno estruturaram hábitos culturais na população resultantes das experiências vividas no território, assim como os traçados que se deram na urbe que por meio das estratégias europeias de colonização foram se ordenando através das nuances naturais do terreno. O urbanizar no território se dando a partir do litoral adentrando a planície e se estruturando nos braços de seus rios, dando aos “padrões estrangeiros de urbanização uma essência singular e local: uma cidade na natureza” (CUNHA, OLIVEIRA, HENRIQUES, 2021, p. 4).

Figura 15 - Forte Frederick Hendrik (hoje, a ilha de Antônio Vaz), Frans Post, 1640



Fonte: Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand

Figura 16 - Paisagem com tamanduá, óleo sobre madeira, Frans Post, 1640



Fonte: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP)

A atuação de Amaury de Medeiros nos encharcados da cidade, foi uma das marcas do período de governança de Sérgio Loreto, que dedicou parte substancial dos recursos do Estado para sanar demandas urbanas ligadas aos espaços alagados. Nas buscas ao combate de mosquitos propagadores de doenças, o Departamento de Saúde e Assistência foi implacável ao mover equipes que trabalhavam em várias frentes. Houve iniciativas de fiscalizações e vistorias nas casas, bueiros, nas calçadas, cemitérios, jardins e todo possível local de armazenamento de águas para evitar a proliferação de espécies nocivas aos seres humanos.

Tratando-se da cidade úmida do Recife, boa parte dessas águas paradas se concentravam em terrenos planos gerando alagadiços e lagoas, que além de não apresentar um aspecto visual salubre também juntavam insetos nocivos à Saúde Pública. Como estratégia para a administração dessas águas paradas, Amaury, à frente das obras do DSA partiu para a verificação do tipo de alagado para assim traçar as melhores estratégias. Na ciência de que a água salobra não gerava um ambiente fértil para a proliferação de larva dos mosquitos, insistia em não aterrar espaços de mangue, mesmo enfrentando resistência e críticas na defesa do ecossistema, afirmava:

Não faltam críticos ignorantes que clamam contra os vastos mangues que cercam a cidade e entendem estar na missão do departamento fazel-os desaparecer por encantos sem saber que nada temos a temer dos alagados de águas salgadas, onde não vivem sinão “maroins” que não tem o menor interesse. (DR. AMAURY, 1923, p.6)

Em seu livro Saúde e Assistência, relata a resistência por parte das classes mais ricas da cidade em relação às áreas de manguezal:

Outra ideia que encontrei, nitidamente arraigada entre as classes mais altas e que era perniciosa, perigosa como concepção de concerto sanitario, era que as aguas que não são estagnadas, que vão e vêm todos os dias, nos mangues, á maré, constituia um perigo irremovível para a saúde da cidade. Recife, como todas as cidades construidas em fóz de rio, com braços de mar penetrando pela terra, estava fadada a não ser salubre: tinha muitos logares baixos cobertos de mangues, que eram um perigo permanente e quasi irremovível para a saúde publica. Ou se faziam obras collossaes. de um preço que as tornava irrealizaveis no momento, para suprimir os grandes mangues ou Recife seria sempre considerada insalubre. Era preciso, portanto, antes de tudo, vencer em toda a gente e especialmente nos responsaveis pela vida administrativa do Estado esse preconceito, para dar immediatamente a segurança de que serviços normaes e possiveis de saúde publica seriam capazes de fazer com que, apezar de todos os seus mangues, Recife pudesse ser a mais salubre cidade do mundo. (MEDEIROS, 1926, p.112)

Amaury, assim como Saturnino de Brito, sabia que era o mangue “mais incomodo do que nocivo” e que as águas que se ajustavam a vegetação desse ecossistema não precisavam ser combatidas, focando assim, nos alagadiços que poderiam prejudicar a saúde. Para estes, aplicou, estratégias “naturais”, como a plantação de espécies que possuem uma maior necessidade de água como eucaliptos e girassois (MEDEIROS, 1926b, p.80) em parceria com a população, de modo que, por meio do departamento de saúde:

Incentivou-se a criação de peixinhos, devoradores-piabas, acarás, amors e outros, que foram distribuidos profusamente. Para tal, constituiu-se uma turma de pescadores que ia diariamente colhe-los nos mananciaes de abastecimento da cidade para serem distribuidos em vasilhame adequado nas visitas domiciliares. Além dessa complexa actividade nas casas e na via publica, instituiu-se o serviço marítimo, visando a fiscalização de todo genero de embarcação, grande ou pequena, que estacionasse no porto (CORREIA, 2020a, p. 532 apud A FEBRE, 1928, p.1)

A valorização das águas na cidade do Recife aparece também como um conteúdo regionalista. As inúmeras referências à sua constante presença nas expressões artísticas da época apontam a manifestação de sua força na paisagem. Ao criticar os adeptos à

drenagens e aterramentos acríticos como solução de salubridade urbana, Freyre lamentava:

uma pena que os maus urbanistas do Recife venham revelando, nos ultimos anos, fúria que em alguns parece doença contra as águas que outrora se espalhavam tão à vontade pelo burgo, como a justificarem suas pretensões à "Veneza Americana". A fobia a essas águas vem se tornando tal no Recife breve haverá quem queira aterrar primeiro o Beberibe, depois o Capibaribe, para sobre esses ex-rios se edificarem casas de apartamento e vilas disso ou daquilo. Quando o contrário é que devia fazer-se no Recife: associar-se o mais possível a água à beleza e à própria higiene da cidade. O sanitarista Saturnino de Brito - que tanto benefício fez ao Recife - foi a ideia que mais afagou: a dessa maior associação da água com a cidade por meio de canais dos quais deixou traçados. (FREYRE, 2007, p. 69)

Obras que visavam alteração de cursos d'água para escoamento dos alagados, por meio de dragagens e canalizações foram realizadas, drenando-os completamente ou transformando-os em jardins com lagos, como foi o caso da Parque Oswaldo Cruz, antigo alagado Fernandes Vieira e o Parque do Derby, cujos detalhes são apresentados na subseção 3.2.3.

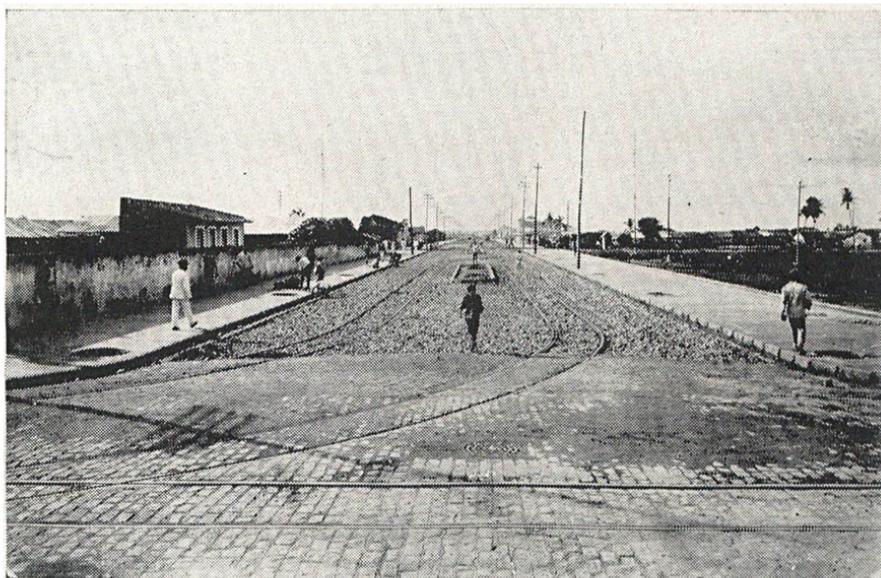
Dos aterramentos dos terrenos alagados que ofereciam algum risco à salubridade foram criados novos espaços para a expansão urbana mais afastados do centro, dentre eles, os aterramentos que deram origem ao bairro de Boa Viagem. A área da praia apesar de possuir águas límpidas era cercada de terrenos alagadiços que comprometiam o acesso e usufruto da água do mar, devido à presença constante de mosquitos transmissores da malária, sendo essa uma doença endêmica na região à época. Amaury não possuía um olhar negativo sobre as águas do Recife, o médico buscava gerir o que entendia como águas favoráveis à saúde sendo equilibrado em suas abordagens. Nesse trecho de seu livro Saúde e assistência ele descreve em detalhes a beleza das águas ao sul da cidade:

Bôa-Viagem, magnífica praia de banhos, a alguns kilometros de Recife, era servida pela estrada de ferro que demanda o sul do Estado e pela estrada de rodagem que liga Recife ás cidades de Cabo e Escada. Desde o logar chamado "Ilha do Pina" até o antigo povoado de Bôa-Viagem, n'uma extensão de 6 kilometros, a praia de areia branca e fina se estende protegida por um muro de coraes, submerso nas marés maximas, a flor d'agua nas marés medias, e collocado a distancia de 200 metros de terra, de sorte que, a praia é uma longa piscina. onde as aguas tranquillias permittem, sem perigo, a thalassotherapie. Paralellamente á praia, especialmente na zona do nucleo maior de habitações, no povoado de Bôa-Viagem, havia um systema de lagoas formadas por um riacho que,

encontrando as dunas da costa, se foi espraçando em pantanos que se estendiam a perder de vista, sangrando, depois, em um mangue, que vindo comunicar com o Capibaribe, tornava toda a praia como que um isthmo de pouco mais de um kilometro de largura que se vinha prender a chamada Ilha do Pina, transformada, deste modo, em península (MEDEIROS, 1926, p. 280)

Foi durante o período de direção de Amaury que o governo de Sérgio Loreto se voltou para as áreas mais ao sul de Recife — anteriormente isoladas como ilhas — por meio da construção de avenidas que ligariam o centro ao sul como a Cabanga (Figura 17) e a Beira-mar (Figura 18), nome da atual avenida Boa Viagem. Assim, as áreas de Boa Viagem e Pina, consideradas subúrbios afastados passaram a se conectar ao centro da cidade e aos poucos foi se tornando um espaço de usufruto residencial e de lazer para períodos balneários, a partir da inserção da rede de infraestrutura urbana, como água, energia, esgoto e drenagem das lagoas do arredores da praia, abertura de canais, que não apenas tornou os acessos à praia mais fáceis como esgotou a endemia de malária da região.

Figura 17 - Avenida Cabanga em construção, durante o ano de 1924



Fonte: Revista de Pernambuco, a. 1924, ed. 02

Figura 18: A avenida Boa Viagem, à beira-mar



Fonte: Revista Pernambuco, a. 1925, ed. 17.

Amaury descreve o trabalho de levantamento da zona como penoso em “dias inteiros ao sol” (MEDEIROS, 1926, p. 280) nos quais médicos e engenheiros discutiam os mosquitos locais, formas clínicas da malária e modos viáveis de contenção das epidemias, chegando juntos a conclusão de que era possível um sistema de canais de pouco custo que resguardavam os mangues e poderiam suprimir os focos da doença e transformar o que era conhecido como uma “magnífica praia de banho com péssima reputação sanitária” (MEDEIROS, 1926, p. 280) em um espaço de contemplação, lazer e usufruto saudável da população. Foram feitos dois sistemas de canais, que corriam de forma paralela ao mar “regularizando” os eixos das águas e direcionando-as aos mangues. Com as águas paradas já drenadas, os espaços disponíveis tornaram-se campos de plantações, onde se estabeleceram instruções para não atrapalhar o fluxo das águas. Deste modo, afirmou Amaury a obra como de higiene e de economia, tendo em vista que os espaços de cultivo se desenvolveram canaviais que eram úteis ao mercado da cidade (Figura 19).

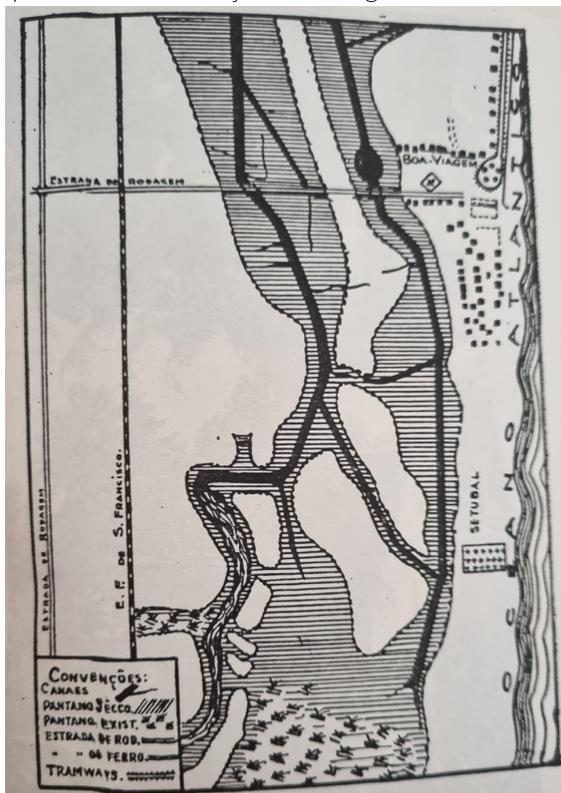
Figura 19 - Antiga lagoa transformada em canalial após reformas dos sistemas de águas ao sul de Recife



Fonte:MEDEIROS, A. Saude e Assistencia, 1926

Havia também a atenção às margens dos canais no projeto, “a solidificação de suas margens com gramma, a plantação de eucalyptos para ajudar a seccagem da terra e marcar o terreno que não deve ser cultivado” (MEDEIROS, 1926, p. 281), consta no livro Saúde e Assistência também uma planta esquemática dos serviços de hidrografias desenvolvidos em Boa Viagem (Figura 20), onde é possível observar a demarcação das margens verdes nos canais.

Figura 20 - Planta esquemática dos serviços de hidrografias desenvolvidos para Boa Viagem

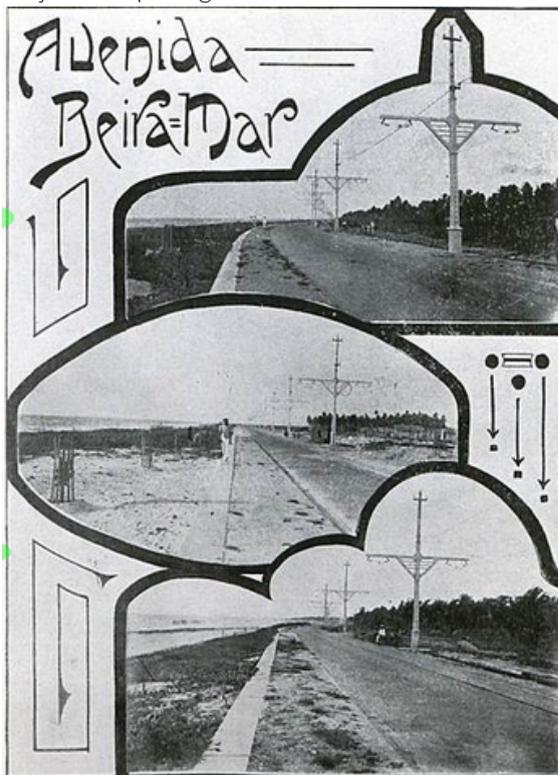


Fonte: MEDEIROS, A. Saude e Assistencia, 1926

Havia investimentos do governo de Sérgio Loreto na publicização de seus feitos. É possível observar na Figura 21 a Ilustração de reportagem da Revista Pernambuco – periódico com maior prevalência de promoção dos feitos do governo nessa época – com a manchete “As nossas Praias de Banho”, a qual elogia a praia de Boa Viagem e a iniciativa de cooperativa do Estado junto à iniciativa privada por levar infraestrutura para essa área da cidade, como parques de diversão e hotéis. Com a promoção das obras de infraestrutura direcionadas ao sul, rapidamente o crescimento da cidade segue também nessa direção (Figura 22). As estratégias utilizadas no governo de Sérgio Loreto, em boa parte direcionadas pela liderança de Amaury de Medeiros, no trato desse elemento natural que define em identidade a paisagem do Recife possibilitou um alinhamento entre, a salubridade e o respeito à paisagem natural da cidade, segundo Correia (2020, p. 535), a concentração do governo na intervenção de áreas alagadas da cidade, terminou por gerar um efeito raro em um governo do século XX: grandes intervenções urbanas que não alteraram bairros históricos. Pode-se afirmar, que parte desse mérito envolvia o médico

Amaury de Medeiros e a sensibilidade pela paisagem dos princípios regionalistas que pregava.

Figura 21 - Ilustração de reportagem com manchete "As nossas Praias de Banho"



Fonte: Revista Pernambuco, a. 1926, ed. 22

Figura 22 - Cartão postal da avenida Boa Viagem no fim da década de 1930, apresentando a circulação de automóveis e veículos de tração animal, atestando a infraestrutura elétrica e novos palacetes na orla de Boa Viagem para o veraneio das famílias



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo Iconográfico Villa Digital /Fundaj)

Correia (2020a) aponta a proximidade dos recifenses com as águas por meio dos banhos de mar, registrados nos relatos de viajantes e pinturas desde o século XIX, apresentando o banho de mar como uma forma de lazer que não dependia de classe social. Ao fim do século XIX foram construídas no Recife casas de banho que tinham a água salgada voltada à saúde e higiene, mas também visavam o uso recreativo. A partir do século XX, como já estabelecido com os banhos de rio, tornaram-se cada vez mais populares os banhos de mar como uma forma de diversão, em especial na praia de Boa Viagem, caracterizada por suas águas azuladas e areias claras (Figura 23). Freyre, definiu as experiências de banhos na praia de Boa Viagem como um dos maiores presentes que Recife ofertava :

Pelos Recifes ou arrecifes de Boas Viagem é agradável de passear o menino, o moço ou até o velho, quando o mar está baixo ; e os peixinhos, uns azuis, ouros amarelos listrados de preto, se deixam ver em toda sua glória de cores, nadando nas poças esverdeadas que o sol aquece. O sol aquece, tempo de verão e de mar baixo, as águas das várias bacias que em Boa Viagem são uma verdadeira sucessão de piscinas entre os arrecifes e a praia. Tem-se a ideia de que, dentro dessas piscinas, alguém prepara a água de banho [...] Um banho em Boa Viagem é um dos maiores regalos que o Recife oferece a adventícios e tanto quanto a nativos. Uma das experiências mais recifenses que um adventício pode ter no Recife: um mar de água morna, um sol que em pouco tempo amorena o corpo do europeu ou do brasileiro do sul; vento fresco; recifes; sargaço. (FREYRE, 2007, p.80)

Figura 23 - Registros dos banhistas na praia de Boa Viagem. Registro do fotógrafo Benício Dias, entre os anos de 1938 e 1940



Fonte: Coleção Benício Whatley Dias de Iconografia (Acervo Villa Digital / Fundaj)

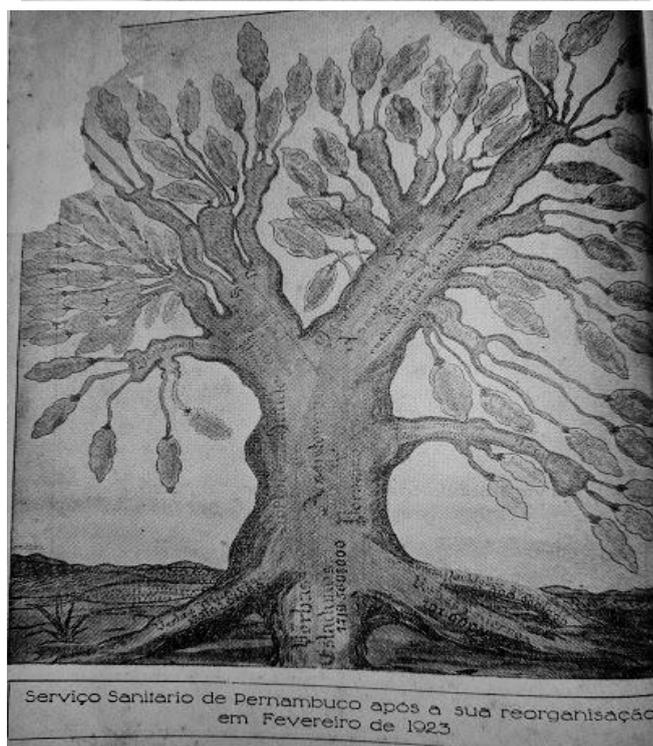
Na cidade que Freyre carinhosamente chamava de “cidade das águas”, a ocupação do espaço físico está diretamente associada à água, quer seja do rio ou do mar, condicionando a concentração de pessoas e o valor da terra urbana a partir desse elemento (SÁ CARNEIRO, 2010, p. 65) e a sensibilidade de Amaury de Medeiros ao colaborar para a expansão da cidade de modo a destacar esse elemento natural é mais uma evidência do seu atuar respeitoso às nuances da paisagem da cidade.

Além da água, a vegetação é outro elemento natural com forte presença nos discursos e na atuação de Amaury de Medeiros na cidade do Recife. O verde do solo pernambucano cativava a atenção do médico. Medeiros tinha uma relação de respeito e admiração profunda pelo verde da natureza, descrita por ele em uma de suas poesias como dotada de “força triunfal, cheia de vida e grandeza” (OLIVEIRA, 1975, p. 55-57). Ele comparava a natureza à uma nave de catedral: espaço de respeito e devoção. Em seu livro Saúde e Assistência, de forma lúdica ilustra o processo de estruturação do Departamento de Saúde e Assistência (DSA) como uma árvore que se desenvolve e cria raízes profundas (Figura 24 e 25), descrevendo o Departamento como uma árvore sem muitas ramificações

e folhas antes de sua chegada, o médico dispõe de outro cenário na página seguinte, uma árvore frondosa após a sua saída. Assim ele descreve as ilustrações:

As raízes symbolisam as verbas, o tronco os serviços principaes, as folhas as subdivisões de serviço. Como se vê, a arvore, se bem que tivesse raízes mais ou menos fortes. estava com a folhagem muito estiolada e mal distribuída. O ramo esquerdo, que representa o serviço rural, estava reduzido a duas folhas, o direito, que symbolisa serviços urbanos, tinha as folhas dispostas sem ordem. A pagina seguinte mostra a árvore actual, na qual, no indo do desenvolvimento do tronco, nota-se mais harmonia na distribuição das folhas. (MEDEIROS, 1926, n.p)

Figura 24 e 25 - Ilustrações que abrem o livro Saúde e Assistência apontando o crescimento do departamento como o de uma árvore



Fonte: MEDEIROS, A. Saúde e Assistência. Doutrinas, experiências e realizações 1923-1926. Recife: Graphica Pimenta de Mello & Cia. (Rio de Janeiro), 1926

Correia (2020, p. 426), interpreta a relação de Amaury de Medeiros com o meio natural de Pernambuco como um “culto à natureza tropical”. Ele associa o ordenamento composto na natureza com idealização e a aproxima de valores morais e médicos que tinha, e o faz por meio das palavras, por meio das poesias que compõe; nos relatos de valorização da flora nos periódicos da época e em convites de palestras. Amaury não escondia a sua admiração pelas árvores e pelos projetistas da paisagem, afirmava que:

Saber aproveitá-las [as árvores] e saber conhecê-las nos seus caprichos, para organizar as paisagens em que não falta a harmonia essencial, a suprema beleza das coisas, é o segredo dos arquitetos paisagistas; saber apanhar o seu flagrante e traduzir as suas intenções é a maior ânsia dos pintores; entendê-las na sua linguagem ingênua e pura é a mais expressiva manifestação do bom gosto. (OLIVEIRA, 1975, p. 55)

Como um admirador da estética da natureza buscava aproximação com as espécies e assim tornou-se um ativista da arborização urbana no Recife, na década de 1920, juntamente com Annibal Fernandes e Gilberto Freyre. O médico insistia na importância de mais árvores espalhadas pela cidade atuando de diversas formas por esse fim. Além de uma maior diversidade na inserção no território urbano das árvores que os recifenses se identificassem, como as dos sítios do subúrbio e dos quintais das casas, em contraponto aos modelos da moda no hemisfério norte. Fruto dessa inquietação o Centro Regionalista, organizou a “Semana da Árvore” em Novembro de 1924, evento organizado pelo Centro Regionalista, poucos meses após a sua formação. O evento tinha como objetivo trazer à tona a importância da vegetação adaptada no solo recifense, como uma grande celebração da flora regional e da identificação dela na paisagem da cidade que atuou também como um protesto em defesa dessa vegetação.

O engajamento do Centro Regionalista em favor da flora, não era apenas nos termos de incentivo para mantê-la nas ruas da cidade, mas também numa busca de compreensão botânica e afetiva das espécies que marcavam o imaginário social, para este fim, foi promovido um concurso que buscava premiar a melhor fotografia, desenho e poesia com o

tema da flora predominante e adaptada ao solo pernambucano, marcando assim uma tentativa do grupo de registrar artisticamente a botânica nordestina, a partir do olhar regionalista do grupo.

Na ocasião apenas a fotografia “A Jaqueira” de Horácio Alves foi premiada, as outras categorias não receberam a adesão popular ou não satisfizeram os juízes envolvidos no concurso (CORREIA, 2020a, p. 422). Ainda assim, nas semanas correntes, deu-se início às festividades da Semana da Árvore propriamente dita. O evento trazia uma abordagem abrangente, perpassando a botânica, a arte e o urbanismo, e ocorreu em várias escolas do Recife, com palestras que contaram com a presença de alunos das escolas do Recife, ativistas regionalistas, políticos, intelectuais e médicos.

Apresentações de artísticas música e literatura, estavam envolvidas na programação do eventos, haviam sessões de poesias em louvor à flora, dentre elas “A Árvore Seca” de Alberto Oliveira, “Árvore Velha” de Olegário Marianno e “A Vingança do Cedro” de Samuel Campello. Os temas tratados nas sete sessões do evento foram os mais diversos, dentre eles a diversidade da flora regional com ênfase no Juazeiro e Salgueiro, sendo o primeiro prevalente no semiárido e o segundo na Mata Atlântica, como elementos que marcam a paisagem no Nordeste dada pelo secretário da Agricultura Samuel Hardman e intitulada “Nossas Árvores”.

A discussão sobre as árvores nordestinas presentes nas artes pictóricas foi feita na sessão dada pelo jornalista Annibal Fernandes com o nome de “As Árvores nas Pinturas”, que enfatizou as pinturas de Telles Júnior (Figura 26), pintor do qual Gilberto Freyre recebeu aulas quando moço. Havia nos regionalistas, o que parece ser um alerta significativo sobre os riscos da flora prevalente no Nordeste desaparecer por conta do desuso e da inserção de espécies estrangeiras no solo, desse modo, a presença constante das espécies nos registros da época era uma forma de eternização das espécies e fixação delas no imaginário local:

Freyre se preocupa em fixar normas para a produção de uma pintura regionalista e tradicionalista o que seria a “verdadeira paisagem do Nordeste”. Ele tenta nas suas críticas de arte, fixar uma dada visibilidade regional: de paisagens de tons ocre ou de exuberância tropical que não se coadunaria nos cinzentos dos acadêmicos, nem com as cores carnavalescamente brilhantes do “impressionismo”. Para ele, até então a pintura tinha passado ao largo dessa paisagem regional, com seus contrastes de verticalidade – as palmeiras, os coqueiros, os mamoeiros – e de volúpias rasteiras – o cajueiro do mangue, a jiterana. Uma paisagem animada de muitos verdes, vermelhos, roxos e amarelos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p.166)

Figura 26 - Os Buritis do Parnamirim, Teles Júnior, 1889



Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023

Gilberto Freyre foi o responsável pela palestra “Recife e as árvores”, a qual levantava um histórico dos jardins da cidade, memorando nomes que ajardinaram a cidade do Recife até aqueles dias, como Maurício de Nassau e o grande Parque que acolhia o Palácio de Friburgo, assim como atuação de Tomás de Mello na arborização da cidade, preenchendo-a com belas gameleiras. Freyre também, defendeu em seu discurso as plantas locais como as escolhas ideais de vegetação para a arborização urbana do Recife e deixou críticas à derrubada de árvores como consequência de grandes reformas urbanas, associando-as ao apagamento de memória:

Atribuiu a derrubada das gameleiras, assim como a demolição ou reforma de igrejas e arcos no século XX, à "mania do reformismo para

modernisar", aos "caprichos de symetria dos senhores prefeitos" e "esthetica dos engenheiros". Elogiou as cores e formas da flora local e o prefeito Antonio de Góes por ser "amigo das arvores", embora não tenha deixado de censurar preferência pelas estrangeiras e de lamentar a "orgia da figueira benjamin" que estaria promovendo. (CORREIA, 2020a, p. 424)

Anos depois, em 1934, ao publicar o seu "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife", Freyre relembra a ocasião da Semana da Árvore como, uma iniciativa quase religiosa e missional a favor da conscientização da população acerca da importância do que chamou de "salvação das árvores da cidade ou pela sua reabilitação" (FREYRE, 2007, p. 47).

Moraes Coutinho foi o responsável pela palestra "Nossas mestras, as árvores" que aludia a beleza das árvores aos referenciais morais e estéticos religiosos, valores fortemente presentes nas abordagens regionalistas da época, assim somaram-se a essas as palestras "Árvores na Poesia", "Almas das árvores" e finalmente "A physionomia das árvores", o tema escolhido por Amaury.

Em sua palestra, Medeiros abordou os variados perfis de espécimes do Nordeste (Figura 27), buscando paralelos aos valores morais. São citadas espécies como o coqueiro, os cactos, cajueiros, matapa e o dendezeiro. Amaury associa as características das árvores à virtudes humanas como força, resiliência e graciosidade, ao abordar o perfil "asselvajado" e resiliente de algumas espécies, o médico as expôs em tom didático, como lhe é característico, de modo a usar as metáforas como um meio de inspiração ao desenvolvimento de valores por parte da população, valores estes compreendidos como parte do processo para desenvolvimento "civilizatório" popular. Amaury aproveitou a ocasião para fazer críticas ao tratamento que o poder público dava às árvores na cidade (Figura 28):

Não concordo com aquelles que querem as arvores barbeadas e de cabellos aparados a la garçonne, como toda gente. As arvores aparadas, todas iguaes em semi-espheras, ou pyramides ou cylindros verdes, absolutamente symetricas, lembram-me soldados formados em linha pelas calçadas, como em grande e inexpressiva parada. Ha em Maceió um parque que tem as arvores todas iguaes, todas cylindricas todas baixas e por isso mais parece um taboleiro de confeitaria

em que o pasteleiro tivesse a extravagancia de expor somente bolos verdes. A aceitar, como boa, tal pratica, melhor fora substituir as arvores por modelos de cimento armado, pintados de verde ao longo das ruas, ou disseminados pelos parques. Isto seria muito mais pratico e muito mais barato, bastando fincar no solo, como postes, as arvores artifices e ellas estariam desde logo proporcionadas e promptas para dar sombra ao resto da vida. (MEDEIROS, 1924b, p.4)

Figura 27 - Jaqueira, árvore frondosa e frutífera abundante na cidade do Recife.



Fonte: Coleção Benício Whatley Dias de Iconografia (Acervo Villa Digital / Fundaj)

Deste modo, Amaury aponta que ao seu ver há importância na expressão natural das árvores, o que será marca de sua identidade como paisagista e continua:

Eu não quero dizer que se deva deixar viver as arvores na rua, a vida livre e bravia das florestas e que se deixem os ramos indiscretos entrar pelas janellas, quebrar os fios da illumination, fechar, como nas selvas os caminhos. É preciso sem duvida orientar os seus ramos, conter os seus excessos, edulcal-as, não, porem, a ponto de fazer em pyramides arvores que são cupulas, arredondar copas que são longas ou que sobem em pennacho. Não cortar rentes pelo mesmo figurino as cabelleiras de todas as arvores; as copas das mangueiras são naturalmente arredondadas e lisas, as dos oitis são alongadas e symetricas; as dos cyprestes se alongam em pyramide e em cones hirtos, e severos como cirios; os salgueiros só serão salgueiros e só serão chorões com as suas longas cabelleiras a arrastar pelo chão, desgrenhadas como quem chora por magua de amor. (MEDEIROS, 1924b, p.4)

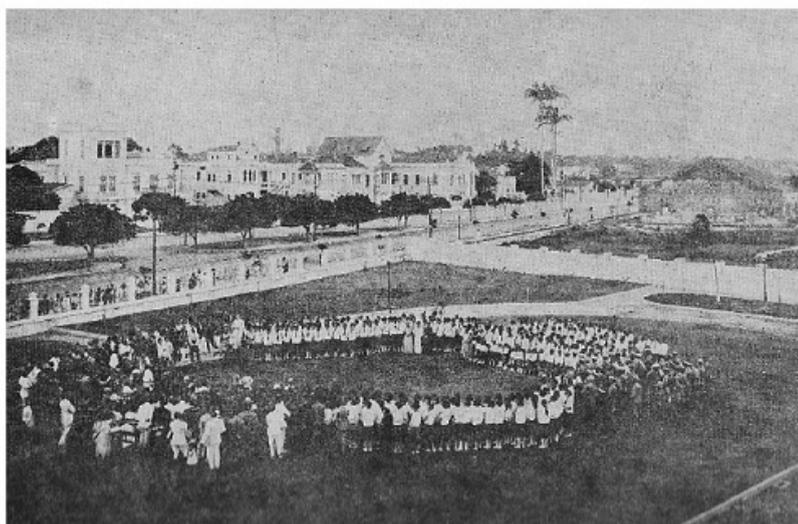
A fala de Amaury foi pronunciada em lugar aberto (Figura 29), de acordo com seu querer, no parque da Escola Normal do Estado, jardim localizado ao lado do prédio da escola, na Rua Princesa Isabel, e que é apontado em seu título “Saúde e Assistência”, como um jardim feito à seus gostos (MEDEIROS, 1926, p 127.)

Figura 28 - Cartão postal com dedicatória datada de 1934, com vista geral do Recife, em destaque às árvores podadas todas da mesma maneira



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

Figura 29 - Palestra “A Physionomia das Árvores”, no último dia da Semana das Árvores, área externa da Escola Normal.



Fonte: MEDEIROS, A. Saúde e Assistência. Doutrinas, experiências e realizações 1923-1926. Recife: Graphica Pimenta de Mello & Cia. (Rio de Janeiro), 1926.

O envolvimento de Amaury com a massa vegetal, era íntima, ele as conhecia por nome e lhes tinha uma relação de admiração mística quase que entendendo-as como estruturantes da teia de uma natureza sagrada imensa e sagrada, chegando à direcioná-las “orações” (CORREIA, 2020a, p. 551) e interpretá-las como dotadas de alma. A aproximação e respeito do médico às espécies era tanta que além de cultuá-las, também buscava cultivá-las, com as mãos ao solo, por meio do contato direto com a terra, como um jardineiro. Amaury opinou sobre o tratamento adequado para as árvores no meio urbano e fez o plantio das espécies escolhidas para os jardins aos quais se dedicava.

Contudo, não se limitou à teoria e à distribuição de mudas. Fez-se paisagista. Realizou diligências pela criação de parques e projetou um deles, que, de algum modo, fixou um padrão para outros criados no Recife, pelas administrações estadual e municipal. Nesse modelo de jardim público - contida, saneada e domesticada - a natureza é valorizada como respiro, espaço para práticas julgadas saudáveis e moldura para prédios públicos. (CORREIA, 2020a, p. 552)

O envolvimento de Amaury com a cidade tornou-a mais saudável, conectada à sua natureza e mais verde. Segundo o jornalista Annibal Fernandes, “elle espalhou aqui as mais lindas árvores que jamais tivemos [...] a sua ideia era transformar o Recife num maravilhoso jardim, cheio de árvores, de sombras e de cor” (FERNANDES, 1934, p. 2). Ao insistir na arborização urbana, Amaury estende o conceito que tinha de jardins públicos como um lugar gerador de bem-estar para a cidade, buscando torná-la toda assim saudável.

Não surpreende que o respeito do regionalista pela ordem da natureza gerasse nele inspiração para o ordenar da massa vegetal assim como a água em sua “cidade-paciente”. O período de atuação de Amaury no DSA, é marcado por processos de grandes alterações urbanas e de criação de infraestrutura. Este momento determinante alinhado à proximidade política com governantes e ao interesse do médico na dinâmica do desenvolvimento urbano do Recife, fundamentado nos ideais progressistas predominantes em sua geração, criou um cenário ideal de atuação para que o médico transitasse com liberdade por suas áreas de interesse, mesmo que muitas vezes extrapolando suas funções como diretor do Departamento de Saúde e Assistência. Assim, Amaury alinhou seu gosto da paisagem à seu ofício de “médico urbano” para criar um ambiente mais verde e salutar:

Como se sabe, o Recife surgiu em terras baixas de um estuário, com ilhas e solos firmes, cercadas por rios, mangues, lagoas, charcos e alagados. A expansão da cidade dependeu de obras de drenagem, aterros e canais que sucederam ao longo de toda sua história. Nas primeiras décadas do século XX, ainda existiam viveiros de peixes nas bordas dos bairros centrais de Boa Vista e São José. Espremida entre águas, a cidade alcançou esse século como um lugar de poucas praças e jardins públicos. Havia largos e pátios em frente a prédios públicos. Muitos terrenos baldios e alagados interceptavam sua malha urbana. Nos seus subúrbios, frondosas árvores frutíferas tropicais cresciam em exuberantes quintais, enquanto jardins podiam ornar fachadas de residências os jardins públicos, contudo, eram raros. (CORREIA, 2020a, p. 552)

Devido ao contexto de aterramento de alagados e gestão sanitária dessas áreas pelo Departamento de Saúde e Assistência, Amaury de Medeiros se envolvia nas propostas de drenagem e criação da dinâmica espacial para as áreas agora disponíveis. Parte dessas áreas aterradas se tornaram jardins públicos, muitos deles seguindo os preceitos propostos por Saturnino de Brito em seu plano de 1917, no qual propunha a criação de parques na margens das áreas molhadas como rios e canais, que não havia sido implantados até essas atribuições serem dadas ao diretor de Saúde e Assistência do Estado.

Diante do grande desafio na capital de Pernambuco, tão cercada de águas, uma parceria entre o governo do Estado e prefeitura possibilitou o desenvolvimento de novos jardins e a manutenção dos poucos que já havia na cidade. Boa parte desses novos jardins, por se tratarem de terrenos outrora alagados, receberam uma maior atenção estética e um

cuidado no tratar da salubridade. E é possível afirmar que parte dos jardins importantes gerados nessa época tiveram algum tipo de influência ou participação do médico sanitaria, sendo assim inegável a importância dele na nova forma que a paisagem do Recife ganhava em meados da década de 20.

Foram implantadas sete praças ajardinadas e arborizadas: Payssandú (ou Chora Menino), Oswaldo Cruz, do Mercado da Encruzilhada, Sérgio Loreto, Correia de Araújo (ou do Entroncamento), Parque Amorim e Parque do Derby, as quatro últimas previstas no Plano de Saturnino de Brito. Esses jardins ocuparam áreas encharcadas que sobreviviam em meio à malha urbana: a lagoa de Fernandes Vieira, a gamboa do Parque Amorim e as campinas do Derby, do Bodé, do Manguinho e do Chora Menino [...] **Esses jardins públicos alteraram a relação e natureza e mudaram a feição do bairro da Boa Vista e suas conexões com os subúrbios. Desde então, além das pontes, as praças se tornaram um marco da paisagem do Recife.** (CORREIA, 2020a, p. 554 – grifo nosso)

Como entusiasta do paisagismo, Amaury chegou a arriscar propostas de concepção para os parques, que parecem ter nos princípios dos jardins ingleses de se inspirar na fisionomia da natureza, sua idealização:

Nos parques, o melhor será deixar que as arvores vivam inteiramente a sua vida bravia para que os parques adquiram este aspecto sincero de pedaço de floresta, que por esquecimento ficou conservada no centro da casaria, dura e secca, e, que seja, o melhor possível e o mais vivamente possível, um contraste com a cidade. Os parques devem dar a impressão de que os motivos decorativos ali reunidos são motivos reais que o acaso juntou e que por ali ficaram com a sua physionomia natural. (MEDEIROS, 1924b, p. 4)

Para Correia (2020, p. 556), o perfil de jardim público adotado por Amaury possuía os ares dos quintais recifenses, como se no espaço público o médico-paisagista buscasse estender a mata nativa que crescia ainda próxima à cidade na década de 1920. Deste modo, a presença constante de espécimes conhecidas pelos moradores passariam a povoar para além de suas casas e sítios também as ruas da cidade, privilegiando esses tipos de espécies em detrimento da inserção de vegetação estrangeira ainda não perfeitamente adaptadas ao solo.

## **O jardim do Parque Oswaldo Cruz**

Com a sua admissão na diretoria do Departamento de Saúde e Assistência, em 1923, Amaury buscou logo organizar as estruturas que ficariam sob sua responsabilidade e a uma nova sede para centralizar os serviços da diretoria antes distribuídos pela cidade. Medeiros aproveita o momento para aplicar seus preceitos na materialidade, transformando a oportunidade de centralizar os serviços em uma propaganda da imponência do higiênico e do belo por meio do DSA, afinal um serviço que para ele seria tão essencial e relevante ao tratamento da cidade, não poderia passar despercebido.

O terreno proposto para a construção da nova sede do DSA (Figura 30) foi o do antigo Alagado de Fernandes Vieira, no bairro da Soledade, que havia sido drenado visando a salubridade da área, assim tornando a área ampla disponível para novas construções. Na frente da construção, foi proposto um jardim, concebido, desenhado, acompanhado em sua execução por Amaury de Medeiros, que depois seguiu também como um frequentador assíduo (CORREIA, 2020a, p. 557). O jardim recebeu o nome de Parque Oswaldo Cruz e recebeu um busto, alguns meses depois de sua inauguração, em homenagem ao médico sanitário de grande influência para Amaury.

Figura 30 - Construção do Prédio do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1923, ed. 37

O Parque Oswaldo Cruz, foi o primeiro envolvimento de Amaury com jardins públicos na cidade, mas, há registro de que esteve também envolvido com o jardim da Escola Normal e também com o jardim do Hospital da Tamarineira (MEDEIROS, 1926), ambos jardins

restritos a uso dos prédios. No Parque Oswaldo Cruz, Amaury explorou, na cidade do Recife, de sua liberdade junto ao sogro para extrapolar de suas funções como diretor do departamento médico, e se envolver nas diretrizes do paisagismo do jardim que margeava o prédio. Amaury em seu perfil proativo buscou gerir com agilidade a implantação e acompanhamento de obra de ambos os projetos tanto do prédio quanto do jardim e como jardineiro, plantou ele mesmo as mudas propostas para o parque:

Ele orientou, nesse sentido, todos os parques que foram sendo construídos no Recife, com tanques, plantas aquáticas, plantas ornamentais e florestais. Fez-se um paisagista, amoroso da estética, que deveria emoldurar, a seu ver, todas as obras públicas, não admitindo a inauguração de um novo prédio público sem que suas imediações tivessem merecido cuidados especiais, indispensáveis a quem escolhe moldura condigna para uma tela bonita. A praça construída diante do novo edifício do Departamento de Saúde e Assistência [...] foi por ele imaginada, traçada, plantada, concluída, em gramados, tanques, pérgola, etc. tudo finalizando com a colocação, entre canteiros de papoulas, da herma de Oswaldo Cruz [...] Assim, Amaury planejou e traçou o parque da praça Oswaldo Cruz, ele mesmo plantando, pode dizer-se, as sementes de que ainda chegou a ver as primeiras flores (OLIVEIRA, 1975, p. 55).

O Parque Oswaldo Cruz foi inaugurado no mesmo dia que a nova sede do DSA (Figura 30), em 18 de outubro de 1923, sendo um grande festejo ambas as obras, em sua inauguração, Medeiros faz o seu discurso nomeado “já não somos mais um vasto hospital”, em uma orgulhosa resposta ao discurso que ouviu em sua formatura de medicina, no ano de 1916, no qual o doutor Miguel Pereira afirmava à época que as cidades brasileiras eram um “vasto hospital”. Amaury de Medeiros como político sabia o impacto de credibilidade que uma arquitetura imponente e emblemática teria sobre a população no tanger da confiança em tempos de maior segurança e progresso na saúde, porém, é importante creditar ao médico a proposta do parque à frente do prédio como uma forma de associar também à natureza e à beleza um bem-estar inerente ao que parecia ser o seu conceito de saudável.

O prédio do Departamento de Saúde, possuía uma fachada horizontalizada com uma escadaria que se abre à rua, sendo a edificação o ponto de partida para a concepção do traçado do jardim, convidando ao transeunte ao deslocamento da arquitetura ou da rua

para o jardim com pouco esforço e fluidez. O parque se apresentava aos moldes das convicções de Amaury, como um postulado do que deveria ser um parque ideal, como um tutorial para os futuros parques da cidade.

Havia no parque uma composição de luz e sombra formulada pela locação das espécies, tornando o ambiente propício à parada de descanso e contemplação. O grande lago, de formato orgânico a oeste da praça, faz alusão ao antigo alagado e utiliza de modo mais natural o solo, tendo como estratégia de sanitarismo espécies de peixes que se alimentam de larvas para evitar mosquitos.

No parque prevalece um caráter de desenho inspirado em uma mistura de influência de jardins ingleses e franceses. A influência do paisagismo inglês pode ser observada nos traços curvos, que pela sua organicidade, apela à naturalidade e acentua a vegetação próxima ao lago, que por ser baixa enfatiza a moldura da arquitetura do prédio. Outro aspecto de sensibilidade ao solo de uma abordagem que busca ênfase nos aspectos naturais pode ser observado no modo como Amaury aproveitou a depressão do terreno optando por manter os coqueiros que antes se estendiam no alagado (VIDA..., 1931, p. 3). A influência francesa no desenho se apresenta pelas marcações rígidas que ligam o traçado do parque à Rua Fernandes Vieira, enquanto a distribuição vegetal leva os olhos do transeunte ao centro do parque, onde se localizam as pérgulas.

Esse foi um período de uma interessante experimentação de modelo de parque, tanto no Oswaldo Cruz quanto nos outros parques em que Amaury esteve envolvido:

Aplicou e postulou arranjos de viés pitoresco, que incluíam lagos, caminhos de desenhos sinuosos e uma vegetação profusa com plantas e árvores de portes e formatos os mais diversos, dispostos em massas, de modo a compor espaços abertos à luz do sol ou dela protegidos em intensidades diversas. A natureza foi moldada e substituída por seu simulacro. A vegetação agressiva existente nos antigos alagados deu lugar a um arremedo de mata nativa. Charcos foram drenados para ceder lugar a pequenos lagos ornamentais. Curioso como, no momento em que mais se drenaram lagoas naturais, mais artificiais foram implantados na cidade. Para evitar a proliferação de larvas de insetos transmissores, esses lagos artificiais foram povoados de peixe. (CORREIA, 2020a, p. 556)

No projeto paisagístico, que prevaleceu ao longo dos anos, a utilização da vegetação arbórea frondosa nas bordas do parque margeando seus limites e apresentando uma monumentalidade, destacando os ficus - posteriormente considerados inadequados para a arborização das calçadas Recifenses pelo perfil de suas raízes vastas - e as mangueiras, espécies adaptadas ao solo recifense e comuns aos quintais das casas. Nos registros constam uma fileira de ficus benjamina plantada na época de Amaury que fazia a transição entre o jardim do prédio do DSA e a praça, como é possível observar na Figura 31, posta abaixo nos anos seguintes devido a suas copas muito volumosas que se acumulavam gerando uma barreira.

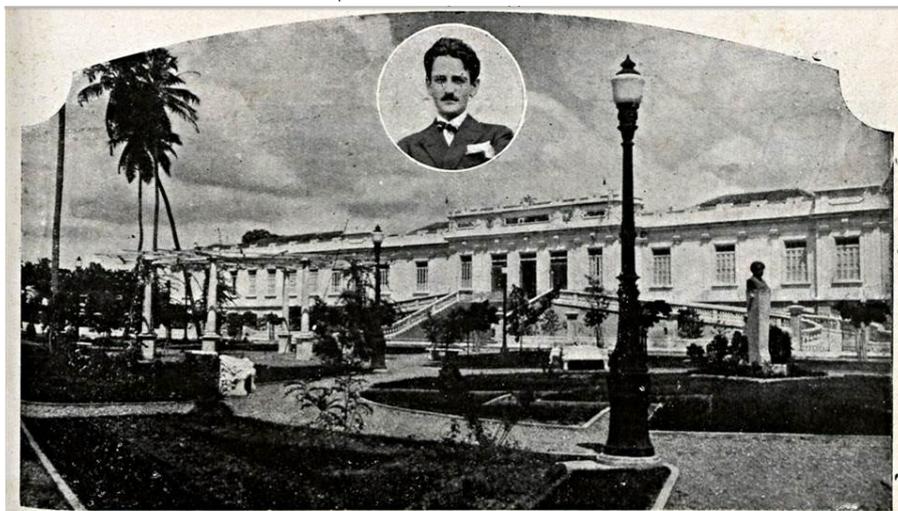
Figura 31 - Prédio da nova sede do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco colorido em postal, onde é possível observar as mudas de ficus dentro e fora dos muros



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

Pode ser observado no parque, nas fotos históricas até hoje, a presença de elementos de ornamentação como a pérgola composta por oito colunas à semelhança de templos gregos - item muito utilizado em jardins recifenses da época, presentes no Parque do Derby e no Parque Sérgio Loreto, que viriam nos anos seguintes à inauguração do parque Oswaldo Cruz - assim como, os bancos e posteamento decorados artisticamente no estilo Art Nouveau, detalhes que apresentam uma clara dedicação à preocupação estética com o espaço (Figura 32).

Figura 32 - Parque Oswaldo Cruz com a escadaria da nova sede do DSA ao fundo, destaque para posteamento, pergolado e bancos decorados. Imagem de Amaury de Medeiros, responsável pelo empreendimento ao centro



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1925, ed. 28

A preocupação ornamental com o espaço do jardim costura o alinhamento entre as perspectivas que o médico tinha acerca de beleza e saúde, apresentando um tratamento do jardim como uma obra de arte salubre, geradora de bem-estar, a qual geraria interações sociais nos passeios ao ar livre além de uma moldura bela e verde ao prédio da nova sede do Departamento de Saúde e Assistência (Figura 33).

Figura 33 - Prédio da nova sede do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1923, ed. 46

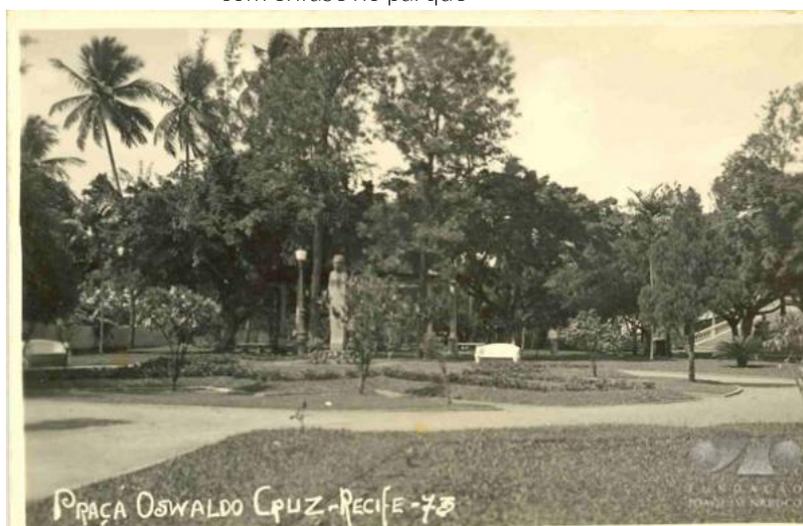
Dessa forma, Amaury está ligando a espacialidade à questões de saúde, espaço público verde e postulando seu pensamento paisagem tanto na memória dos recifenses, quanto nos registros do que deveria ser feito nos jardins do Recife cada vez mais moderno. Em seu discurso de inauguração da herma de Oswaldo Cruz na praça, Amaury aponta a intencionalidade da escolha dos detalhes da concepção do projeto:

Para prestar esta homenagem a Oswaldo Cruz, empregaram o Governo do Estado e o Departamento de Saúde e Assistência os seus mais carinhos esforços. Em frente ao edificio magestoso da hygiene, construiu o Governo este parque, esmerando-se em cuidados, para que tudo dissesse a grandeza do nosso culto e a unanimidade de nossa gratidão. Nada se poupou em rigores, para que elle fosse bello e evocativo. Em cada canto e em cada planta houve uma intenção. Tudo aqui se reune para exaltar o sabio e o poeta, o pesquisador e o patriota. (MEDEIROS, 1924, p. 155-156)

A intencionalidade e sensibilidade na concepção do projeto fica evidente no detalhamento do autor acerca das pequenas decisões e seus significados, relacionando as pessoas aos componentes do jardim e da paisagem: as árvores, as palmeiras, o azul do céu e a escultura.

As arvores novas que aqui vicejam e crescerão devem representar os carinhos da geração futura; os velhos coqueiros que foram conservados, devem demonstrar o zelo das gerações que passam e da velhice fecunda, pelos feitos do sabio e do patriota; o lago que aqui deixamos a reflectir o azul infinito do céu, deve significar a grandeza de nossos designios e o nosso respeito pelas coisas infinitas e eternas. Aqui plantamos palmeiras reaes e modestas verbenas, arvores que dão fructos, e arvores que dão sombra, arvores que ornamentam e arvores que produzem, significando que lhes devem ser igualmente caras as homenagens dos grandes e dos pequenos, dos que procduzem trabalho praticamente util, e dos que encantam a vida, dos operarios e dos artistas. Abrimos uma área para trazer-lhe tambem, de vez em quando, a homenagem quasi divina dos sons. No logar de honra traçamos uma cruz e no centro della, entre plantas vermelhas como sangue. elevámos a herma do nosso idolo como um altar a indicar o seu martyrio e a sua gloria. Em torno do monumento, pois, toda a natureza, dominada e harmonisada, falará de sua vida e de nosso culto, festejando-o com as suas galas. Entregando, pois, o jardim e o monumento ao Municipio do Recife, o Departamento de Saúde e Assistência espera que o povo desta terra, comprehendendo a justiça e a delicadeza do nosso preito quasi lithurgico, nos venha ajudar o ritual com todas as suas forças; com a simplicidade das creanças, ou com a rude actividade dos operarios, com a sinceridade dos homens de sciencia ou com a austeridade dos politicos e a exaltação dos artistas, a manter sempre vivo e sempre crepitando o fogo sagrado que elle ateou um dia e que nós queremos cada vez mais vivo. (MEDEIROS, 1924, p. 155-156)

Figura 34 - Registros das feições do Parque Oswaldo Cruz com a herma do médico homônimo, posicionada com ênfase no parque



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

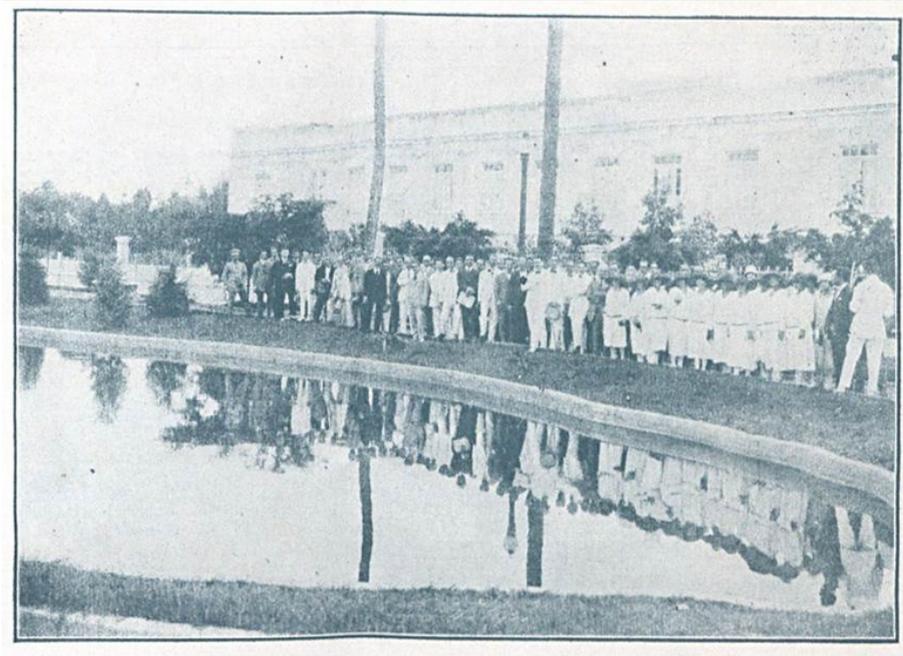
Correia (2020a, p. 61) refere-se ao Parque Oswaldo Cruz como um “jardim tropical de viés pitoresco” fortemente influenciado por essa estética que redefiniu a relação da cidade com a natureza que já havia chegado no Recife por meio da arquitetura das novas residências do subúrbio, mas que se instaura nos jardins públicos da cidade a partir do projeto do Parque Oswaldo Cruz, no qual Amaury, após sondar a paisagem já existente, busca redesenhá-la promovendo contrastes de luz, forma e cores, além de articular cheios e vazios. É possível ver nesse tipo de intervenção o cuidado com o preexistente, assim podendo inferir que o médico atuou da forma alinhada aos conceitos de Jean-Marc Besse, tratados anteriormente, entendendo que cabe ao projetista o respeito e alinhamento à natureza. Correia afirma:

O projetista redesenhou a natureza, buscando harmonizá-la. Sondou paisagem original, selecionando o que preservar e colhendo motivos para recriá-la. Na procura de referências na cena original, adota procedimentos e atitudes bem ao modo da estética do pitoresco, os quais subordina à imposição de controle sanitário. Assim, as águas são esgotadas - uma imposição sanitária - mas tomadas como motivo: no lugar do alagado existente surge - após aterrado - um terreno com suaves ondulações e um amplo tanque de forma sinuosa, simulando um lago natural de contornos irregulares. Da vegetação anterior, os coqueiros foram mantidos, inseridos em uma nova massa vegetal, disposta de modo a simular a variedade da mata nativa, com suas plantas rasteiras, arbustos e árvores. A diversidade é outro princípio: são plantadas altas “palmeiras reais” e “modestas verbenas”, árvores frutíferas e plantas ornamentais, algumas esbeltas, curtas e

frondosas. A produção de contrastes de luz, formas e entre cheios e vazios - é outro princípio. Na disposição e feição da vegetação, os contrastes são obtidos pelos diversos portes, alturas, formas e cores e pelo ordenamento em massas mais ou menos densas. Contrastes também se estabelecem entre as águas, o mobiliário de cimento, a terra e a vegetação. Os caminhos sinuosos traçados, a pérgola e os bancos sombreados convidam a um uso contemplativo do lugar. (CORREIA, 2020a, p. 561- 562)

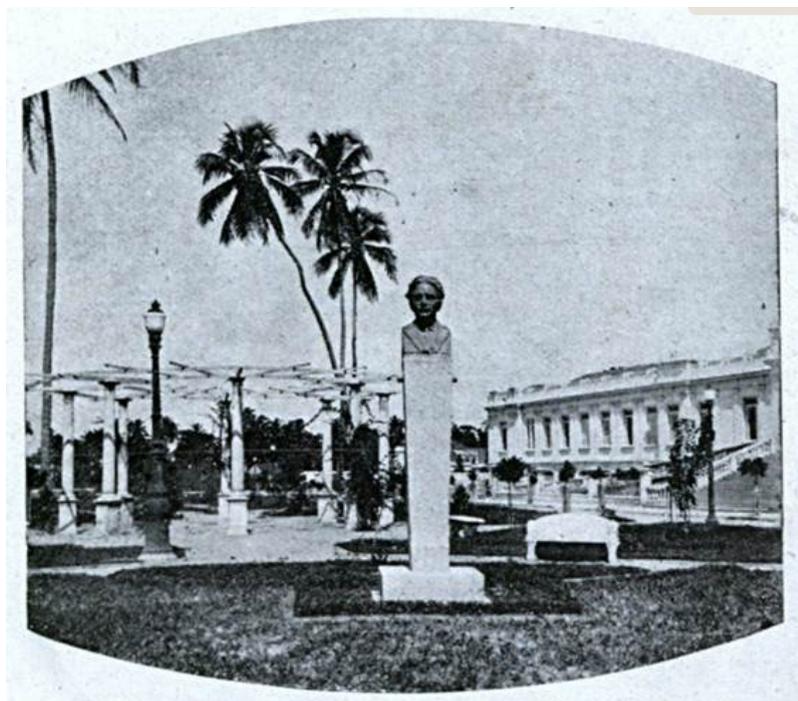
Em seu texto, Correia aponta também que a natureza simulada no jardim de Amaury com o lago natural de contornos irregulares (Figura 35) e vegetação local só é interrompida pelo busto de Oswaldo Cruz presente no jardim. O espaço da herma (Figura 36) era uma referência no parque, como se todo o projeto estivesse submetido à homenagem ao homem de grande serviço a medicina sanitária no Recife. Assim de maneira simbólica, o parque era por seus princípios de ordem e linguagem paisagística uma homenagem à natureza tropical e à medicina sanitária.

Figura 35 - Grupo ao redor do lago em formato irregular à frente da Sede do DSA no Parque Oswaldo Cruz



Fonte: Revista Pernambuco. Edição de junho do ano de 1924. a. 1924, ed. 08

Figura 36 - Herma dedicada a Oswaldo Cruz e símbolo da importância da medicina sanitária no Recife



Fonte: Jornal Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1924, ed. 27

Apesar do esforço na busca pelos documentos originais do projeto do parque, durante o andamento da pesquisa, não foram encontradas as plantas do projeto original de 1924. Os registros mais encontrados datam do fim da década de 1990 como a planta da Praça Oswaldo Cruz na Figura 37. Abaixo dela está uma planta baixa da situação atual da praça Oswaldo Cruz (Figura 38), que apesar de não possuir muitas alterações estruturais ao longo dos últimos 30 anos, hoje se encontra descaracterizada, com menor abundância de vegetação e em estado de quase abandono expondo a ausência de manutenção. Porém, em ambos os desenhos ainda é possível ver que prevaleceram, ao longo dos anos, o ar pitoresco do jardim e sua relação com o prédio, hoje Secretaria de Saúde do Estado.

Figura 37 - Desenho da Praça Oswaldo Cruz, a partir da planta heliográfica levantada para pesquisa Espaços Livres no Laboratório da Paisagem e publicada no livro de Sá Carneiro e Mesquita, “Espaços Livres do Recife” (2000)



Fonte: Sá Carneiro e Mesquita (2000, p. 83)

Figura 38 - Praça Oswaldo Cruz atualmente



Fonte: Levantamento realizado pelo Laboratório da Paisagem (DAU - UFPE) em pesquisa de PIBIC intitulada “Praça Oswaldo Cruz: a resistência de um monumento vivo”

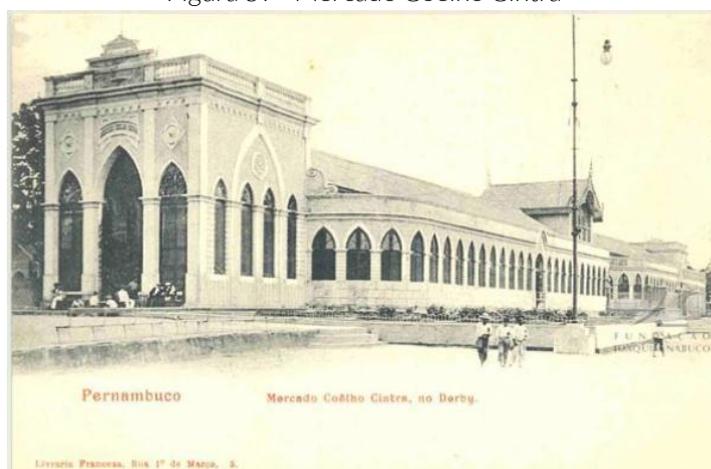
## O jardim do Parque do Derby

O primeiro projeto para área do Derby se deu ainda no final do século XIX, com o envolvimento do comerciante de couro de cabras e ovelhas, Delmiro Gouveia, que por volta de 1897, por meio de leilão público adquiriu o terreno onde hoje se encontra a praça do Derby. Em parceria com a prefeitura, o comerciante desenvolveu na área um centro de lazer e comércio que incluía o Mercado Coelho Cintra (Figura 39), que deu uma nova concepção à dinâmica de comércio recifense, oferecendo o que havia de mais novo em

conforto, higiene e sofisticação (CORREIA, 1998). Também foi construída no local uma pensão de luxo (Figura 40) para os conceitos da época com toda uma estrutura para jogos, uma cafeteria e jardins que atraíam a classe mais nobre do Recife. Havia no hotel o píer que permitia acesso direto ao Rio Capibaribe (Silva, 2010), mantendo o vínculo da arquitetura com a natureza, o que pode ser visto na Figura 41.

O declínio do uso da área se deu pelo desgaste da dinâmica do relacionamento de Delmiro Gouveia com os governantes da época. Esse desgaste veio a gerar o desuso da área após a briga política que culminou no incêndio do Mercado.

Figura 39 - Mercado Coelho Cintra



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo Iconográfico Villa Digital /Fundaj)

Figuras 40 e 41 - Cartões postais do Grande Hotel Internacional no Derby, aos fundos era possível contato direto com o rio Capibaribe



Fonte: Coleção Josebias Barreto (Acervo Iconográfico Villa Digital /Fundaj)

Por cerca de 20 anos o poder público não fez alterações substanciais naquela região, até que o Governo de Sérgio Loreto, em 1924, investiu novamente na região, enxergando nela o potencial de espaço para maior desenvolvimento urbano e propaganda de progresso de um Novo Recife, a qual sua gestão buscava firmar. Com o ideal estético “verde” e a bandeira sanitarista como norteadores, a gestão de Sérgio Loreto propôs não apenas um parque na região alagada do Derby, mas todo um bairro-jardim. Para Correia, a influência de Amaury de Medeiros no desenvolvimento do Derby é inegável:

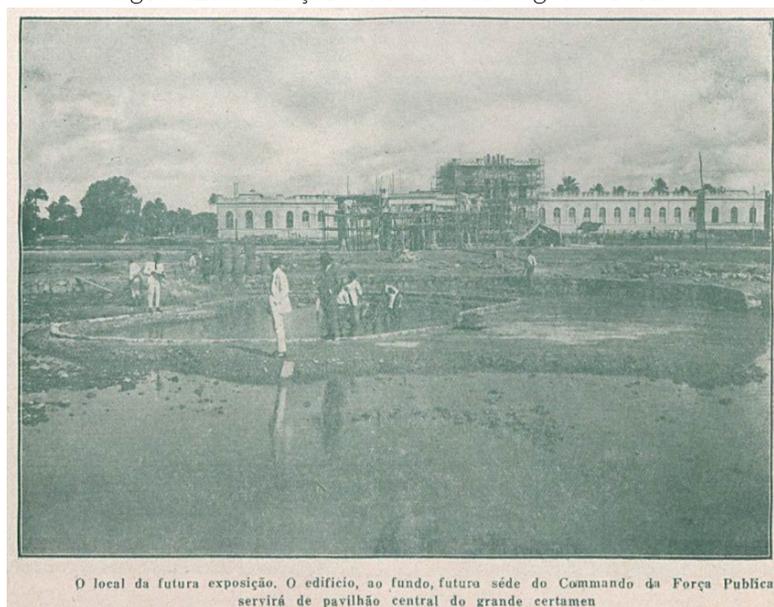
**A urbanização do Derby não é uma ação que pode ser atribuída apenas a Amaury: muitos para ela contribuíram, todavia, ninguém mais que ele.** Foi central seu papel em várias etapas dessa iniciativa do governo estadual. As obras de hidrografia que drenaram a campina se inseriram nas ações de combate aos mosquitos, coordenadas pelo SPSR e DSA. Esse foi mais um caso de drenagem de alagado para dar lugar a parque e prédio público. Assim, o Derby repetiu, em uma ação de maior vulto, uma prática amplamente adotada no Recife nesse período, cuja primeira expressão foi a Praça Oswaldo Cruz e o prédio da DSA, inaugurados um ano antes [...] A drenagem dessa campina e de uma gamboa foi a justificativa e o passo inicial do plano de urbanização. O Departamento Geral de Obras Públicas executou essas ações, projetou e construiu o canal de alvenaria e as demais obras realizadas pelo governo estadual no local. Os rastros deixados por Amaury no Derby, contudo, não se limitaram às obras de drenagem. Parte do que foi planejado e realizado corresponde ao seu gosto em arquitetura e paisagismo. Os contornos pitorescos do Parque do Derby remetem ao modelo de jardim público introduzido no Recife pela Praça Oswaldo Cruz. (CORREIA, 2020a, p. 593 e 594 - grifo nosso)

O re-olhar para o Derby também se dá pela valorização dada por Amaury aos preceitos deixados por Saturnino de Brito que já havia apontado o lugar como um potencial parque urbano no Projeto de Melhoramentos para a cidade do Recife de 1917, levando em consideração a sua localização próxima ao rio e influência dos recursos naturais presentes naquele espaço, ele dizia que:

O campo do Derby não deve ser arruado e edificado; seria um atentado inqualificável contra a estética municipal, sendo também prejudicial à higiene da cidade, que precisa cuidar desde já de salvar o que puder de espaços livres destinados aos Parques. Nesse campo devem-se deixar tabuleiros apropriados para os jogos de esporte, mantendo-se a preferência que já se lhe dá para a útil diversão (ARRUDA, 2005 apud SÁ CARNEIRO; SILVA, 2007, p. 6)

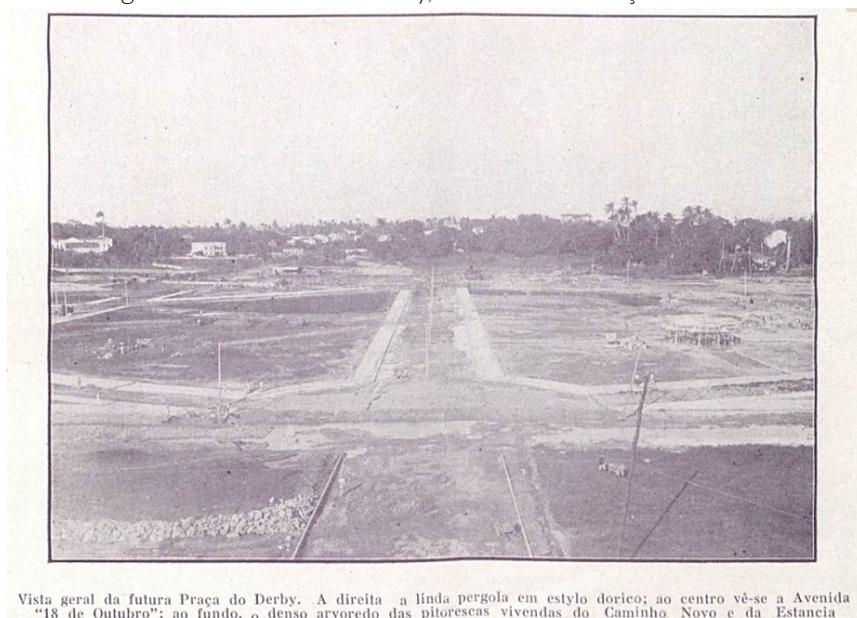
À época a área se encontrava alagada (Figura 42) e uma das primeiras iniciativas do governo de Sérgio Loreto foi a drenagem do aterro. Várias intervenções se seguiram como a construção de parte do canal entre a ponte Paysandu e o Parque Amorim e de duas pontes neste canal; desenvolvimento dos serviços de água, esgoto e iluminação para a região, organização e parcelamento do solo com usos institucionais, públicos e privados com padrões arquitetônicos bem definidos e a criação de prédios institucionais voltados para saúde e educação. O grande empreendimento seria a construção do Parque do Derby (Figura 43), que estaria no centro da implantação de um bairro tendo um amplo loteamento, para o qual estavam previstas também reformar de infraestrutura como a dragagem do antigo canal do Derby, localizado na Avenida Agamenon Magalhães, visando uma proporcionar melhorias estruturais à cidade.

Figura 42 - A área alagada do Derby foi em sua maioria drenada para a chegada do novo projeto, porém, os lagos fazem menção à memória do alagado no local



Fonte: Revista de Pernambuco (PE) – Ano I – Nº III - Publicação Mensal – Setembro de 1924 – p. 36

Figura 43 - Terreno do Derby, antes da construção do bairro



Vista geral da futura Praça do Derby. A direita a linda pergola em estylo dorico; ao centro vê-se a Avenida "18 de Outubro"; ao fundo, o denso arvoredo das pitorescas vivendas do Caminho Novo e da Estancia

Fonte: Revista de Pernambuco (PE) – Ano I – Nº III - Publicação Mensal – Setembro de 1924 – p. 33

O projeto do novo bairro aos moldes do que se fazia na Europa e EUA alinhado à publicidade do governo acerca das benesses do projeto, tornou a expectativa pelo novo bairro alta e atraiu muito interesse. O plano para o bairro consistia em um grande espaço vegetado de parque, ruas arborizadas aos moldes da Europa, propostas de implantação de serviços e loteamentos para habitação, o empreendimento do bairro popularizou-se rapidamente proporcionando rápidas vendas dos lotes, o que acelerou a finalização do projeto urbanístico. Assim como na transferência do 2º Batalhão da Força Pública, conhecido como Quartel do Derby e comando da Polícia Militar, que após reforma no prédio do Palácio da Justiça precisou ser realocado.

É possível observar nas imagens referentes ao projeto a ênfase na massa verde urbana (Figura 44), é notável no empreendimento do plano uma inspiração nas garden-cities inglesas, com forte influência do pensador Ebenezer Howard, que tinha como premissa um equilíbrio entre a massa vegetal abundante do campo com a dinâmica urbana da cidade.

Figura 44 - Ilustração do projeto do Derby na Revista Pernambuco com ênfase no ordenamento do paisagismo e prevalência abundante de massa verde



Fonte: Capa da Revista Pernambuco, Recife, ano II n. 9, março 1925

A proposta do traçado do Parque do Derby está orientada por um eixo central e monumental que divide o parque em porções simétricas, originando alamedas menores (Figura 45). Esses caminhos menores em um traçado mais fluido e orgânico asseguravam um passeio de contemplação para os pedestres, evitando a rigidez da simetria comum aos jardins públicos da época (SÁ CARNEIRO e SILVA, 2017), portanto agregando atributos do paisagismo francês e inglês.

Figura 45 - Plano Geral de Melhoramentos dos Terrenos do Derby, 1926



Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Mapoteca do Recife)

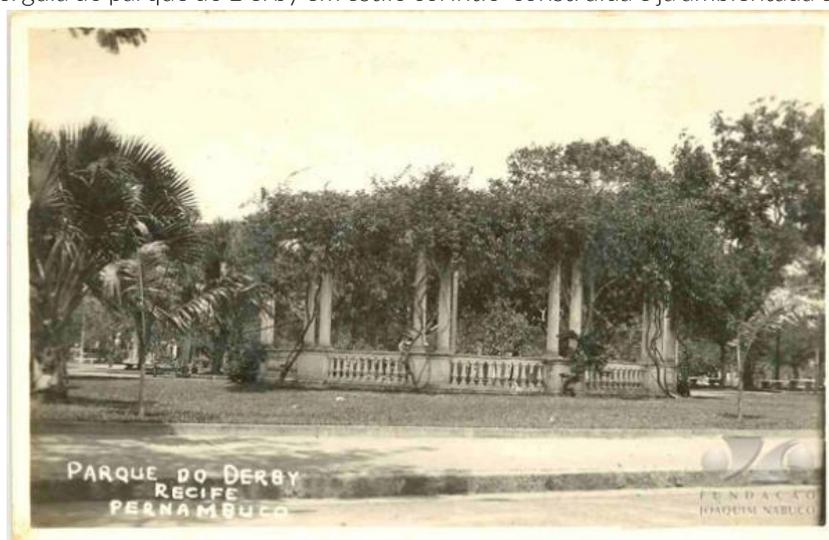
No projeto (Figura 46) constavam dois lagos, elementos decorativos como bancos em estilo românico, jarros e duas pérgulas, uma em semicírculo inspirado no estilo coríntio (Figura 47) e outra em formato de cruz em estilo dórico (Figuras 48 e 49), posicionado próximo ao lago que formava uma espécie de ilha de contemplação, posteriormente conhecida como “Ilha dos amores” (Figura 50) porque possuía um formato livre acessado por uma ponte, preenchendo de forma bucólica a paisagem do parque, de forma semelhante aos jardins ingleses (SILVA, 2010).

Figura 46 - Plano Geral de Melhoramentos dos Terrenos do Derby, com ênfase no paisagismo do jardim



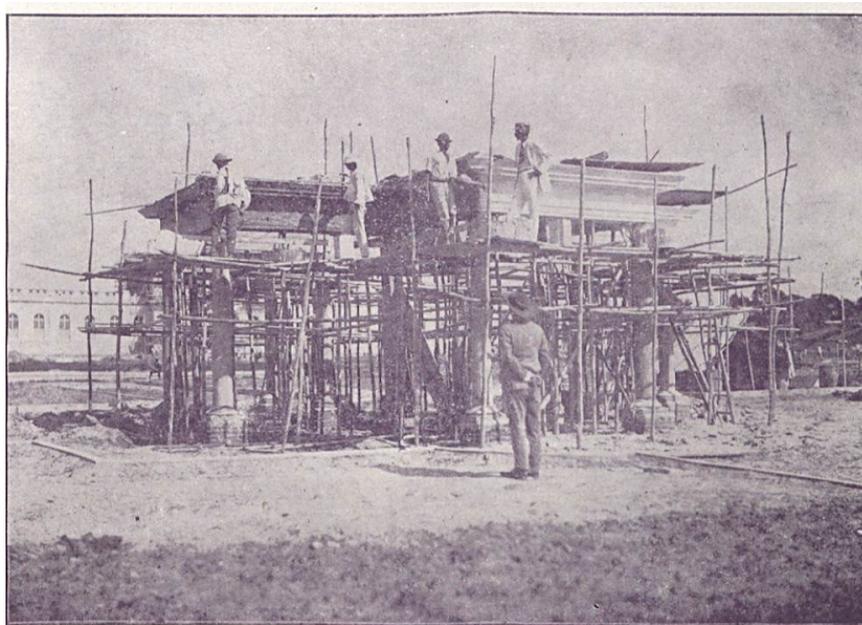
Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Mapoteca do Recife)

Figura 47 - Pérgula do parque do Derby em estilo coríntio construída e já ambientada com vegetação



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

Figura 48 - Construção da Pérgula do Parque do Derby em estilo dórico



Fonte: Revista de Pernambuco (PE) – Ano I – N° III - Publicação Mensal – Setembro de 1924– p. 33

Figura 49 - Pérgula do Parque do Derby em estilo dórico construída e já ambientada com vegetação



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

O projeto de paisagismo no jardim do parque agrega características barrocas e pitorescas. Seu desenho interno tende à ortogonalidade e simetria, apesar da suavidade e aponta a intenção de aproximar a dinâmica urbana dos elementos naturais de vegetação, como detalha Correia (2020) acerca da matéria da Revista Pernambuco que detalha o projeto:

O sistema de vias desenhado contorna e recorta quadras e jardins de modo a valorizar a fruição da vegetação e da arquitetura. Valoriza a perspectiva do quartel, a experiência da imersão no parque e as conexões. A vegetação é um dos motivos centrais do projeto. A mesma matéria colocava a expectativa de que as "avenidas profusamente arborizadas" e o "grande bosque" tornassem esse "logradouro mais pittoresco da cidade do Recife". Segmentado por avenida, o parque abre mão de ser um grande espaço verde contínuo para enfatizar sua condição de ornamento urbano. Para ele, volta-se o imponente prédio do quartel que [...] dialoga com o parque: os jardins são valorizados pela arquitetura e o prédio tem no verde uma moldura coerente com seus propósitos de monumentalidade. (CORREIA, 2020a, p. 601).

Aqui o parque aparece como estratégia de convergência do bairro, o que de fato ele era, porém na análise do todo do projeto sua centralidade, ênfase e dimensão apresentam a relevância dada ao espaço como um refúgio de contemplação, lazer e estética para a cidade. Apesar de o projeto do Parque do Derby não ser creditado a Amaury de Medeiros, seu esforço em tornar esse espaço de respiro na cidade é inegável e pode-se afirmar que ele era uma das cabeças à frente de toda a concepção:

"No parque do Derby ele [Amaury de Medeiros] também fez sentir a sua ação inteligente. A maior parte das árvores ali plantadas foi por inspiração sua. Foi dele a ideia de encher o parque com árvores decorativas como acácias amarelas e vermelhas, como "os flamboyants" e o pau d'arcos e as filas de palmeiras obedeceram também as suas sugestões inteligentes." (VIDA..., 1931, p.3)

Deste modo, com seu envolvimento direto, Amaury de Medeiros ajudou a desenvolver e presentear o Recife com mais um jardim urbano intuído de princípios de beleza, saúde e bem-estar.

Figura 50 - Aspecto da “Ilha dos Amores”, com ênfase na densa vegetação no jardim do Derby



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

Figura 51 - Aspecto da “Ilha dos Amores”, com destaque para a ponte sobre o lago no jardim do Derby



Fonte: Coleção Josebias Bandeira (Acervo iconográfico Villa Digital/Fundaj)

## **CAPÍTULO 4 | O MÉDICO-PAISAGISTA E O ENGENHEIRO SANITARISTA**

Por seu modo de se relacionar com o Recife, Amaury parece ter o que o que Besse (2014) denomina de gosto da paisagem. Seu agir com a paisagem urbana perseguia a intencionalidade não apenas quanto ao embelezamento, mas no modo de amenizar a rotina, a favor da saúde e bem-estar das pessoas.

É possível perceber a sensibilidade do médico ao tratar das questões de habitação, pois seu olhar e preocupações se estendiam à parte externa das casas, apontando uma inquietação acerca do espaço urbano público, como as ruas, parques e calçadas. Mais do que uma mudança na estrutura interna das edificações, as propostas de Amaury envolviam uma mudança social e isso se traduziria ao longo de sua gestão no governo em uma cidade mais conectada à natureza.

Observa-se sua preocupação desde a casa à vida na cidade, por meio de suas ações e discursos. Amaury de Medeiros adicionou beleza e mais abundância de espaços verdes no Recife da década de 1920. Dos jardins urbanos públicos até os pequenos jardins das habitações, o médico contribuiu e influenciou a prática de jardinagem na cidade.

Com seu hábito pragmático, Amaury tinha aversão à ociosidade. Por isso era um crítico fervoroso à pessoas ociosas à espreita em suas janelas durante todo o dia e parte dos seus endossos aos jardins era também no sentido de proteger a privacidade dos moradores e seus vizinhos. Enquanto seus valores morais rígidos se misturavam ao seu anseio por uma maior massa verde urbana, nota-se em seus discursos a associação à proximidade da vegetação nas habitações como um meio de gerar ânimo. Amaury de Medeiros denominava os jardins residenciais como “jardins risonhos” e defendia que um modelo ideal de habitação a ser desenvolvido deveria “ganhar o pitoresco mais colorido e agradável dos jardins risonhos, cheios de verbenas e gerânios [...] na sua doce alegria os portões cobertos de buganvilias...” (MEDEIROS, 1926, p. 333). E foi a partir de suas

instruções e influência, que as novas residências do Recife passaram a adotar o cultivo de jardins:

Assim todo o Recife, do Pombal à Matinha, do Prado à Mangabeira, se ia enchendo de novas residências rodeadas de jardins e de arvoredo, como se tivessem aprendido, letra a letra, as palavras de amor às árvores que Amaury de Medeiros proferia, com o entusiasmo de um verdadeiro dendrófilo. (OLIVEIRA, 1975, p. 54)

Em seu discurso de inauguração do prédio sede do Departamento de Saúde e Assistência, símbolo de imponência e valorização dada ao sanitarismo de sua gestão, Amaury apontou a alegria como fator de referência para sua concepção de nação saudável:

Em breve já não "viveremos tristemente em um paiz triste", onde, por uma tremenda ironia, a natureza, em contraste, se rejubila nas suas paisagens verdes e em seus mares bravios; Em breve misturaremos com os transportes da natureza vigorosa, as grandes alegrias de nossa mocidade e de nossa saúde. É por isso que esta festa de hoje significa muito mais do que, à primeira vista, pôde parecer. Ella representa uma conquista definitiva dos nossos ideaes sanitarios e das nossas aspirações sociaes [...] Consciente e obstinados, tudo haveremos de fazer, para que em breve não sejamos mais aquelle "povo a viver tristemente em um paiz triste" [...] mas, possa o Brasil associar às alegrias exuberantes da natureza, as alegrias incontidas de sua saúde e as bellas e vibrantes expansões de sua mocidade! (MEDEIROS, 1924, p. 85 e 91)

A alegria como uma realidade que se opõe à doença e mal estar, aparece como parte do discurso de Amaury apresentando a sensibilidade do médico às questões emocionais e psicológicas, além das fisiológicas e anatômicas tão representativas da medicina prevalente em sua época. Seu pensamento aqui, se aproxima dos princípios postos por Camillo Sitte que defendia, inspirado em Aristóteles, a premissa de que uma cidade deve ser construída de modo a proporcionar, a seus habitantes, segurança e felicidade. A preocupação de ambos é a corrosão moral da cidade moderna, porém, diferentemente de Sitte, Medeiros tem na técnica e no progresso um meio de solução, meios estes os quais Sitte criticava.

Porém, do mesmo modo que Sitte, Amaury enxergava o prazer na beleza, chegando a caracterizar a arte como uma "inutilidade indispensável" e ao avaliar do que valeria viver sem ela afirmou que "realmente a vida me pareceria inútil e insuportável se eu não encontrasse nella motivos reaes de belleza, se eu fosse insensível aos encantos da natureza e à suprema harmonia do mundo exterior" (MEDEIROS, 1924, p.77). Medeiros

parece conceber os conceitos de beleza e a natureza como íntimos, aproximados e inerentes.

Além de intimamente associada à beleza, a natureza aparece constantemente nos discursos de Amaury relacionada à alegria e ao bem-estar. Ao tratar das reformas dos novos pavilhões do Hospital de Doenças Nervosas e Mentaes, hoje o Hospital Ulysses Pernambucano, Amaury defendeu o uso da arquitetura colonial na construção dos prédios “por ser mais de acordo com o nosso clima, mais simples, mais risonho e mais barato” (MEDEIROS, 1924, p. 415). O sanitarista parece fazer sempre uma ponte com belo como uma leitura harmônica do que é funcional e adequado à localidade e clima.

No discurso de inauguração destes novos pavilhões do Hospital Ulysses Pernambucano, na Tamarineira, Amaury expressa a sua crença na arquitetura como um meio de gerar bem-estar naqueles que sofrem. A preocupação estética com a escolha da arquitetura em um lugar de vulnerabilidades como um hospital, aponta o lado sensível do médico que apesar de muito buscar aprimoração na técnica. Insistia na dignidade e humanidade por meio do resgate da beleza como uma maneira de gerar bons sentimentos que podiam certamente influenciar no tratamento de saúde, em parte para os pacientes, mas também para seus familiares:

Ahi está, pois, prompto a preencher os seus fins, o Pavillião de Observações do Hospital de Doenças Nervosas e Mentaes. Harmonioso e simples, na alegria suave de suas linhas coloniaes, elle nos recorda o bom gosto dos nossos maiores: com todos os recursos da sciencia moderna, evoluida e segura, mais perto da verdade e mais longe do preconceito, elle é um exemplo do bom senso moderno e da boa sciencia actual. Assim, está elle a dizer que nada impede que ao bom gosto de hontem se possa associar a boa sciencia de hoje. Olhae para o edificio: sua fachada clara, onde os motivos coloniaes revivem e sorriem, não lembra, nem de longe, a dureza dos carceres, nem as angustias dos hospitaes. **Aqui, tudo procura esconder e mitigar o mal-estar e o desespero dos que vão entrar, e a dorida tristeza dos que vão ahi deixar aquelles a quem amam.** Não ha nem pezadas grades de presidio, nem as cores tristes dos antigos nosocomios; **tudo disfarça a dor e a diminue. Existem azas de andorinhas estilisadas nos beirae, ingenuos E alegres azulejos, pateos calmos, jarros com flores, tudo a sugestionar alegria e esperança, tudo a prometter cura, tudo a confortar os que ficam e os que passam** (MEDEIROS, 1926, p. 418-419 - grifo nosso).

No excerto, Amaury aponta suas preferências arquitetônicas pelo modelo colonial, como era prevalente aos gostos dos regionalistas que a interpretavam como uma arquitetura mais local e “alegre” em oposição às outras. Também busca apontar por meio do detalhamento estético a crença de que o espaço arquitetônico influencia e a arquitetura pode afetar aqueles que a utilizam, permitindo assim inferir a sensibilidade do médico ao impacto no bem-estar emocional dos pacientes e seus parentes. Amaury também abre um espaço de reflexão acerca da função do profissional e das instituições de serviços de saúde, assim discorre:

A cura vira? perguntarão anciosos os tímidos e, ironicamente, os scepticos. Para nós que a procuramos, para nós que a queremos dar cada dia mais certa e mais rápida, esta é de certo a preocupação maior. Para os outros, para aqueles que aqui se vão entregar á nossa sciencia ou que vão deixar confiadas, a nós, as vidas que lhes são caras, não é preciso saber com tanta certeza, o essencial é que tenham esperança, a doce e confortadora esperança que será a antecipação da alegria, se a cura vier, e será, pelo menos, o adiamento do desespero, se ella falhar... A cura virá por certo, muitas vezes, mas, dar esperança na cura é curar mais cedo, é retardar os soffrimentos dos sem-remedio, é tanger para mais longe a apavorante e implacavel figura da morte. (MEDEIROS, 1926, p. 418-419)

Se por um lado, há o interesse em tornar os espaços mais confortáveis emocionalmente e fisicamente para os pacientes, por outro, há no discurso de Amaury a perspectiva dos médicos como detentores do conhecimento e controle sobre informações, corpos e emoções de seus pacientes e familiares, apresentando assim uma postura paternalista hierárquica em relação à população. Está presente de forma recorrente em seus discursos, a arquitetura como meio de educar os sentimentos. Essa postura pode ser observada ao tratar as questões habitacionais: Amaury elogia grandes janelas “por onde penetrem fartamente luz e ar, por onde entre alegremente a vida” (MEDEIROS, 1926, p. 330). Amaury associava a vida e alegria não apenas ao belo, mas também à natureza, em seu proceder, podemos observar paralelamente as ideias e conexões entre o belo, o funcional e o natural. Não apenas os espaços internos eram encarados pelo médico como mediadores de emoções, mas também os externos, em especial os jardins, pelos quais lutou ativamente para efetivar no Recife.

Aqui, seus princípios de projetar paisagem se aproximam dos princípios de Frederick Law Olmsted, paisagista e botânico norte americano do século XIX, autor do Central Park em

Nova York, responsável por um grande movimento de criação de parques nas cidades estadunidenses e que defendia o parque urbano como gerador de bem-estar.

É possível afirmar pelos escritos de Frederick Law Olmsted, que havia em sua produção, uma preocupação constante na relação de bem-estar, saúde e felicidade da população pelo encontro da cidade com a natureza. Para Eugênio Medeiros (2014, p. 110) é possível afirmar que as formulações e premissas tratadas por Olmsted podem ser entendidas como uma teoria pela maior parte de estudiosos da área, a chamada Teoria do Ambiente Restaurador (TAR), que interpreta o bem-estar como um produto da dimensão artística, visual e prática do uso dos parques. Segundo Olmsted, a relação com a natureza dentro da cidade possui efeito curativo físico-psicológico para aqueles que a experimentam e assim também interpretava Amaury de Medeiros.

As preocupações urbanas associadas à higiene da cidade e o apinhamento urbano, eram as motivações de Amaury assim como de Olmsted que viam nesses espaços ambientes ideais para a decadência moral e física da população. O paisagista americano acreditava nos parques como uma saída civilizatória para essa população exausta e exposta diariamente a “estresses citadinos”. Deste modo, o espaço livre urbano destinado ao verde era um alívio em meio à dinâmica degradante das cidades no século XIX:

É um fato científico que a contemplação ocasional de cenas naturais de caráter impressionante, particularmente se esta contemplação ocorre em conexão com o alívio dos cuidados comuns, mudança de ares e mudança de hábitos, é favorável à saúde e ao vigor dos homens e especialmente ao para a saúde e o vigor de seu intelecto. Além de quaisquer outras condições que possam ser oferecidas a eles, que não apenas dão prazer momentâneo mas aumentam a capacidade subsequente de felicidade e os meios de garantir a felicidade. A falta de tal recreação ocasional onde homens e mulheres são habitualmente pressionados por seus negócios ou cuidados domésticos freqüentemente resulta em uma classe de distúrbios cuja qualidade característica é a deficiência mental, às vezes assumindo as formas graves de amolecimento do cérebro, paralisia, monomania, ou insanidade, mas mais frequentemente de excitabilidade mental e nervosa, melancolia ou irascibilidade, incapacitando o sujeito para o exercício adequado das forças intelectuais e morais. (OLMSTED, 1865 - tradução livre)

Scheper (1989, p. 372), entende a atuação de Olmsted como paisagista não apenas como uma forma de viabilizar dentro da cidade uma oportunidade de respeito às pessoas, mas,

tem como seu principal objetivo e justificativa influenciar as mentes e assim tornar a cidade mais saudável e feliz. É possível afirmar que Olmsted tinha ideais de progresso e enxergava como esperança para a pobreza, miséria e falta de valores sociais o alinhamento da técnica, ciência e natureza (ANDRADE, 2010, p. 106). Tal qual o médico-paisagista, Olmsted buscava gerar mais do que uma costura de desenho urbano com seus projetos de parque, mas um projeto de sociedade, cujos objetivos envolviam o despertar da educação, bons modos e requinte para toda a população.

Para além dos paralelos teóricos entre Olmsted e Amaury, mas, também visando ao princípio do bem-estar e salubridade urbana de modo sensível à paisagem, é possível afirmar a influência direta de Francisco Saturnino de Brito, nos feitos de Amaury de Medeiros. O engenheiro sanitaria realizou projetos de saneamento vinculados ao desenvolvimento de infraestrutura urbana, defendendo seriamente os aspectos estéticos e específicos das cidades no Brasil República, em prol de um modelo de cidade moderna brasileira, tendo participado no traçado sanitário de pelo menos cinquenta e três cidades entre o fim do século XIX e o início do século XX (MORAIS, 2017, p. 78), dentre as quais estava Recife.

Há uma grande sintonia entre o pensamento de Brito e o de Camillo Sitte, do mesmo modo que podemos notar essa aproximação em Amaury de Medeiros. No livro intitulado “Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos”, que no contexto da Siena do século XIX insistia no investimento da praça pública como um lugar de convivência, Sitte era crítico dos traçados urbanos geométricos regulares exacerbados e do crescimento sem controle vistas ao planejamento das cidades modernas. Para o autor, assim como para Brito e Medeiros, a solução das questões práticas e de infraestrutura da cidade estariam no mesmo patamar dos aspectos estéticos dos desenhos urbanos e que os aspectos utilitário, social e estético não precisavam ser antagônicos, mas convergiam em um projeto ideal e harmonioso.

Saturnino foi um precursor do planejamento urbano e acreditava que cabia ao “homem da arte” pensar em critérios de embelezamento das cidades, criando ruas mais dinâmicas, aumentando a quantidade de parques, alinhando o projeto urbanístico ao traçado técnico do saneamento. Já Amaury parecia compreender o homem erudito como alguém de afinidade com arte e se incluiu nesse conjunto, atuando na defesa do embelezamento da cidade como uma melhoria que ultrapassava a esfera material gerando um bem social para além da logística urbana, enfim um bem-estar social.

Brito defendia também que cada cidade tinha necessidades específicas merecendo assim análises particulares e atentas aos aspectos físicos e sociais dos locais. Dentro do contexto higienista que estava inserido, lia o “organismo-cidade” assim como o “organismo-humano” destacando a importância do tratamento pensado de forma singular para cada localidade tal qual é necessário um tratamento para cada paciente (MORAIS, 2012, p. 80). Deste modo, suas pesquisas para desenvolvimento dos projetos passavam por estudos detalhados que consideravam particularidades de cada território tratado, o que fica evidente nas diferentes estratégias adotadas no Plano de Saneamento de Santos, o qual optou pela abertura de avenidas retas enquanto no Recife buscou acompanhar o traçado já preexistente.

Assim, Brito inaugurou uma nova forma de pensar e planejar a cidade brasileira através de seu escritório que prestava consultoria de técnicas de saneamento para as cidades brasileiras que se modernizavam. É importante salientar a ênfase dada à vegetação no trabalho de Brito, afinal, para o engenheiro a flora e a fauna tinha relevância técnica e estética, por isso insistiu na preservação das matas ciliares e na criação de bosques urbanos:

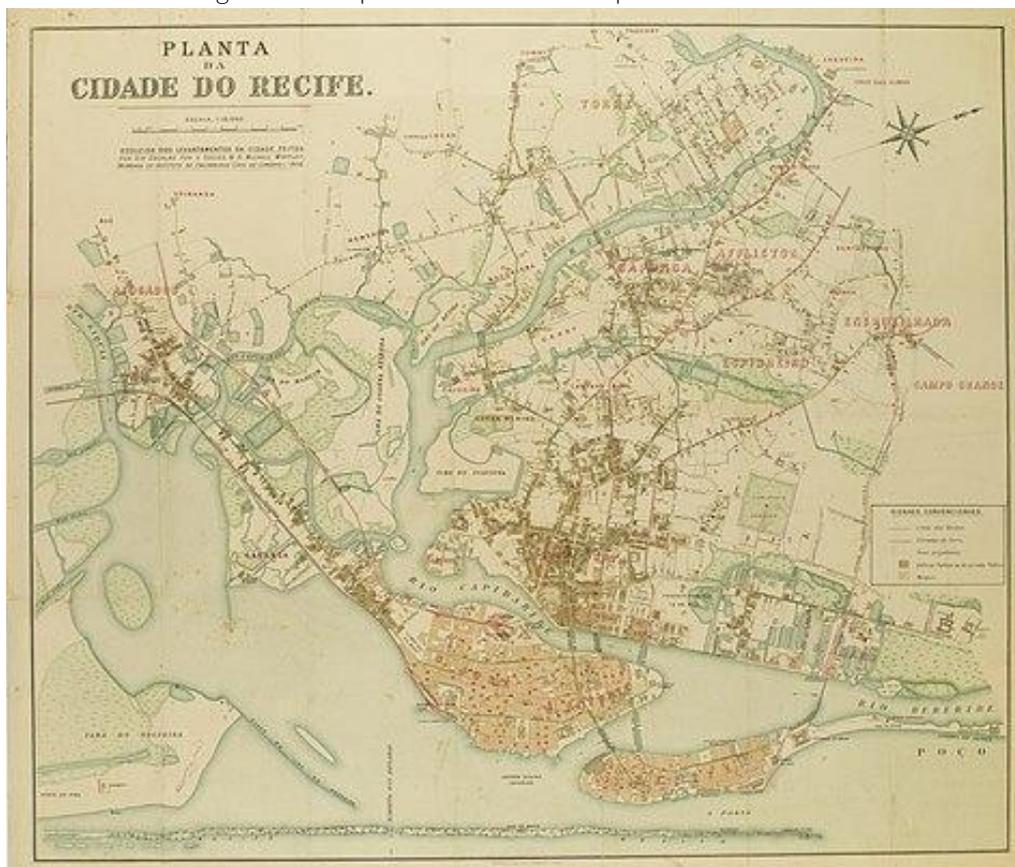
Vemos na obra de Brito o uso do saneamento como recurso de planejamento urbano, uma vez que através da implantação de redes e água e esgoto era determinado o modo como se daria o crescimento da cidade, prevendo sua expansão. Além disso, as propostas de Saturnino de Brito levavam em conta os princípios estéticos no traçado urbano sem deixar de respeitar os preceitos da higiene, e essa abordagem inovadora contribuiu para o processo de modernização das cidades brasileiras [...] A preocupação do engenheiro com a salubridade

induziu a introdução de novos espaços arborizados e livres na configuração física das cidades, além da conservação dos existentes. Em seus planos, os parques e jardins tinham função de embelezamento, saneamento e estruturação do espaço urbano (MORAIS, 2017, p. 84).

Moreira (1997) enfatiza que Saturnino de Brito vai além do plano do urbano e atua também no âmbito da arquitetura, o que pode ser visto por meio da atenção à implantação dos edifícios nos lotes assim como nas disposições das plantas das edificações, o engenheiro era adepto dos ideais de salubridade e tinha convicção que de nada adiantaria um saneamento urbano adequado se o interior das casas não seguissem os mesmos princípios de higiene, atuando no incentivo da boa iluminação e circulação de ventos pelos prédios, além da infraestrutura de água e esgoto.

Saturnino de Brito foi convidado para atuar no Saneamento Urbano da cidade do Recife em 1909, no mesmo ano em que o Congresso Médico de Pernambuco discutia a necessidade de soluções para o contexto de insalubridade na cidade do Recife que era cenário de epidemias recorrentes. Recife vinha investindo na saúde pública, mas, apesar da implantação da Companhia do Beberibe, em 1837, para implantação de abastecimento de água e da companhia de coleta dos esgotos sanitários, Recife Drainage Company Limited, em 1870, que visavam solucionar os problemas de insalubridade - discutidas no Capítulo 3 desse volume, a cidade seguia perecendo. Por isso, Herculano Bandeira, então governador do Pernambuco, formalizou o convite à Brito visando à elaboração de um plano de saneamento aos moldes modernos para a capital do Estado. Durante os anos de 1910 e 1917, Saturnino de Brito trabalhou no planejamento do sistema de esgoto e água distribuídos por pelo menos quinze quilômetros na cidade em um projeto que envolvia além das questões técnicas aspectos de melhoramentos e embelezamento da cidade, essas últimas não executadas pelo município (BURGUER, 2008, p. 128). Como base para o projeto, foi utilizado o mapeamento de 1905 desenvolvido após o levantamento pelo engenheiro inglês Douglas Fox e seus associados (Figura 52), realizado pelo governo, que definiam os limites da cidade até então. Esse projeto ficou conhecido como Projeto de Melhoramentos do Recife de 1917 (Figura 53).

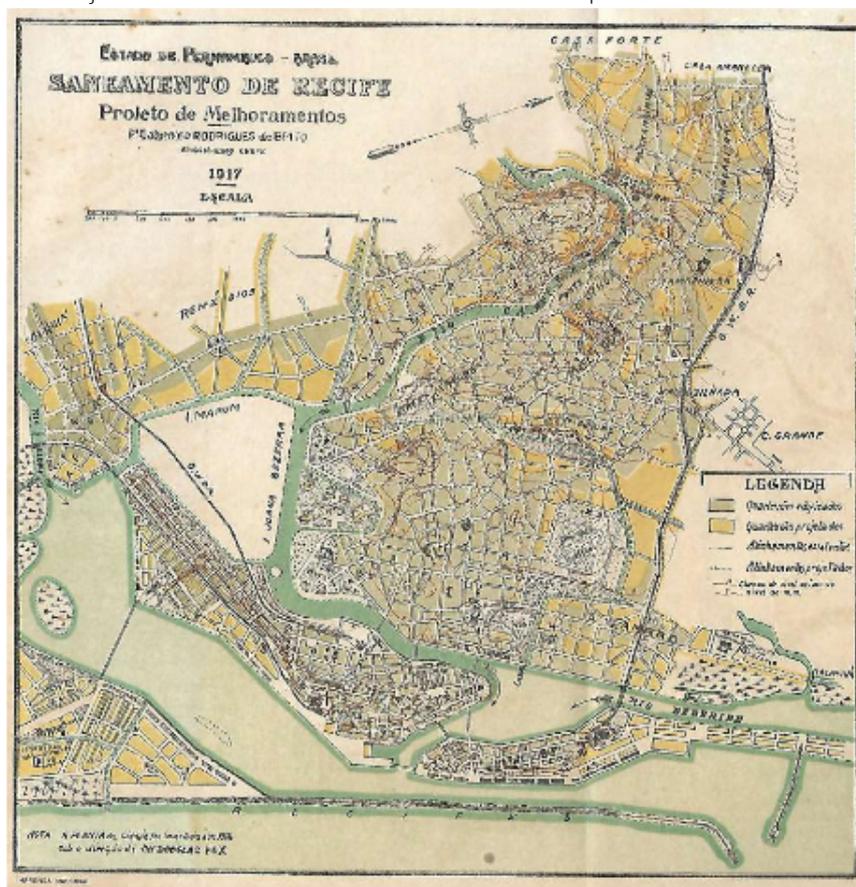
Figura 52 - Mapa da cidade do Recife produzido em 1905



Fonte: Mapa da Cidade do Recife, elaborado após levantamento do governo em 1905 pelo escritório inglês de Douglas Fox e seus associados

Saturnino de Brito não era a favor de aterros para grandes superfícies alagadas da cidade, em especial preservou as inundadas pelas marés (BRITO, 1943, p. 18), respeitando em seu projeto as regiões alagadas dentro do perímetro urbano já habitado e propondo expansões da cidade com planejamento respeitoso à natureza vigente. Isto porque priorizou no Projeto de Melhoramentos do Recife as características originais do Sítio. Nessa direção se desenvolveu também a forma de intervir na cidade de Amaury de Medeiros.

Figura 53 - Projeto de Melhoramentos do Recife elaborado por Saturnino de Brito em 1917



Fonte: Brito, 1942

A proposta sanitária de Saturnino de Brito para a cidade recifense envolvia um cuidado com a paisagem que ia além dos aspectos técnicos do sistema de esgotamento sanitário e abastecimento de água. É notória a preocupação do engenheiro com os aspectos de embelezamento urbano, como essenciais ao planejamento, apesar de não executados na completude proposta pelo município<sup>3</sup>. As margens dos canais cobertas de grama e de árvores dão ênfase ao uso da vegetação com uma função sanitária, mas alinhada à uma visão estética, aspectos que só seriam mais bem desenvolvidos no Recife por Amaury de Medeiros, por volta em meados de 1920 já eram apontados como princípios de Saturnino de Brito, como conclui Burger (2008):

<sup>3</sup> Para mais detalhes do Projeto de Melhoramento do Recife de 1917 e a sua relação sensível com a paisagem, ver trabalhos intitulados “A Paisagem nos Planos de Saneamento de Saturnino de Brito: entre Santos e Recife (1905-1917)” de BURGER, J. B. e “O Projeto de Paisagem de Sistema de Parques nos Planos para o Recife (1917-1943)” de SANTOS, L. A..

Em Recife apesar de não ter sido implantado [sic] os canais e conseqüentemente a vegetação à eles ligadas, Saturnino ainda defende a criação de parques em grandes áreas alagadas, ou ainda frente a edifícios de utilidade pública como hospitais e também cemitérios, que associados ao sistema de canais de drenagem arborizados constituiria um grande sistema de parques. Mesmo assim, essa visão de Saturnino de Brito de um sistema de parques, não foi concretizada no Recife. O Parque 13 de Maio, símbolo da modernização do Recife vai ser construído somente em 1939, ou seja, com mais de 12 anos após o relatório de Saturnino de Brito sobre o Saneamento do Recife, de 1917. (BURGER, 2008, p. 144)

Deste modo, é possível observar que o trabalho exercido por Amaury de Medeiros no ajardinamento urbano do Recife, na década seguinte ao projeto de saneamento da cidade proposta por Saturnino de Brito, recebeu influência direta dos ideais propostos pelo engenheiro com “gosto de paisagem”.

Amaury de Medeiros, se utilizou de técnicas do campo da engenharia, da saúde pública e do paisagismo alinhados aos seus valores regionalistas na busca de alcançar seus objetivos de tornar a partir da paisagem o Recife mais saudável, belo e feliz. Por meio de suas tratativas na paisagem é possível ver a influência de suas vivências e trocas no Centro Regionalista repercutindo na sua insistência na arborização da cidade, seu apego ao mangue como parte da paisagem e que não precisaria ser drenado em nome da ciência, e, em especial pelo uso da vegetação nativa nos projetos de paisagismo, que apontando ousadia na proposta de espécies locais para os jardins como uma expressão de beleza e elegância.

Fica evidente o papel de cuidado médico na atuação de Amaury como paisagista. A perspectiva de bem-estar da população aparenta estar presente nas decisões tomadas pelo diretor do DSA, nos termos tratados pelo geógrafo e agrônomo, Pierre Donadieu no Capítulo 2 deste volume. Medeiros considera o espaço verde como um meio do reconhecimento da identidade pessoal e coletiva, além de uma forma de gerar abundância de plenitude por meio da saúde e da contemplação da beleza.

## **CAPÍTULO 5 | AMAURY DE MEDEIROS E A PAISAGEM REGIONALISTA DO BEM-ESTAR**

Investigar a atuação de Amaury de Medeiros como médico e paisagista regionalista no Recife foi o objetivo principal desta dissertação. Assim, ao longo dos capítulos buscou-se refletir a relevância da paisagem na rotina e bem-estar da população e os feitos de Amaury de Medeiros no gosto pela paisagem do Recife.

Ao longo dessa construção, buscou-se também explorar a paisagem como “uma dimensão da relação humana com o mundo e a natureza” (BESSE, 2013, p. 46), tornando-se de grande importância um olhar sensível direcionado ao corpo afinal, “é pelo nosso corpo que habitamos o mundo” (BESSE, 2013, p. 47). Amaury de Medeiros foi um médico preocupado com a saúde da população, seus organismos e corpos, mas também com a saúde da cidade do Recife, sua estrutura e dinâmica, ciente de que cidades saudáveis favorecem corpos humanos saudáveis.

A sua atuação como técnico e político na direção do DSA seguiu nessa direção, demonstrando considerar a paisagem como um fator de relevância no bem-estar e saúde pública da cidade. Em seu discurso de encerramento do Congresso Regionalista, Amaury falou em nome da defesa da “nossa paisagem” (MEDEIROS, 1926, p. 3), ele aparenta ter a noção de paisagem que se desdobra no cotidiano da cidade e não se restringe ao panorama visual ou ao sublime que abarca apenas o meio natural, assim segue o discurso defendendo as árvores que compunham o cenário ordinário na cidade, concebendo-as como elementos importantes da identidade da população.

A apropriação e relação de identidade com a paisagem é um sentimento forte compartilhado entre os regionalistas e o médico ao se portar diante da paisagem urbana da cidade com pronome possessivo parecia entendê-la como “coisa pública”<sup>4</sup> e

---

<sup>4</sup> A tese “Paisagem como res publica: A Calçada do Mar do Recife” de GONÇALVES, F. C. C. aborda o conceito de “coisa pública” que abarca a coletividade da paisagem.

bem-comum, assim também parte dele. Por isso insistia na prevalência das árvores familiares que já preenchiam os jardins das casas no espaço público. A preocupação com a presença do verde e proximidade com as espécies regionais consistia também em âmbito privado, o que fica evidente no incentivo do médico aos “jardins risonhos” (MEDEIROS, 1926, p. 333) nos quintais e frente das casas. Esse incentivo ajudou a inserir o pitoresco colorido, tão aclamado pelos poetas regionalistas, nos lares além dos parques urbanos. Assim, o médico incentivou o preenchimento do Recife de espaços vegetados, implantando uma **cultura de paisagem** na cosmovisão da população e das instituições públicas.

A escolha de uma vegetação já adaptada ao clima, inserida nos espaços públicos e nas casas não apenas colaboravam para uma consciência coletiva de valorização das espécies, mas também ampliavam o conforto térmico e emocional dos espaços de convívio, favorecendo uma maior apropriação e proximidade com a natureza. Esse olhar estético de valorização das espécies locais é um destaque na atuação do médico como paisagista, tendo em vista que no paisagismo nacional prevalecia a importação de padrões estéticos exercidos no exterior, ainda com a utilização de espécimes exóticas. A prática da utilização da vegetação local em parques públicos, só é vista novamente na cidade em meados de 1934 com a atuação do paisagista Burle Marx, o que dá a Amaury de Medeiros um certo pioneirismo na criação dos jardins públicos tropicais recifenses (CORREIA, 2020a, p. 623), evidenciando a herança de cultura de paisagem fomentada pelo Movimento Regionalista e materializada na atuação de Amaury, que olha com apreço e propriedade os elementos naturais da paisagem da cidade e do estado.

O refino técnico de Amaury de Medeiros era o que o direcionava acerca das diretrizes de atuação, sua obstinação como um homem de ação - como ele mesmo se denominava - o levou a se distinguir de outros sanitaristas de sua época, pois ele não abraçava a tradição como um todo e nem o progresso como sua única bandeira, conseguiu extrair o que ambos poderiam ofertar para o que acreditava ser o melhor para a cidade, mesmo que isso envolvesse ser criticado por pares e provavelmente esse foi um dos seus maiores

diferenciais, insistir fervorosamente no que acreditava.

O Parque Oswaldo Cruz, seu projeto de autoria como paisagista e uma grande referência para os parques que seguiram durante o mandato de Sérgio Loreto, é emblemático e reúne os preceitos que defendia o médico: ordem, higiene e estética. A sensibilidade às nuances do solo do território do Recife podem ser vistas desde a decisão do usufruto da depressão do terreno já existente como um caminho viável na composição do projeto, assim como na preservação dos coqueiros do terreno deste parque como testemunhas do território. O médico-paisagista alinhou o projeto do parque com a arquitetura do prédio do Departamento de Saúde e Assistência de tal forma, que o parque parece abraçar a escadaria da edificação dando fluidez no caminhar das escadas até os bancos decorados com requinte em estilo de Art Nouveau. Uma oferta à população de um espaço de convívio, para desfrute da contemplação da beleza natural e desenhada pelo homem, além de uma “aula” materializada do que seria para o médico um espaço de bem-estar propiciador de saúde.

Apesar de não restringir a paisagem à estética, essa era uma área de grande importância nos projetos nos quais o médico esteve envolvido, o que nos indica o valor dado por ele à contemplação da beleza. Os cuidados nos detalhes dos bancos e posteamento no Parque Oswaldo Cruz, a presença de pérgulas de diferentes estilos e esculturas também no Parque do Derby, assim como o uso da água como elemento bucólico e romântico apontam para a importância dada por Amaury à admiração do belo e à contemplação na co-criação da natureza em um jardim organizada pelo ser humano. O viés estético de seus projetos não se restringe ao material, a atenção dada pelo paisagista à dinâmica de luz e sombra presente no Parque Oswaldo Cruz e para a diversidade de espaços no Parque do Derby geram uma dinâmica de exploração fenomenológica para os usuários dos parques tal qual, salienta Besse (2014b, p. 271) quando aborda o papel do paisagista como o de quem se preocupa com o fornecimento de uma experiência de paisagem pelos sentidos. A dinâmica de sombreamento aponta também a atenção dada ao clima da região, criando uma dinâmica de alívio solar ao longo dos parques, com espaços de sombra, com árvores

frondosas e a constante presença da água para alívio da temperatura característica dos trópicos e tão tratada por Gilberto Freyre.

É de se destacar na relação de Amaury de Medeiros com a saúde pública no Recife, uma visão abrangente do estar saudável, a ênfase na natureza e na beleza eram revelados na delicadeza do trato de Amaury com a paisagem. Apesar de ambientes ao ar livre serem já conhecidos à época como provedores de algum bem, Amaury insistiu na materialização e implantação de uma visão de valorização deste bem, além de trazer fortemente a regionalidade como mais um dos aspectos relevantes a uma plenitude emocional e física para a população recifense, deste modo exaltar a identidade de paisagem associando-a ao bem-estar, é um legado de seu trabalho.

Porém, não apenas ao sensível a criatividade de Amaury de Medeiros estava à serviço. É possível observar no projeto dos parques, assim como nas obras de infraestrutura urbana, as quais o médico esteve envolvido, o alinhamento das capacidades técnicas e políticas do médico. Esses projetos geraram soluções eficazes e sagazes para os problemas de saúde pública vigentes com respeito ao território e à paisagem. Um exemplo desse feito é a estratégia adotada nos lagos com as espécies de peixes predadores das larvas dos mosquitos nocivos à população, que com formatos sinuosos marcam a naturalidade do terreno e são um registro na paisagem da presença forte da água na região no qual foram implantados e a drenagem ao sul do Recife que privilegiava às margens dos fluxos d'água como terrenos plantáveis.

Esse alinhamento do técnico e do sensível no médico-paisagista é o que oferece à cidade uma paisagem fomentada pela busca do bem-estar. Besse destaca o “bem-estar” na paisagem sob uma perspectiva ética e política, defendendo o alinhamento dos aspectos sociais, estéticos, econômicos, culturais, ambientais e sanitários (BESSE, 2014a, p. 244). Amaury de Medeiros, apresentou esse olhar amplo sobre a paisagem, sua sensibilidade ao território gerou o estímulo pelo plantio da flora local, um respeito pelo relevo do solo e

uma harmonia com a identidade do território. Sua compreensão do espaço urbano como um lugar do habitar, ou seja, ambiente dos hábitos, apontavam a ciência de que os lugares moldam as pessoas e nutrem suas histórias, não seria possível analisar assim, a paisagem do Recife que Amaury buscou atuar sem considerar o contexto regionalista que estava inserida.

A “personalidade” da paisagem do cidade, era um tema recorrente entre os escritores regionalistas<sup>5</sup> e compõem parte significativa da relação íntima de identidade dos recifenses com a paisagem da cidade até os dias atuais. Os regionalistas tinham aguçado o “gosto de paisagem” e muita sensibilidade à natureza assim como aos traços arquitetônicos que marcaram a cidade em seus primeiros anos. Esse trecho do livro “Arruar” (1948) escrito por Mário Sette resume bem a relação dos regionalistas com a paisagem:

“Que lição e que entendimento proporciona o estudo e o conhecimento da nossa cidade! **O seu rosto, o seu cheiro, as suas côres, os seus sons!... Há nela um sentido que transcende de mero núcleo civilizado para atingir as raias de um templo de nós mesmos.** Em cada rua destas, em cada telhado daqueles, numa ponte, numa calçada, numa nave, num cais, num jardim, viveu também alguém que nos precedeu no mundo e nos foi querido.... **Todas as paisagens e cenários de nossa cidade impregnaram-se desses olhares antigos.** E como que procuramos adivinhar como é que esses olhos viam, o que os lábios diziam, o que os pensamentos traduziam, o que as almas sentiam... **Temos o capricho de querer viver a nossa cidade por nós e pelos nossos antepassados. Não vemos apenas o rosto da cidade, mas também seu espírito.** Na beleza do rio espraiado e sinuoso, nos reflexos das luzes, nas sombras do casario, na solidão dos sobrados, nas angústias dos becos, na quietude das alvarengas, no [sic] pinturesco do Mercado, nos cotovelos das ruas tortas, no burburinho das docas, na alacridade dos sábados, nos arvoredos dos sítios, nos terraços das pontes, nos toques das igrejas, nos apitos dos trens, nos pregões dos vendedores, no vocabulário da gente... **Tudo é nosso, tudo é expressivo, tudo é diferente das outras cidades.** (SETTE, 1948, p. 9-11)

Amaury, como regionalista, possuía também esse “gosto de paisagem”, esse lirismo na interpretação do espaço de sua cidade natal, o que é evidenciado pelo respeito ao testemunho físico urbano. Com seus projetos e intervenções, Amaury de Medeiros atuou

---

<sup>5</sup> O sentimento de saudosismo de artistas regionalistas e o registro da paisagem pitoresca do Recife é melhor abordado na monografia de título “Paisagem Lírica: O Recife nos artistas modernos” de VILAS BOAS, B. P. S.

nas “bordas, limiaries, passagens e intervalos” (BESSE, 2014b, p. 59), honrando o retrato de tempos sobrepostos e da justaposição da bagagem cultural da população das muitas épocas registradas na cidade ao passo que refletiu as necessidades de seu momento presente, tal qual, aborda Besse (2013) acerca do papel de um paisagista comprometido com o território.

A valorização dos diferentes tempos na arquitetura urbana, auxilia a população no reconhecimento de sua própria história de modo palpável através do espaço vivido, assim como na geolocalização no espaço urbano, além de preservar a paisagem já estabelecida no imaginário da população e oferecendo-a às gerações futuras.

Ao afirmar que “para resolver problemas de transito não é preciso arrazar a picareta monumentos historicos”(MEDEIROS, 1926, p. 3) e “que o bom urbanista sabe como harmonisar uma velha igreja com uma nova rua [...] para cuidar da conservação do nosso patrimonio artistico tradicional não se precisa arruinar o paiz” (MEDEIROS, 1926, p. 3), Amaury apresenta a sua veia regionalista transpondo preceitos que vigoravam em sua área técnica como sanitarista, por isso, Correia (2020a) defende que:

Um mérito [ de Amaury de Medeiros] como sanitarista foi o de ter superado os limites da higiene no tratamento da cidade. É possível que seu feito mais surpreendente - aquele que mais deve ter-lhe custado esforço, reflexão e modéstia - tenha sido seu reposicionamento em face à cidade antiga. Em meio a uma atividade febril como sanitarista e imbuído pelo "misticismo higienico" próprio aos médicos de sua geração que enveredaram por esse campo, não se negou a repensar os efeitos dessa ação sobre os vestígios do passado. Teve capacidade, sensibilidade e elegância para uma importante autocrítica, não explícita em textos, mas que pode ser apreendida nas ações do governo de Sergio Loreto. Um reposicionamento que lhe exigiu rever alguns dos métodos correntes de ação da higiene para conciliá-los com a defesa da cidade herdada do passado. [...] Assim, um mérito de Amaury em sua "cruzada sanitária" foi não ter usado seu prestígio junto ao governador e seu notório entusiasmo e operosidade

em uma investida contra os bairros antigos do Recife, rasgando ruas e pondo abaixo casarões, guiado pelas suas convicções higienistas. Recuou, enxergou mais que riscos à saúde na cidade do passado e, assim, conseguiu ir além do esperado de um sanitarista de seu tempo. (CORREIA, 2020a, p. 732)

O zelo regionalista de Amaury de Medeiros colaborou com **a preservação de monumentos históricos** e sua influência junto ao governador Sérgio Loreto nos investimentos em áreas mais afastadas do centro, manteve a continuidade do palimpsesto gerado até ali na cidade. Ao abordar o “respeito pelos testemunhos arquitetônicos do passado insere-se no bojo de uma atitude de valorização da história, da cultura e da natureza local” (CORREIA, 2020a, p. 530) e de respeito a paisagem o que rebate na esfera patrimonial da cidade compreendendo uma de suas mais ricas colaborações.

A defesa de Amaury de Medeiros aos monumentos urbanos históricos, assim como tantas de suas abordagens, estava em contradição ao pensamento vigente dos sanitaristas de sua época. A maior parte desses profissionais não conseguia enxergar benesse alguma na preservação dos antigos bairros, visando à eficácia de higiene na cidade a partir de uma tábula rasa, ou seja, através da derrubada de quarteirões e até bairros inteiros com o intuito de criar novas estruturas modernizadas e salubres.

Do mesmo modo, a técnica do médico alinhada à sensibilidade ao testemunho da materialidade e o acolhimento às “coisas da nossa terra” fomentadas pelas reflexões regionalistas torna possível creditar a Amaury também a **preservação da paisagem do manguezal recifense**, sua flora e até mesmo que de forma indireta - tendo em vista não haver relatos de sua consciência acerca do tema - a preservação da fauna desse ecossistema. Sua firmeza na proteção dos mangues em confronto à insistência da acusação de seu ambiente como nocivo e grande vilão da higiene pública, por isso passível de extermínio, sustentou o ecossistema que se mantém na cidade e é parte do imaginário dos recifenses até os dias presentes.

Deste modo é possível afirmar que o envolvimento de Amaury no espaço urbano do Recife na década de 1920 concorreu para implantar uma cultura de paisagem na cidade, ofertando-a uma **paisagem regionalista de bem-estar**, o que repercutiu no modo de conceber a cidade daquela época, seu *gênius locci* e reverberou no Recife ao longo dos anos até o momento presente:

Bem ou mal cuidadas, as praças criadas no Recife nos anos vinte - exceto Parque Amorim, que foi muito mutilado por obras viárias - sobreviveram e tornaram-se marcos definitivos da paisagem, da identidade e da vida da cidade. Contudo ainda merece atenção a contribuição que ofereceram à história dos jardins recifenses. Estudos que se debruçam sobre os jardins de Burle Marx na década de 1930 e acentuam a linguagem inovadora adotada, podem desprezar suas continuidades, especialmente na ênfase do uso de espécies da flora nativa, com os parques da década de vinte e com toda a movimentação regionalista em torno da flora local (CORREIA, 2020a, p. 623)

No seu envolvimento em projetos de infraestrutura urbana e parques públicos Amaury de Medeiros atuou de forma alinhada ao que o filósofo Jean-Marc Besse (2014b), afirma ser valoroso em um projetista de paisagem, quando indica que para pensar a paisagem em termos de projeto é preciso estar ciente e atento às problemáticas em questão, criando o projeto de paisagem como uma resposta e solução a ela. Nesse sentido, o médico cumpriu com maestria o que Besse compreende como o papel de um paisagista. Amaury, diante do cenário de uma cidade doente, ofertou espaços urbanos verdes partindo da compreensão da necessidade de identidade, contemplação, contato com a natureza e salubridade e assim materializou ambientes geradores de saúde, bem-estar e contentamento, demonstrando uma visão sistêmica e da construção de paisagens, tal qual, defende Jean-Marc Besse.

Isto posto, diante das considerações traçadas ao longo deste trabalho, as quais apresentam a figura de Amaury de Medeiros como médico-sanitarista-paisagista atento à paisagem, sensível à identidade natural e cultural do cidade do Recife e projetista de uma

paisagem regionalista de bem-estar, faz-se importante o reconhecimento da obra de Medeiros como legado significativo para a história do urbanismo, arquitetura e paisagismo da cidade do Recife, pois a paisagem produzida por meio de sua dedicação e envolvimento público marca um período significativo da história social e cultural da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massagana, 1999.

ANDRADE, I. E-J. **A idealização do espaço verde urbano moderno**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.17, n.20, p. 104-116, 2010.

ARRUDA, J. **Os canais na paisagem do Recife: Por um sistema azul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BACON, Francis. **Ensaio**. Lisboa: Guimarães Editores, 1992.

BARTALINI, V. **Natureza, espaço e paisagem como construção humana**. PAISAGEM E AMBIENTE, p. 43, 2017.

BERQUE, A. **Paysage, milieu, histoire**. In: BERQUE, A. (org.). Cinq propositions pour une théorie du paysage. Paris: Ed. Champ Vallon, 1994.

\_\_\_\_\_. **El nacimiento del paisaje en China**. In: MADERUELO, J. (dir.) El Paisaje. Huesca: Arte y Naturalesa. Actas del segundo curso, editado por la Diputación de Huesca (Espanha), 1997.

\_\_\_\_\_. **La pensée paysagère**. Paris: Archibooks, 2008.

\_\_\_\_\_. **O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica**. In: SERRÃO, A. V. (Coord.). Filosofia da paisagem: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 200-212.

\_\_\_\_\_. **A Ecúmena: medida terrestre do homem, medida humana da terra: para uma problemática do mundo ambiente**. 1993. In: SERRÃO, A. V. (Coord.). Filosofia da paisagem: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 187-199.

BESSE, J-M. **Entre a geografia e a ética : a paisagem e a questão do bem-estar**. Trad. Eliane Kuvashy e Mônica Balestrin Nunes. GEOUSP - Espaço e tempo (online). São Paulo, v. 18n. 2p. 241-252, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Estar na paisagem, habitar, caminhar**. In: CARDOSO, Isabel Lopes (Coord.). Paisagem Patrimônio. Porto: Dafne Editora, 2013. pp. 33-53.

\_\_\_\_\_. **O gosto do mundo, exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro, Eduerj, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Le paysage, espace sensible, espace public**. Meta: Research in Hermeneutics, Phenomenology, and Practical Philosophy. Vol. II, n. 2. p. 259-286, 2010.

BEZERRA, O. **Segunda Porta: Paisagem como totalidade homem-natureza**. In: VERAS, L.; BEZERRA, O.; CAVALCANTI, F.; LEITE, J.; SÁ CARNEIRO, A. R. Cadernos de Arquitetura e urbanismo: Cidade-paisagem. João Pessoa: Patmos Editora, v. 2, p. 34-51, 2017.

BORGES, R. **O Grupo Modernista-Regionalista de Pernambuco: Cícero Dias, Gilberto Freyre e a articulação entre Região, Tradição e Modernidade**. In: VIII Encontro Estadual de História – ANPUH – PE, 2011, São Paulo.

BORGES, R. **Recife lírica: Representações da cidade na obra de Cícero Dias**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco. 2012.

BRITO, S. de. **Saneamento do Recife: Descrições e relatórios**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Obras completas de Saturnino de Brito, V. VIII, 1º Tomo, 1943.

BRITO, S. de. **Saneamento do Recife: Descrições e relatórios**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Obras completas de Saturnino de Brito, V. VIII, 2º Tomo, 1942.

BURGER, J. **A paisagem nos planos de saneamento de Saturnino de Brito: entre Santos e Recife (1905-1917)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, FAU/UFPE, Recife, PE. 2008.

CARDOZO, J. **Poesia completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. Tradução de Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras. Cidade do México, IFLA AR, UAM-Azcapotzalco, 2018. Disponível em: [http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2019/10/Carta-da-Paisagem-das-Américas\\_VERSÃO\\_FINAL\\_PORTUGUÊS\\_150619.pdf](http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2019/10/Carta-da-Paisagem-das-Américas_VERSÃO_FINAL_PORTUGUÊS_150619.pdf). Acesso em: 22 ago. 2023

CASTRO, J. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

CASTRO, J. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense. 1967.

CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007.

CAVALCANTI, N. C. S. B. **Os arriscados voos da vida: práticas femininas e deslocamentos dos espaços dos gêneros nos anos 1920**. In: Barros, Natália; Rezende, Antonio Paulo; Silva, Jailson Pereira da.. (Org.). Os anos 1920: histórias de um tempo. 1ªed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, v. , p. 49-82.

CENTRO Regionalista. Diário de Pernambuco, a. 99, n.100. Recife, 30 abr. 1924. p.1

CENTRO Regionalista do Nordeste. Diário de Pernambuco, a. 100, n. 71. Recife, 26 mar. 1925. p. 3.

COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. Decreto n. 4/2005. Florença, 20 out. 2000. Disponível em: <https://rm.coe.int/16802f3fb7>. Acesso em: 25 out. 2023.

CORREA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORREIA, T. de B.. **Amaury de Medeiros e o Recife**. Arquitetura, cidade e higiene na década de 1920. São Paulo, Intermeios, 2020a.

CORREIA, T. de B. **Comércio e lazer no início do século: o caso do Derby no Recife.** Pós.Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, São Paulo, v. N 7, p. 37-60, 1998.

CORREIA, T. de B. **Gilberto Freyre e Amaury de Medeiros: tensões entre culto à tradição e messianismo sanitário (Recife, 1923-1926).** Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 28, p. 1-60. 2020b.

CORREIA, T. de B. **Movimento Regionalista: programa, feitos e legado ao Recife.** Estudos Universitários: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 39, n. 2, p. 79-116, jul./dez. 2022.

CUNHA, R. M. C.; OLIVEIRA, P. A. S.; HENRIQUES, J. E. M. R. **Corpo da Cidade: Recife na Natureza versus Natureza no Recife.** VI ENANPARQ - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2021.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

DONADIEU, P. **A construção de paisagens urbanas poderá criar bens comuns?** In: CARDOSO, I. L. (Coord.) Paisagem e Património aproximações pluridisciplinares. Évora: Dafne Editora, 2013.

DR. AMAURY de Medeiros. **Jornal do Recife**, Recife, a. LXVI, n. 139, p. 6, 17 de jun. 1923.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3497/os-buritis-do-parnamirim>. Acesso em: 24 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Tradução: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

FARIAS, E. A. **Ilustre doutor: o discurso médico como notícia através do relatório final da gripe espanhola no Recife.** In: CONGRESSO MULTIDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO

PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP. Anais... São Bernardo, SP, 2006. Disponível em: <[http://www.comunicasaude.com.br/revista/05/artigos/artigo\\_eduardo-farias.pdf](http://www.comunicasaude.com.br/revista/05/artigos/artigo_eduardo-farias.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2022.

FERNANDES, A. Cousas da Cidade. Amaury de Medeiros. Diário de Pernambuco, a. 109, n. 268. Recife, 2 dez. 1934. p. 2.

FERNANDES, A. De uns e de Outros...Diário de Pernambuco, a 97, n. 90. Recife, 6 abr. 1921. p.3.

FERNANDES, A. Diário de Pernambuco, a. 96, n. 24. Recife, 25 jan. 1920. p. 3.

FERNANDES, A. Diário de Pernambuco, a. 96, n. 84. Recife, 27 mar. 1920. p. 3.

FREIRE, M. C. M. **Arquitetura Paisagista: Uma teoria e uma práxis, entre a natureza e a cultura**. Revista Leituras Paisagísticas: teoria e práxis, n. 5, Rio Books Editores, 2015.

FREITAS, O. **Os nossos médicos e a nossa medicina**. Recife: A Província, 1904.

FREYRE, G. Diário de Pernambuco. 11/05/1924. In: **Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor**. (1918-1926). Vol. 2. São Paulo: Ibrasa, 1979.

FREYRE, G. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

FREYRE, G. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5a ed. São Paulo: Global, 2007.

GARABINI, E. A. **Parques Urbanos Aqui, Ali, Acolá**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROPARG/UFRES - Campo Grande, MS, 2004, 196p.

GOMINHO, Z. O. **Veneza americana x Mucambópolis: O Estado Novo na Cidade do Recife – década de 30 e 40**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco. 1997

GOUVEIA, B. M. **O Recife insalubre: entre a medicina e as epidemias**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis - SC. Anais eletrônicos, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439246453\\_ARQUIVO\\_ArtigoANP\\_UH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439246453_ARQUIVO_ArtigoANP_UH2015.pdf)> . Acesso em: 26 ago. 2022.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar, pensar, 1954**. Disponível em: <https://filosofiaepatrimonio.files.wordpress.com/2017/03/martin-heidegger-construir-habitar-pensar.pdf> Acesso em 22 ago. 2023.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, T. **The temporality of the landscape**. In: INGOLD, Tim. The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, Taylor & Francis Group, 2000b. p. 189/208.

JACKSON, J. B. **A la découverte du paysage vernaculaire**. Arles/Versailles: ActesvSud-ENSP, 2003.

JORNAL FON FON: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1923, ed. 37.

JORNAL FON FON: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1923, ed. 09.

JORNAL FON FON: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante (RJ), a. 1920, ed. 47.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAGE, L. B. **Paisagem como ligação entre a conservação do patrimônio e o planejamento territorial**. 2018. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola

de Arquitetura - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-B7JKQU> > Acesso em 16 jun. 2022.

LEITE, J. R. T. **Dicionário crítico da pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988. p. 420.

LUCENA, R. G. **O Desenvolvimento Urbano de Recife no período de domínio holandês entre os anos 1630-1645**. In: V Colóquio de História da Unicap, 2011, Recife. Anais Eletrônicos do V Colóquio de História. Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio, 2011. v. V. p. 1491-1502. Disponível em: <<http://www.unicap.br/colquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1491-1502.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2022.

MEDEIROS, A. **Aperfeiçoamento da Luta Contra o Mosquito nas Grandes Cidades**. In: Primeiro Congresso Brasileiro de Hygiene (Annaes). Rio de Janeiro, 1 a 7 de outubro de 1923. v. I. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Inspectoria de Demographia Sanitaria, 1926b. p. 79-80

MEDEIROS, A. **Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste**. Diário de Pernambuco, a. 101, n. 36. Recife, 12 fev. 1926. p. 3.

MEDEIROS, A. **A importante questão do exame pré-nupcial**. O Jornal, a. IX, n. 2752. Rio de Janeiro, 23 de nov. 1927.

MEDEIROS, A. **Cruzada Sanitária. Discursos**. Recife: Gráfica Pimenta de Mello & Cia. (Rio de Janeiro), 1924.

MEDEIROS, A. **Saude e Assistencia**. Doutrinas, experiências e realizações 1923-1926. Recife: Graphica Pimenta de Mello & Cia. (Rio de Janeiro), 1926.

MEDEIROS, A. **A Semana das Árvores**. Diário de Pernambuco, a. 99, n. 264. Recife, 12 nov. 1924. p.1; ECHOS da "Semana das árvores". Diário de Pernambuco, a. 99, n.267. Recife, 15 de nov. 1924b. p.4.

MEDEIROS, E. M. F. de. **Requiescat in “park”**: O Central Park sob a ótica do Cinema Norte-americano. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. (Tese de Doutorado).

MESQUITA, L. B. **Fribvrgum: o parque de Nassau no Recife**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO, 6., 2002, Recife. Anais... Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002. 1 CD-ROM.

MORAIS, J. C. **Uma solução técnica, artística e sanitária: os parques urbanos e equipamentos sanitários nos projetos urbanísticos de Saturnino de Brito (Recife/PE, João Pessoa, PB, Natal/RN)**. 2017. 139f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MOREIRA, F. D. **A formação do urbanismo moderno no Brasil: as concepções urbanísticas do engenheiro Saturnino de Brito**. Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, n. 40, p. 55-69, 1997.

OLIVEIRA, V. de. **No tempo de Amaury**. Recife: Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, FUSAM, 1975.

OLIVEIRA, W. **Geologia da planície do Recife: contribuição ao seu estudo**. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Commercio, 1942. (Tese de concurso à cátedra de História Natural da Escola Normal Oficial de Pernambuco).

OLMSTED, F. L. **Walks and talks of an American farmer in England (v. 1)**. New York: G. P. Putnam, 1852.

OLMSTED, F. L. **Public parks and the enlargement of towns**. 1870. Disponível em: <<https://eportfolios.macaulay.cuny.edu/mhc150library/files/2019/02/Public-Parks-and-the-Enlargement-of-Towns.pdf>> Acesso em: 06 de abril de 2023

OLMSTED, F. L. **The Yosemite Valley and the Mariposa Big Tree Grove**. In DILSAVER, L., M. America's Natural Parks System: The Critical Documents. Maryland: Rowman & Littlefield, 1997. (Original de 1865) Disponível em: < <http://goo.gl/UKYpsb> >. Acesso em: 06 Abril 2023.

OLMSTED, F. L. **Yosemite and the Mariposa Grove: a Preliminary Report, 1865**. Disponível em: < <http://www.yosemite.ca.us/library/olmsted/report.html> >. Acesso em 06 Abril 2023.

REZENDE, A. P. **(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20**. Recife: Fundarpe, 1997.

REZENDE, A. P. **O Recife: histórias de uma cidade**. 2a. Ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.

SÁ CARNEIRO, A. R. **Parque e Paisagem - Um olhar sobre o Recife**. 1a. ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2010. 168p.

SÁ CARNEIRO, A. R.; SILVA, Joelmir Marques da. **Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife (Fase 1)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.

SANTOS, L. A. **O projeto de paisagem de sistema de parques nos planos para o Recife (1917-1943)**. 2019. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SCHENK, L. B. M. **Arquitetura da Paisagem: entre o Pinturesco, Olmsted e o Moderno**. Tese (Doutorado) - Escola de Engenharia de São Carlos USP, S. I., 2008. 162 p.

SETTE, M. **Arruar**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

SILVA, A. F. **O projeto paisagístico dos jardins públicos do Recife de 1872 a 1937**. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SILVA, A. F. **Jardins do Recife: uma história do paisagismo no Brasil (1872-1937)**. Recife: Cepe, 2010.

SILVA, J. S. M. **A paisagem do Campo de Jiquiá: patrimônio que revela o Recife do Zeppelin**. 2022. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

TEIXEIRA, F. W. **Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX**. In: Natália Barros; Antonio Paulo Rezende; Jáilson Pereira da Silva. (Org.). Os anos 1920. Histórias de um tempo. 1ed. Recife: Ed. Universidade UFPE, 2012, v. , p. 143-180.

TERRA, C. G. **Os Jardins no Brasil do Século XIX : Glaziou Revisitado**. Dissertação : Mestre em História da Arte (História e Crítica da Arte). Rio de Janeiro, UFRJ, EBA, 1993. , 272p.

TRINDADE, J. A. **A restauração do Passeio Público do Rio de Janeiro**. Recife: Ed. UFPE, 2010. CARNEIRO, Ana Rita Sá; BERTRUY, Ramona Pérez (orgs.). Jardins Históricos Brasileiros e Mexicanos. Recife: Ed. UFPE, 2009.

VERAS, L. M. S. C. **Paisagem-Postal: A imagem e a Palavra na Compreensão de um Recife Urbano**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

VIEIRA FILHO, L. G. **Paisagismo em Pernambuco introduzindo um roteiro para reflexão**. PAISAGEM E AMBIENTE, v. 1, p. 61-67, 1986.

VIDA urbana. **O Recife e a atuação de Amauri de Medeiros**. Diário de Pernambuco. Recife. p. 3-3. 12. dez. 1931.